SERÕES

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LISBOA

FERREIRA & OLIVEIRA L.DA — Livreiros-Editores
Rua do Ouro, 132 a 138 -- LISBOA

JOÃO CHAGAS

BOM HUMOR

ACABA DE PUBLICAR-SE: Um vol. in-8.º com perto de 400 pag.

Brochado 600 réis — Cartonado 750 réis

Este livro é a escolha de tres mezes de collaboração do seu auctor com Raphael Bordallo Pinheiro que teve sempre o privilegio de se associar aos mais scintilantes espiritos do seu tempo, como Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Guilherme d'Azevedo, etc. Estes secundaram Bordallo no *Antonio Maria* e nos *Pontos nos ii*. João Chagas foi seu collaborador na *Parodia*, onde póde dizer-se, accentuou faculdades desconhecidas da sua intelligencia que só se tinha manifestado até ahi no debate politico e na polemica.

Bom Humor tem, como livro, a vantagem de não ter sido voluntariamente escripto para esse genero de publicidade. O auctor está n'elle á vontade, sem pensar no publico do livro: muda de inspiração a cada passo, porque a sua obra vae sendo feita ao sabor dos factos que vão interessando o seu espirito. O que faz a superioridade n'esta obra, isto é, o que constitue o seu valor intrinseco, é que ella poude passar para o livro sem perder nenhuma das suas qualidades: o tempo não a destruiu; está sempre fresca e viçosa.

Bom Humor, em resumo, é um livro de intelligencia, de critica, de philosophia e de arte.

SUMMARIO

Verifica-se a existencia de uma liga n'um cofre á prova de fogo — Sua Santidade e a clinica cirurgica — Em que se espera vêr a tuberculose no Tribunal de Contas — Emilio Zola na imprensa de Lisboa — Baudelaire e uma estroinice do sr. Conde de Valenças — Denuncia ao fisco de uma industria nova: a «intellectualidade» — Averigua-se que, como o sr. Ribeiro Seabra, Nossa Senhora tem uma quinta — Patriotismo e arroz carolino — Pede-se licença a el-rei para não o felicitar pela sua chegada — O Municipio e a Rua — A moral christã e o perú christão.

*
* *

Espectaculos para hoje: S. BENTO, «Resposta ao discurso da Corôa» Liberdade ás colheres, ou liberdade de pharmacia — A revolução de cima ou o fim dos trens virados — O nariz do sr. Fuschini acolhe-se ás classes inactivas: reconhece-se que elle ganhou o seu justo repouso — A Bernarda: lojas maçonicas e lojas de bebidas — O rei de Inglaterra em Lisboa, o céu, a alliança ingleza e o regimento de cavallaria 3 — Outros tempos e outros costumes, Walter Scott, o Gaspar da Viola e a «Prece de uma virgem» — A arte e a Mulher: um mólho de razões e um mólho de chaves — O telephone entre Lisboa e Porto, ou as iniquidades do Progresso — Estomagos vazios e consciencias revoltadas: adduzem-se razões, afim de demonstrar que a fome do Porto não é paga pelo sr. Lima Junior para deitar abaixo o governo — O sr. Samagaio, nós e os immortaes principios de 89 — Em que se espera ver pedir o Milagre e em que se vê pedir caldos — O Estado e o café de grão de bico — A rotação no «boulevard» dos Italianos e a senhora Liane do Pougy no Ministerio do Reino — A Honra: cita-se Crébillon e o Codigo Administrativo — O general Ascárraga em Lisboa, ou as vicissitudes da «reportage» — O culto das apparencias — Um jantar na sala do Risco e alguns pontos de interrogação — A morte do equilibrista — A «interview», o que ella devia ser e inconvenientes do conselho de Estado — A Alma e o Corpo, ou philosophia de uma escorregadella — As festas ao rei de Hespanha, Deus, o governo e o sr. Queiroz Velloso.

*
* *

Uma conferencia do sr. Dias Ferreira — Em que a Camara Municipal de Lisboa se declara coacta — Elogio do deputado Oliveira Mattos e a affirmação de que elle é indispensavel ao systema parlamentar — S. Bento e o Café Baldomero — As pateadas no ponto de vista dos interesses da justiça — A gréve dos jornaes: machinas de compôr e machinas de pensar — O crime do quartel da Estrella, ou o charlatanismo homicida — A Cidade eleitoral e a funcção civica do carneiro com batatas — Theoria do governo, ou governar não é fazer um recado — Mademoiselle Bartet e Portugal na balança da Europa — Guerra Junqueiro, o «radium» e algumas superstições tocantes — O Cancro — O monopolio dos tabacos; apresenta-se a idéa de pôr em praça o poder — Os tysicos: Margarida Gauthier e a Assistencia Nacional aos Tuberculosos — Psycologia do politico profissional — Medicina antiga e medicina moderna: o doutor Semana e o doutor Fausto — O Ascensor — O «Diario de Noticia» e um problema ardente — A Noite, no ponto de vista da primeira auctoridade do districto — Um novo povo e um novo almanach — A Barca — Um medico no poder: administração e clinica — Golpe de vista sobre a Hespanha — O Tenor — Considerações a proposito de um cadaver que pede uma borla — Procura-se demonstrar que o monopolio dos tabacos é um mau negocio — O Estado-Pae — O patriotismo e o habito das viagens — O «Times» declara a bancarrota do casamento.

Summario

MAGAZINE PAG.

A LEITURA
Quadro de A. Asti ..... FRONTISPICIO

ALFAMA — Uma digressão atravez d'este pittoresco bairro da Lisboa antiga
(*28 illustrações*) por Victor Ribeiro 175

NOSTALGIA DA LUCTA
Soneto por Domingos Magarino 189

MANKAMÉRO — N'uma estancia de banhos do Japão
(*7 illustrações*) por Wenceslau de Moraes 190

RECORDAÇÕES DA CAMPANHA CONTRA O GUNGUNHANA — Episodios e Anecdotas
(*5 illustrações*) por Eduardo de Noronha 195

AO CONDE DE ARNOSO — Na morte de seu filho
Soneto por A. d'Oliveira Soares 204

A AGUA EM LISBOA
(*17 illustrações*) 205

O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE — Na intimidade
(*13 illustrações*) 219

SUPREMA REALIDADE
Poesia por João Gouveia 226

BENITA, Romance Africano
(*4 illustrações*) por H. Rider Haggard 227

BANDOLIM
Poesia, por Moreira Cardoso 239

LENDAS AÇORIANAS — AS SETE CIDADES
(*4 illustrações*) de Raposo de Oliveira 240

A FEIRA DE LOURES
(*6 illustrações*) 243

OS SERÕES DOS BÉBÉS — AS SETE LINGUAS D'OURO
(*4 illustrações e 1 vinheta*) por Maria Pinto Figueirinhas 248

ACTUALIDADES
(*16 illustrações*) 253

OS SERÕES DAS SENHORAS (35 illustrações)

Chronica geral de Modas ..... pag. 37
Os nossos figurinos ..... « 39
Chapeus da estação ..... « 42
A nossa folha de moldes ..... « 43
Joias de mau agouro ..... « 44
Lavores femininos ..... pag. 45
Debuxos ..... » 47
Como se dispõem flores ..... » 48
Consultorio de Luiza ..... » 53
Notas da dona de casa ..... » 55

A MUSICA DOS SERÕES

O TEU OLHAR
Por Hedwiges Cardoso Bensabat, *versos de* Levy Diadei Bensabat ..... 4 paginas

Correspondencia dos SERÕES

OS «SERÕES» E A LITTERATURA BRAZILEIRA

Congratulamo-nos com o exito crescente obtido pelos *Serões* entre os nossos irmãos de raça e de lingua, alem do Atlantico. Não se pronuncia apenas esse exito excepcional pela affluencia de leitores; mais brilhantemente ainda se manifesta pela bella collaboração que nos é a miudo concedida e offerecida. Teem até hoje apreciado os nossos leitores algumas das producções, em prosa e verso, com que nos teem honrado distinctos escriptores brazileiros. E' uma agradavel noticia a que podemos dar-lhe: essa preciosa collaboração continua e acresce constantemente, e só nos peza que o espaço de que dispomos nos não permitta dar-lhe immediatamente o cabimento que merece. Entre os artigos que proximamente inseriremos, permitta-se-nos citar um brilhante estudo que propositadamente para os *Serões* se dignou escrever o eminente publicista e orador Lauro Sodré, cuja individualidade realça entre as mais celebres da politica brazileira; e uma interessante monographia sobre o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, como primeira de uma serie que a nossa revista consagrará á imprensa do Brazil, começando naturalmente pela conceituada folha que tem, entre outras, a honra de ser a mais antiga d'aquelle generoso paiz.

Outros artigos e poesias obterão egualmente em breve logar nos *Serões*, tornando a nossa revista, como é ambição nossa, um poderoso vinculo de confraternidade litteraria e artistica entre as duas nações de lingua portugueza, apartadas pelo Atlantico.

OS SERÕES DAS SENHORAS

Debuxos de lavores femininos

Recebemos a miudo pedido de debuxos, em ponto grande, dos lavores femininos que na respectiva secção apresentamos. Temos em geral satisfeito esses pedidos, pelo empenho de servir as nossas estimaveis correspondentes, embora não nos tenhamos até hoje responsabilisado por essa remessa.

De ora avante, comtudo, fieis ao proposito de melhorar e ampliar os serviços da nossa revista, em tudo quanto represente uma vantagem para as pessoas a quem devemos o credito e a prosperidade, resolvemos regularisar o serviço de remessas de debuxos, abrangendo não só aquelles que correspondem aos lavores de que particularmente tratamos n'esta secção, mas tambem os *debuxos destinados a qualquer* trabalho que as nossas leitoras queiram executar, deixando ao seu arbitrio indicar a decoração que desejam, segundo o objecto do trabalho, as suas dimensões, a sua forma, etc.

Para obter uns e outros, basta remetter á *Redacção dos «Serões das Senhoras»*, em postal ou carta fechada, todas as indicações indispensaveis. Em resposta mandaremos a nota do preço por que pode executar-se o debuxo. E, enviada que seja a respectiva importancia a esta redacção, remetteremos no mais breve prazo o debuxo sollicitado.

Isto, é claro, diz respeito ás pessoas residentes fora de Lisboa. As que residam na capital poderão, querendo, deixar pessoalmente os seus pedidos na redacção dos *Serões*, onde lhe será indicado o prazo para a recepção dos debuxos.

Pinturas em seda e setim

A redacção dos *Serões das Senhoras* encarrega-se egualmente de mandar executar por preços convencionaes, quaesquer pinturas em seda e setim, bastando que as nossas amaveis leitoras enviem a indicação da côr da seda, objecto e dimensões do trabalho, assumpto da composição decorativa, caso não queiram remetter desde logo a seda ou o setim, sobre os quaes deve executar-se a pintura.

Para quaesquer outros lavores femininos, estamos ao dispôr das nossas estimaveis leitoras, procurando quanto possivel executar as suas ordens, na medida das nossas possibilidades.

Professora de Flores

Ensina todos os trabalhos de flores em SEDA, VELLUDO, SETINETA e CAMBRAIA

Por séries, pagamento adiantado

LIÇÕES DE 2 HORAS **500 réis**

DESCONTOS:

Série de 10 lições...	10 %
» » 20 » ...	15 %
» » 30 » ...	20 %
» » 40 » ...	25 %
» » 50 » ...	30 %

Maria Carolina Pimenta

Rua de Santo Antão, 16, 2.º

LISBOA

Terceiro Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Em artigo especial, inserto no presente numero, apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

e procuramos elucidar os concorrentes sobre os intuitos de natureza artistica que inspiram estes certamens. A elles pedimos pois que leiam attentamente este artigo, afim de comprehenderem bem as condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se, e que n'este logar rapidamente resumimos.

O thema d'este terceiro concurso é o seguinte :

Um quadro photographico de composição, com figuras humanas, ou de animaes, ou das duas especies, n'um scenario de paizagem ou de interior, agrupados de forma a dar qualquer intenção, resumidas n'um titulo simples ou n'uma legenda explicativa.

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minino seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso, a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**»

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Terceiro concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 D'OUTUBRO

Titulo da photographia : .....

Local em que foi tirada : .....

Nome e endereço da photographia : .....

.....

Declaração. — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : .....

Endereço: Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira Lim.ª, Rua Aurea, 132 a 138
No verso do enveloppe a indicação: Terceiro concurso photographico.

O impulso de enthusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coracão de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a appariçao do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse soberbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar, a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórma de relembrar, nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho, escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

GUINLE & C.

Engenheiros mechanicos, hydraulicos electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brazil

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n° 7, S. PAULO
Rua dos Andradas n.os 349 e 349 A, PORTO ALEGRE — **Agencia:** Rua da Bahia, BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

Telephone n.° 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164
Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos A. I. A. B. C., Liebers Especial e Western Union

UNICOS REPRESENTANTES NO BRAZIL DAS SEGUINTES FIRMAS:

General Electric Co. Apparelhos electricos para força e luz.

Pelton Water Wheel Co. Rodas de aguas turbinas, etc.

Mercedes Daimler. Automoveis.

Babcock & Wilcox Co. Caldeiras a vapor.

J. G. Brill Co. Trucks para carros e vagons.

The Chloride Electrical Stdrage Company Ltd. Accumuladores electricos.

A. L. Ide & Sons. Machinas a vapor "Ideal"

Chicago Pneumatic Tool Company. Machinas e ferramentas de ar comprimido.

Cleveland Twist Brill Co. Brocas americanas.

L. S. Starrett Co. Ferramentas finas.

John A. Roebling's Sons Co. Cabos e fios para transmissão de energia electrica.

Billiken Brothers. Construcções de ferro, aço, pontes, etc.

J. A. Fay & Egan Co. Machinas para trabalhar em madeira.

Lozier Motor Co. Motores e lanchas a gazolina.

American Locomotive Co. Locomotivas.

Cincinnati Tool Co. Ferramentas.

Goodell-Pratt Co. Ferramentas finas.

Globe-Wernicke Co, Mobilia de escriptorio.

Worthington Punping Engine Co. Bombas a vapor.

Mietz & Weiss. Motores a gaz e kerozene.

Otis Elevator Co. Elevadores electricos.

The Gutta Percha and Rubber Mfg Co. Artefactos de borracha.

Sherwin-Williams Co. Tintas preparadas e vernizes.

Swan & Finch Co. Lubrificantes.

International Paper Co. Papel para impressão.

Hall Signal Co. Signaes para estrada de ferro.

Standard Varnish Works. VERNIZES.

Hammond Typewriter Co. Machinas de escrever.

Victor Talking Machine Co. Gramophones e accessorios.

Eastman Kodak Company. Apparelhos photographicos.

Obtem-se MAIS GRAÇA,
MAIS BELLEZA,
bebendo sómente
"SALUTARIS"
Depositarios:
ZENHA, RAMOS & Cia
RIO DE JANEIRO.

O Commentario

DESDE **1903** publica-se no Rio de Janeiro uma interessante e curiosissima **Revista,** original e util aos contemporaneos e aos futuros perscrutadores da historia da cidade.

E' espelho fiel de tudo que occorre na capital brazileira; tanto quanto possivel recordação do que ella foi; paginas de leitura magnifica no presente e no futuro.

Em seu genero foi a primeira que appareceu n'aquella cidade; e talvez, mesmo, não tenha semelhante n'outros centros populares. A sua acceitação tem sido immensa dentro e fóra do paiz. As suas illustrações, bem impressas, são sempre momentosas, de opportunidade.

São **96** paginas por mez, dando indice de quatro em quatro numeros; a sua collecção já consta, pois, de **9 volumes** de **350** a **380** paginas cada um.

O Commentario publica actualmente a 4.ª serie, principiada em Maio. Folgamos de recommendal-a.

E' revista da maior respeitabilidade: credito feito pela excellencia dos seus collaboradores, e pela superioridade dos conceitos que emitte

PASTA DENTIFRICA

HYGIENICA

Preparada na Pharmacia JULIO DO NASCIMENTO
RUA DA PRATA, 115 e 117
Unica que branqueia os dentes, desinfecta
a bocca e fortifica as gengivas
Boião 500 rs. Bisnaga 200 rs.

GRANDE DEPOSITO

DE

Moveis de ferro e colchoaria

DE

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

A. TELLES & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO

Telephone n.º 1:438

Café especial de Minas Geraes

BRAZIL

Torrado ou moido kilo 720

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Recommendamos os deliciosos vinhos da casa Borges & Irmão, do Porto, dos quaes somos unicos depositarios em Lisboa, e chamamos a attenção para os vinhos verdes, especialidade d'esta casa.

Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

FABRICANTES DA ACREDITADA AGUA INGLEZA DE GRANADO

GRANADO & C.A

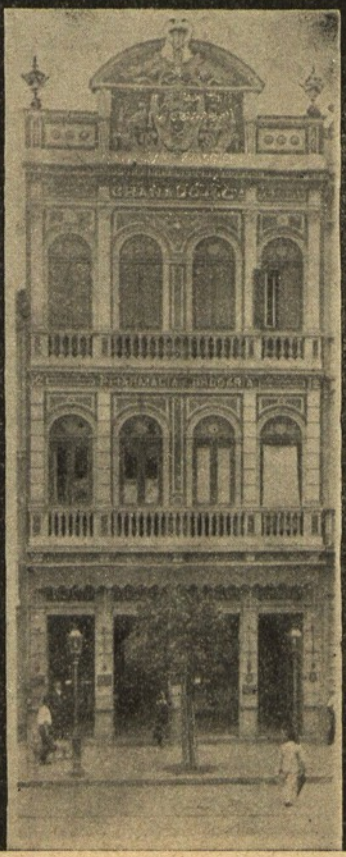
Pharmaceuticos

Droguistas

Fabricantes

RUA 1.º DE MARÇO, 12

Caixa do correio, 12
End. Teleg. «GRANADO»



Grande Laboratorio Chimico e Pharmaceutico

A VAPOR

Rua Valle do Rio Branco, 27

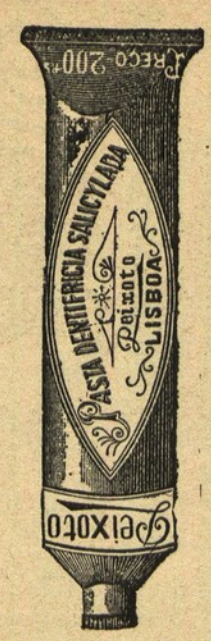
Fornecem-se preços correntes

RIO DE JANERO

CAXAMBÚ
AGUA DE
MESA

Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COZINHAS



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83

LISBOA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Poock
Poock
Casa Clausen
Rio de Janeiro

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Sociedade de Seguros
Mutuos sobre a vida
terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro	20$000	Registro	5$000
Rio de Janeiro e Estados	18$000	»	3$000
Centro Commercial	15$000		

Numero avulso: Capital 1$500. Estados 1$700. Numero atrazado 3$000

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6$000
» com registro	8$000
Numero avulso	$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3$000 para o interior e Rs. 5$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. $500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da **Renascença** — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22$000 o volume, e Rs. 40$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até a importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70 % em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Revue d'Italie — 3.º Anno — Agosto — Vol. VIII — Summario — La Triple Alliance maritime et coloniale — Les correspondants du peintre Fabre — La peine de mort — Le Roi du Cambodge à Paris — La nouvelle sainte alliance — Le faux charlatan — Chronique des Lettres et des Arts — Coins de Rome — Notes économiques — Bibliographie — La Finance et la Bourse.

Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa — Janeiro 1906 — n.º 13 — 3.ª serie — Summario — A nossa associação — Inquilinato da Industria. Cobrança de pequenas dividas — Navegação — Especialidades pharmaceuticas — Pautas ultramarinas — Serviços postaes — A catastrophe do «Aquidaban» — Bolsa de Lisboa — Fabrica da Pampulha — Almanack Palhares — Movimento de socios em Janeiro — Balancete em 31 de Dezembro de 1905. Fevereiro 1906 — n.º 14 — 3.ª serie — Summario — Manoel Augusto da Silva — Assembleia geral em 21 de fevereiro de 1906 — Aos nossos socios — Questão pautal — Crise vinicola — Balancete em 31 de Janeiro de 1906.

Os Annaes — Semanario de litteratura, arte, sciencia e industria — Rio de Janeiro 19 Julho 1906 — Anno III — n.º 90.

A Vinha Portugueza — *Revista Mensal de Viticultura e de Agricultura Geral* — Anno XXI — Agosto — n.º 8 — *Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas do paiz* — Summario — Chronica e Noticia, por F. d'Almeida e Brito — Fabrico de vinho, por Antonio Batalha Reis — O Douro e El-Rei, pelo Visconde de Villarinho S. Romão — Chronica do Norte, por Palma de Vilhena — O Douro, por F. d'Almeida e Brito — Noticias officiaes — Os escolhedores de sementes (resposta a uma consulta). A. Fossis — Vinificação, R. — Consultas — 38, manteiga com leite não desnatado — Trabalhos do mez de Setembro.

O Trafico d'Exportação — N.º 1 — Julho — Agosto — 1906 — Vol. XI.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — N.º 5 — Maio de 1906 — Vol. VIII — Summario — Vinhos naturaes e vinhos falsificados, por A. J. Ferreira da Silva — O Mildio em 1906, por João Marques de Carvalho — Esguida da Vinha, por A. Lefort — Commercio de Importação e Exportação de Palmeiras na Belgica. TRABALHOS DA ASSOCIAÇÃO — *Assembleias geraes:* Sessão de 17 de Maio, Sessão de 25 de Maio. *Correspondencia:* Officios acerca da questão das carnes — Movimento Agricola, por J. V. Gonçalves de Souza — Noticias e Informações

A Construcção Moderna — Revista illustrada — Anno VII — n.º 4 — 20 Agosto — Summario — A Muralha do Carmo — Novas installações para o seu aproveitamento util e seu embellezamento — Projecto do architecto V. Alvaro Machado — Legislação da construcção — Fundação Rothschild — Cooperativa Predial Portugueza — Fossos inodoros Mouras — Os gazes industriaes — Expediente — Filtrações d'agua — As fossas Mouras.

Os Annaes — N.º 92 — Anno III — 2-Agosto 1906.

Portugal Agricola — Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias — N.º 16 — 15 de Agosto 1906 — Summario — Estrumeiras e estrumes, Ricardo Jardim — A fixação do azoto atmospherico e os adubos azotados, F. Rapozo de S. d'Alte — Cultura horticola nos arredores de Lisboa e commercio dos productos de hortas na capital, Pedro Caldeira Castel-Branco e F. Raposo de S. d'Alte — Noções de apicultura: III, O enxame, Pedro de Castro Pinto Bravo — Conservação e valor alimentar do azeite, Diogo Folque Possolo — *Revista das Revistas*, J. V. Gonçalves de Sousa — *Informações & Noticias:* Venda de penisco — O organismo vegetal e os adubos homœpathicos — *Secção official:* Varios decretos, portarias, avisos, etc.

The Teikokugaho and illustrated monthly Magazine — The Ruzanbo Publishing Co. — Tokio Japan.

Opallium — *Revista mensal* — Anno I — Julho 1906 — N.º 2 — Pernambuco — Summario — General Travassos, Redacção — Chronica, por George-Campos — Joaquim Nabuco, por Leonino Correia — Paganismo, por M. Magalhães — Aspectos, por Theotonio Freire — Dous de Julho, por J. B. Rigueira Costa — Angelus, por Aurino Baptista — Via Mortis, por F. Solano — No album de Arthur Moniz, por Trojano Chacon — Euline, por Sebastião Vianna — O Genio e o seu estudo, por Domingos Vieira — Campo Abandonado, por Augusto Galvão — Uriel de Hollanda, por Renato Phaelante — A Satan, por João Fioravanti — A França, por Gilberto Amado — Reverso, por Araujo Filho — Fragmentos de uma carta, por Samuel Lins — Odio, por Alberto Solano — Destroços, por Barreto Cardoso — O Egypto, por Silva Lobato — Notas.

O Theatro — *Revista semanal* — Anno II — n.º II — 2.ª serie — Rio de Janeiro.

Echo Photographico — *Jornal Mensal de Sport photographico* — Anno I — Agosto 906 — N.º 3 — Esta Revista, por abundancia de original, foi obrigada a retirar duas secções que sahirão em numeros proximos: «Photographia colonial» e «Retoque de clichés» e inserirá entre outros interessantes: «Revelação Racional «breves ampliadores «Chromophotographia».

Livres — *Revista de litteratura e critica sem ambições nem egoismo* — Porto, agosto 1906 — N.º 2.

Ultima Verba — André de Resende, Lucio? — Resposta e additamento a um artigo da Senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, inserto no vol. III do «Archivo Historico», por A. F. Barata.

Revista de Manica e Sofala — 3.ª serie — N.º 30 — Agosto de 1906 — Publicação mensal illustrada — Summario — Capitão de fragata Nuno de Freitas Queriol — Conselheiro Antonio Eduardo Villaça — O territorio de Manica e Sofala em 1905 (continuação) — Um artigo notavel — Fortaleza de Sofala — Mozambique Macequece Limited — A região mineira de Manica e a sua producção d'ouro em 1905 — Variedades — Como se estabeleceu em Africa a primeira Companhia de Moçambique (continuação) — Relatorio de uma viagem, por Abeillard Gomes da Silva (continuação) — Companhia do Assucar de Moçambique — Congresso de imprensa nacional — De toda a parte — Chronica, notas e informações — Carteira da Revista — As nossas gravuras — Livros e jornaes (aquelles que nos visitam).

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Anno II — Fasc. XI — Maio e Junho 1906 — Summario — Esperando — Estratificação Ethnica do povo portuguez, por Marques Braga — O ensino da historia, por Augusto Cesar Pires de Lima — Representação do prof. Mendes de Araujo — Representação dos professores effectivos do Lyceu de Angra do Heroismo — Analyse bibliographica: Frei Gil de Santarem, por Marques Braga — Varia — Bibliographia.

A LEITURA

Quadro de A. Asti

VISTA GERAL

Uma digressão através d'este pittoresco bairro da Lisboa antiga

A Alfama! O que representa este nome para a cidade ridente que alastra pelas hortas, pelas quintas, pelos campos, assumindo uma area de muitos kilometros de raio, enchendo-se de uma população avultada, conquistando já hoje fóros de verdadeira capital, aformoseada e culta!

Assim o confessaram, illaqueados pelo conjunto de bellezas e commodidades da cidade do Tejo, centenares de extrangeiros illustres, que ha dias a visitaram, acudindo ao XV Congresso de Medicina, que n'ella brilhantemente se realizou.

A Alfama é uma reliquia da velha cidade, d'aquella Lisboa tão transformada hoje pelo terremoto como pelo camartello demolidor das vereações modernas.

Aquella parte oriental da cidade que se extende pelas encostas do monte da Alcaçova mourisca, hoje do Castello, pela do monte da Graça, e pelo valle que os divide, até á beira-rio, representa-nos a cidade velha, através dos seculos da sua historia, com todos os vestigios arabes, romanos, medievaes e da Renascença; é o testemunho vivo da estructura antiga d'aquella Lisboa, em tempos remotos cingida pela forte muralha com torres e postigos, berço de tantos heroes, ninho de navegadores e marcantes, cheia de uma população densa, apinhada em estreitas viellas, na casaria pequena, que se amontoava pelas encostas, em acumulação perigosa, de que se originaram por certo as espantosas pestes e as epidemias, que, dizimando aquelle formigueiro humano, deram origem a algumas das mais pittorescas e tradicionaes devoções, a que como unico remedio, sabiam abraçar-se os povos devotos e crentes doutras eras!

Dentro do forte castello que corôa uma das eminencias mais proximas do Tejo, e depois pelas faldas do monte adjacentes á muralha, abrigando-se com ella e com a defeza do castro, foi nascendo e crescendo a velha Ulyssipo.

Desses seus primordios são abundantes os vestigios na veneranda Alfama. A povoação cresceu. Irmã gemea da Alfama creou-se a Mouraria; conquistou-se o valle maior para occidente, com terreiros ou *ressios*, e com arruamentos, que a breve trecho se tornaram o centro mercantil da cidade, que assumia então

o papel de enorme basar europeu e oriental, onde todo o mundo vinha abastecer-se dos ininteressantes e valiosos productos das regiões acabadas de devassar por intemeratos nautas e conquistadores ousados.

Não bastando já o espaço, alastrou ainda a cidade pelos outeiros visinhos e alli surgiu um bairro, extramuros da nova cerca—o *bairro alto*, cortado de ruas mais amplas, semeado de vinhas, de olivedos, de flores e de pomares. É uma nova phase da cidade que começa no seculo XVI.

Depois o medonho terremoto subvertendo a parte central da cidade, deu motivo á grandiosa reedificação Pombalina, que persiste tambem, mostrando-nos outro typo bem differente da Lisboa do seculo XVIII. Finalmente um novo periodo de actividade reconstructora, iniciado pela vereação a que presidia Rosa Araujo, veiu transformar a capital, rasgando através da sua casaria e dos seus arruamentos mais ou menos tortuosos, as grandes avenidas, os parques, os jardins, tendentes não só a facilitar o transito e as ligações entre bairros extremos da já vastissima cidade, como tambem a sanear e a ventilar convenientemente os perigosos enxames de habitações urbanas.

ARCO DE JESUS

ERMIDA DA CARIDADE

É incontestavel que destes quatro typos bem nitidos e diversos, que a capital portugueza offerece ao estudioso e ao forasteiro, os quadros da vetusta Alfama e da Mouraria, teem, sem a menor duvida, os melhores pergaminhos, as mais antigas e curiosas tradições; ligam-se a elles os mais palpitantes trechos da historia municipal, os mais pittorescos vislumbres dos usos e costumes, da vida antiga lisboeta.

Para se apreciar porém a cidade velha, para podermos pôr na imaginação o seu quadro vivo e animado de outros tempos, com seus palacios, de que hoje nos restam ruinas, com suas ruas, beccos, viellas, alfurjas e quebra-costas, com seus arcos e postigos, recantos tenebrosos, vias sujas e escuras, com a população de pescadores, de judeus, de bufarinheiros, de artifices engenhosos, de fidalgos arrogantes, de religiosos e de clerezia, precisamos de um *cicerone* sapiente e illustrado, que a cada passo, em cada rua, em cada monumento, nos diga a significação veneravel dessas reliquias do pas-

sado. Assim como o viajante só pode visitar as ruinas romanas da Italia, com o seu Tacito e o seu Tito Livio nas mãos, para recompôr na idéa as grandiosidades da civilização dos Cesares, assim o forasteiro, o archeologo, o artista, quando queiram percorrer a Alfama, o bairro antigo da velha Lisboa, hão-de fazel-o com um guia inapreciavel, que felizmente possuimos. A cidade teve o seu enthusiastico, devotadissimo chronista, o sr. Julio de Castilho, lisboeta de nascimento e de coração, que durante muitos annos, em successivos estudos, ministrou na sua obra monumental — *A Lisboa antiga*, as mais interessantes e copiosas noticias sobre a nossa pittoresca cidade, sobre os seus monumentos, torres, muralhas, postigos, casas, ruas, palacios, sitios e memorias, bem como ácerca dos seus originaes costumes populares, tradições aristocraticas e religiosas, devoções, bulicio, vida anecdotica e familiar, tudo escripto em amaneirados capitulos que seduzem e encantam pela graça natural, simples, fluente; pela singeleza dramatica das narrativas, pela multiplicidade de episodios e de factos, pela observação fina e erudita, pelo amor apaixonado enfim, com o que illustre escriptor, herdeiro de um nome por tantos respeitos venerando, levantou á sua terra natal, o mais perduravel e glorioso monumento escripto.

CHAFARIZ D'EL-REI

A *Lisboa antiga*, nos seus sete volumes, edição da Casa Ferreira, estuda os bairros orientaes da cidade desde as origens primitivas atravéss dos reinados primeiros dynastas. Numa outra serie de cinco volumes, desdobramento do volume primeiro da collecção antiga, descreveu-nos o auctor o *Bairro Alto*.

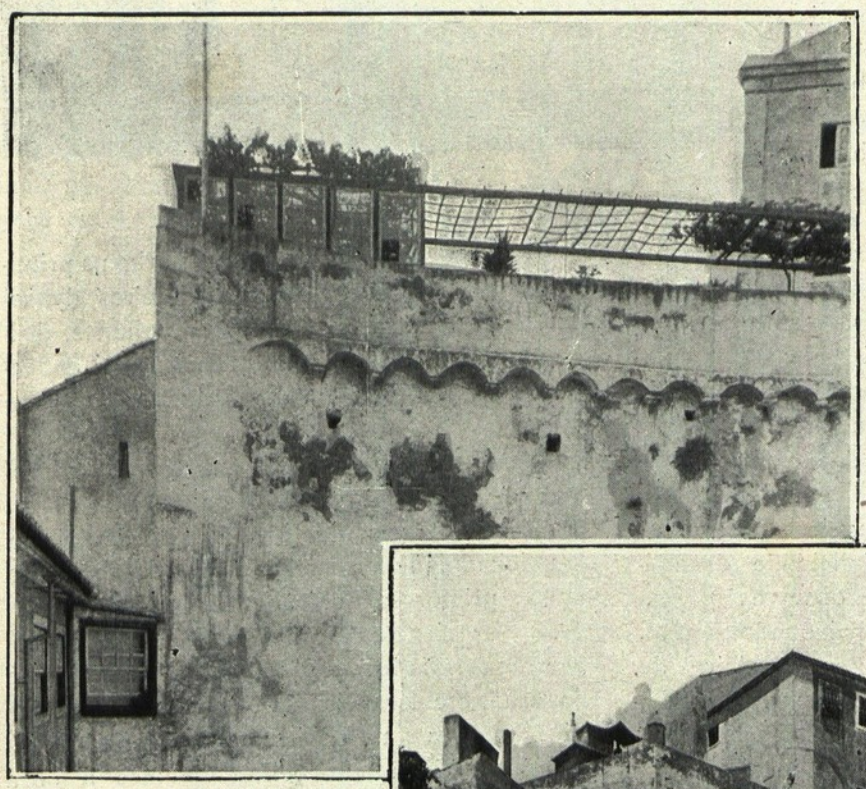
D'esta obra, como já em tempo o propoz o illustre director desta revista, o sr. Henrique Lopes de Mendonça, deveria a municipalidade, a todo o custo, ter feito uma primorosa edição monumental, profusa e ricamente illuminada pela reproducção artistica de todos os edificios e logares memoraveis da velha Lisboa. Assim o fez a edilidade parisiense mandando publiçar em bellos volumes a obra não menos preciosa — *Paris municipal*, em que se incluem, alem da parte descriptiva, a parte historica e a documental. Para supprir esta ultima a Camara de Lisboa emprehendeu a publicação louvavel da coordenação dos mais interessantes documentos do seu archivo, feita pelo illustrado archivista sr. Eduardo Freire de Oliveira, sob o titulo de — *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, obra que conta já quatorze volumes preciosos.

LARGO DO CHAFARIZ DE DENTRO

Soccorrendo-nos pois da *Lisboa antiga* e de outro manancioso repositorio de noticias, que lhe deveria andar ligado sob a mesma denominação e plano, e á qual o seu proficiente auctor sr. Visconde de Castilho deu o titulo de — *A Ribeira de*

Lisboa, vamos agora, sem por sombras intentarmos descrever a Alfama, o que levaria volumes, esboçar o itinerario de um dos muitos passeios que o estudioso e o artista podem emprehender, através d'aquelle vetusto bairro da capital.

«Eis-nos em frente da velha Alfama, a rumorosa, a historica, a marinheira Alfama! Eis-nos no coração da Lisboa antiga! Descobre-te leitor, e saúda essa avoenga



TRECHO DA MURALHA MOURA

avoenga illustre da nossa cidade de marmore!»

Assim abre o sr. Visconde de Castilho o capitulo d'*A Ribeira de Lisboa,* onde começa a descrever com minucias seductoras este bairro que Herculano definiu como — *o bairro da gente miuda, sobretudo de pescadores.*

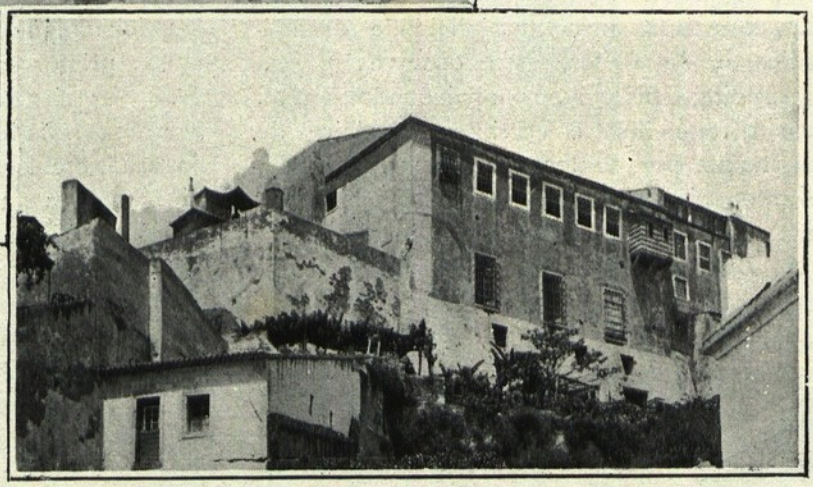
Garrett, que era um artista e um apaixonado archeologo, mostrou-se seduzido pellos encantos d'aquelle verdadeiro bairro de maritimos, agglomerado enorme de familias pobres e miseraveis, occupando-se na sua maioria da vida do mar, gente buliçosa, trabalhadora, piedosa e patriotica.

Subamos ás grimpas do monte, onde a alcaçova mourisca, velho castello roqueiro, depois convertido em paço dos reis, dominava alterosa a ridente paizagem dos campos, banhada pelo soberbo estuario do Tejo.

Desçamos da porta do Castello pela rua de S. Bartholomeu, a Santo Eloy e ás escadinhas de S. Chrispim.

É sitio este de venerandas e nobilissimas tradições. Alli era o hospital de S. Paulo fundado pelo bispo fr. Domingos Jardo, o famoso conselheiro d'el-rei D. Diniz e um dos principaes promotores da fundação da Universidade de Lisboa, em sitio não muito distante, sob o nome que ainda persiste numa rua da Alfama — a das *Escolas geraes.*

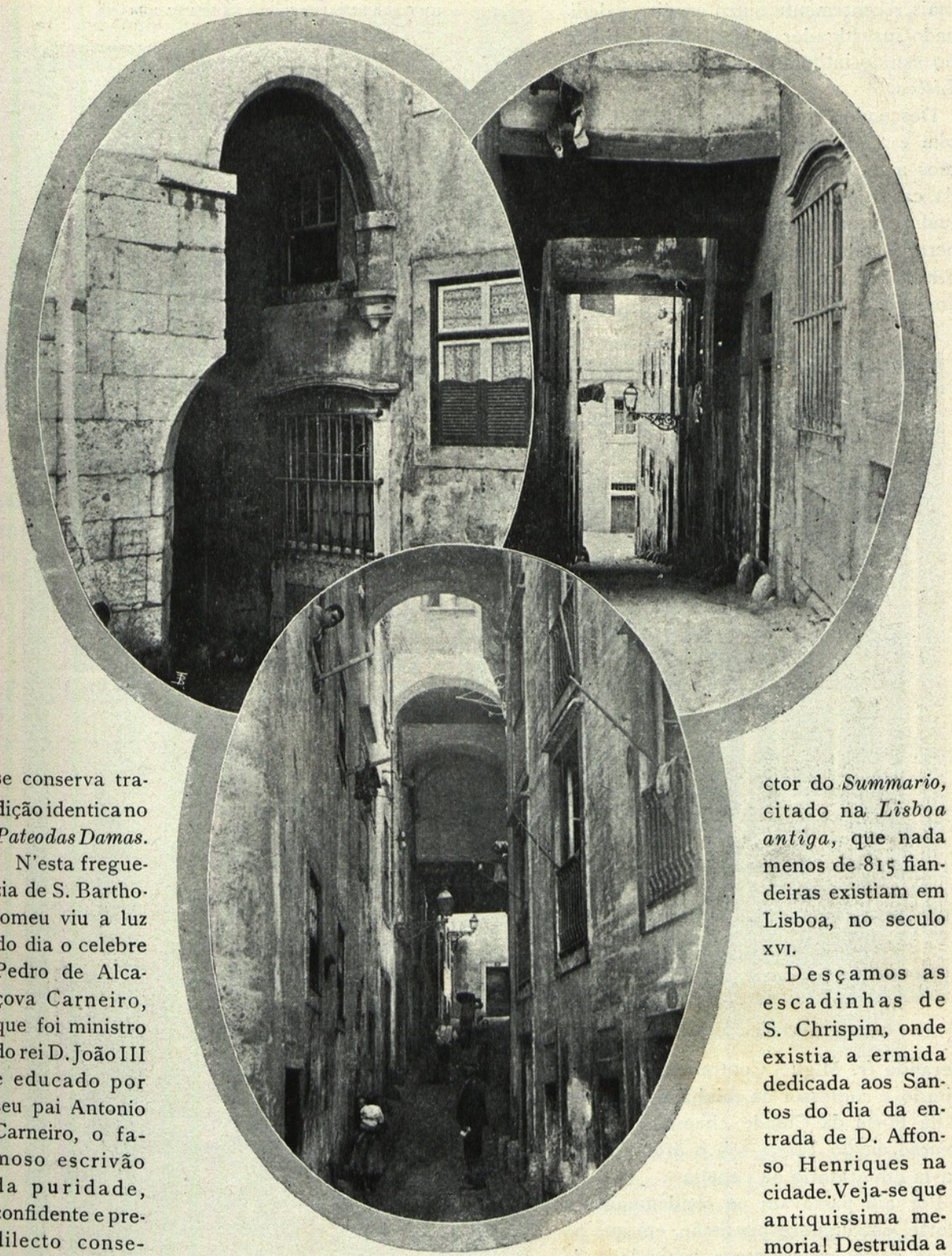
Alli houve depois o convento de Santo Eloy, e o paço real, onde assistiu a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, a fundadora das Misericordias do reino.



AS TRAZEIRAS DO LIMOEIRO

Assim os primeiros reis habitaram na Alcaçova, depois desceram a S. Martinho, a Santo Eloy e a S. Bartholomeu, passaram a Xabregas e porfim ao sumptuoso paço da Ribeira, no ainda hoje denominado Terreiro do Paço.

Da residencia regia em Santo Eloy lá ficou a tradição ligada ao nome de uma rua, á rua *das Damas,* que já vem citada em documentos de 1552, e nos lembra os aposentos das damas da rainha. Em Belem



TRAVESSA DE S. JOÃO DA PRAÇA

se conserva tradição identica no *Pateo das Damas*.

N'esta freguezia de S. Bartholomeu viu a luz do dia o celebre Pedro de Alcaçova Carneiro, que foi ministro do rei D. João III e educado por seu pai Antonio Carneiro, o famoso escrivão da puridade, confidente e predilecto conselheiro de D. Manuel.

Outra memoria curiosa se prende a esta freguezia: — a de ser o poiso antigo, bem como a da Magdalena, das afamadas fiandeiras. Dizia o ditado — *a boa fiandeira de S. Bartholomeu a toma a velha, e a mais boa da Magdalena.* D'esta industria caseira, diz-nos o auctor do *Summario*, citado na *Lisboa antiga*, que nada menos de 815 fiandeiras existiam em Lisboa, no seculo XVI.

Desçamos as escadinhas de S. Chrispim, onde existia a ermida dedicada aos Santos do dia da entrada de D. Affonso Henriques na cidade. Veja-se que antiquissima memoria! Destruida a ermida, construiu-se em logar d'ella um predio, naquella serventia alcantilada, ribanceira medonha, que vem da antiga porta da Alfofa, ao longo da velha muralha moira e dos seus adarbes, cujos vestigios inda o pesquizador intelligente determina aqui e alem, como o fizeram o sr. Visconde de Castilho e

mais recentemente outro erudito e dedicado investigador o sr. Vieira da Silva no estudo intitulado — *A cerca moira de Lisboa.*

Descendo a empinada costa de S. Chrispim e a calçada do Correio-mór, chegamos a Santo Antonio da Sé, onde alem da casa do Santo e sua egreja, que actualmente alli encontramos, se nos desperta a memoria das antigas *Casas de Senado*, de um hospital de enfermos que em tempo de D. Manuel alli creou o ve-

LANÇO DA MURALHA MOURA NA RUA DA JUDIARIA

LARGO DE S. RAPHAEL

nerando fr. Miguel Contreiras, (frade trinitario e confessor da rainha D. Leonor), e da Porta da Cidade, chamada da *Consolação* ou do *Ferro*, sob o arco da qual havia um oratorio ou capella.

Por alli passavam os condemnados á morte, em lugubre procissão, em que tomava parte importante a irmandade da Misericordia, toda de preto com as suas bandeiras, tangendo o moço do azul a campainha em badaladas plangentes.

O réo, agonizante, amparado pelo confessor, ao passar sob a porta ou arco da Consolação via no cimo o altar e o padre dizendo o sacrificio catholico da missa. Proseguindo o sinistro prestito ia á praça da Ribeira, junto ao Tejo, onde se erguiam

RUA DA JUDIARIA

LARGO DE S. MIGUEL

o pelourinho e o baraço, symbolos da justiça humana, no que ella tinha de mais cruel — a eliminação dos condemnados.

Pella encosta abaixo colleava a velha muralha até ao rio, a terminar na famosa torre da *Escrivaninha*, sitio depois occupado

PREDIO ANTIGO DA RUA DE S. MIGUEL N.os 81 A 85

pelo faustoso templo e vasto edificio com que D. Manuel dotou a nascente confraria da Misericordia de Lisboa.

Não falaremos da Sé Cathedral, essa construcção extraordinaria onde os estylos architectonicos se mixturam numa confusão adoravel, que enche de encantos e desesperos a alma do archeologo apaixonado. Nada diremos da velha egreja da Misericordia, de que só resta o formososissimo portal, ladeado de janellas rendilhadas, que hoje constitue a frontaria da egreja da Conceição Velha. São reliquias feliz-

RUA DE S. MIGUEL

mente conhecidas da maioria das pessoas cultas; não se torna necessario chamar para ellas a attenção dos nossos leitores.

Pela parte norte do edificio da Santa Confraria corria a rua de cima da Misericordia, hoje dos Bacalhoeiros, onde ainda se abrem varios arcos ou passagens sobre a linha da velha cerca moura. O primeiro é o *Arco escuro*, que ficava fronteiro á porta norte dos asylos e casas da Confraria. Estreito e sombrio, bem justifica o seu nome, e dá entrada ao beco e es-

BECO DA CARDOSA

da Sé, depara-se ao passeante a empinada escadaria do *Quebra-Costas*, que bem faz lembrar o pittoresco *Quebra-Costas* que em Coimbra, acompanha o formoso edificio da Sé Velha. Para esta escadaria estreita e escura, deitam as janellas esguias, ogivaes das capellas do claustro, entre as quaes uma havia, chamada a capella dos *Bispos*, ou da *Terra Solta*, onde se instituiu a Confraria da Misericordia. Para esta capella tinham os prelados sua tribuna, talvez com passagem para o Paço episcopal, que ficaria, presumse-se, sobre o Quebra-costas, como as moradas que el-rei D. Affonso Henriques doára á cathedral para residencia dos seus conegos, ficavam em uma viella proxima, ingreme e tortuosa, hoje desapparecida, chamada a *rua dos Conegos*, da qual como der-

BECO DAS CANAS E ENTRADA DO PATEO DAS CANAS

treita viela que segue em parallelismo á rua exterior. Mais adeante ha o Arco das portas do Mar e o Arco da Conceição, passagens abertas sob predios.

Na rua dos Bacalhoeiros depara-se-nos a celebre *Casa dos bicos* ou dos *Diamantes*, que pertenceu a Affonso de Albuquerque, filho do conquistador do Oriente, casa por elle edificada e cuja fachada principal abria, segundo parece, para a rua de Affonso de Albuquerque, onde ainda se vê o paredão de cantaria pintada a vermelho, e o resto de um columello da porta.

Mais acima ficam as chamadas *Cruzes da Sé*, a alterosa construcção ogival da velha egreja dos bispos de Lisboa, a pequenina ermida da Caridade Geral, e por detraz della um curioso beco, ladeirento e sombrio.

Volvendo para occidente pelas Cruzes

radeiro vestigio persiste apenas um largosinho pequeno, que conserva a denominação de — *largo da rua dos Conegos.*

Passada a Casa dos bicos, na rua do Albuquerque, ha o predio chamado das *Varandas*, e uma passagem por debaixo de outro predio, denominada — Escadinhas do Marquez de Lavradio. Liga a linha marginal com um pequeno largo onde se vê o antigo palacio dos marquezes de Gouvêa, de magnifico portal (que tem o n.º 13) e janella brasonada, obra que no seu tempo foi objecto de grande admiração. O poeta Thomaz Pinto Brandão, dedicou-lhe uma decima que vem no *Pinto renascido*, e nella diz

Como todo portugal
o vosso portal foi ver,
eu senhor meu, lá fui ter, etc.

Junto ao Arco de Jesus, que fica logo adeante, existem ainda tambem os restos de outro antigo palacio, o dos Condes de Coculim, cujo brasão, as faixas dos Albuquerques, se mantem ornando o cunhal, como pode distinguir-se na nossa estampa Esta vetusta mansão fidalga mereceu ao sr. Julio de Castilho extensa noticia descriptiva na sua *Ribeira de Lisboa.*

Entremos o arco, passemos pelo beco dos Armazens do linho, que limita o palacio pelo norte, e antes de chegar ao Chafariz de El-rei, que foi na sua origem um dos mais antigos da cidade, achamos outro arco, antigamente chamado porta ou postigo do Chafariz d'El-rei, pelo qual se nos abre o accesso a um dos mais interessantes e pittorescos quadros da velha Alfama.

E' a travessa de S. João da Praça, que vai subindo desde o arco que lhe dá serventia, e antigamente se chamava porta ou postigo do chafariz d'el-rei. Os predios altos cobrem a rua em varios pontos, em passadiços com janellas, ornados de azulejos polychromos. As photographias, optimos clichés do sr. A. Barcia, como todos os que servem de thema a este artigo, dão-nos uma idéa da curiosa perspectiva d'esta viella da Alfama, cujo terminus superior, não menos pittoresco, se aprecia bem na nossa gravura. Ao entrar o arco quem attentar na parede, á direita, verá sobre a porta que pertence ao chafariz d'el-rei, esculpidos em pedra, dois formosos galeões ou caravellas.

Não refeito ainda o passeiante da impressão indelevel que deixa no espirito

RUA DA RIGUEIRA

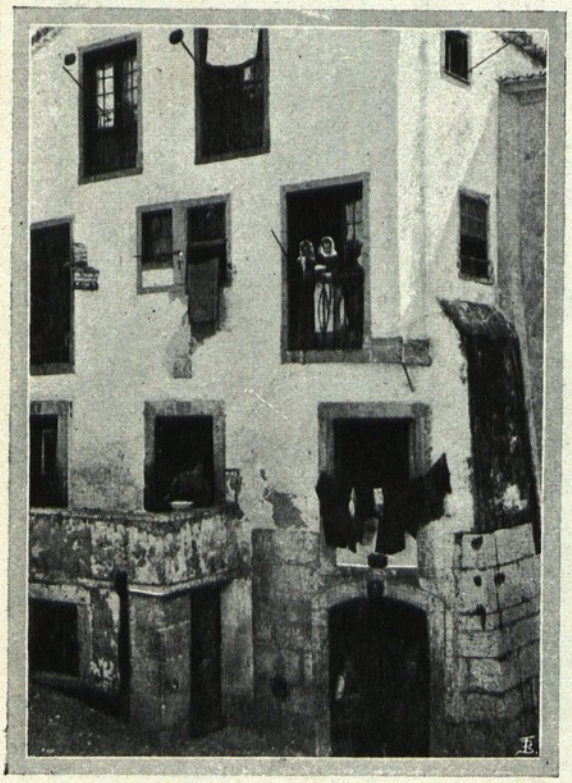
RUA DA RIGUEIRA

a viella medieval, de que as nossas estampas reproduzem tres aspectos, quando andados alguns passos, se acha na rua de S. João da Praça, ante uma porta que tem o n.º 18, e transpondo-a, atonito, vê um pateo, denominado vulgarmente do Condeixa, antiga propriedade do senhor de Murça, onde á direita se ergue alteroso paredão, que é uma das veneraveis reliquias da cerca moura da cidade, cuja directriz foi cuidadosamente estudada pelo sr. Vieira da Silva, no magnifico estudo que já citámos.

No alto da muralha vêem-se os cachorros de pedra salientes, ligados dois a dois por abobadilhas, restos certamente das antigas balestreiras ou ameias, de onde os guerreiros disparavam sobre o atacante os tiros de suas béstas. É a

mesma muralha, primitivamente reforçada de torres e quadrellas, de que restam fragmentos na rua da Judiaria, no largo de S. Raphael, na travessa do Chafariz d'El-rei, talvez por baixo dos alicerces do Limoeiro, no largo das Portas do Sol, ou no antigo arco de Santa Luzia, e tambem no pateo de D. Fradique.

Proseguindo o passeio pela rua e calçada de S. João da Praça, chega-se á encruzilhada de onde de subito o visitante avista na sua frente, em alpendorada perspectiva, as trazeiras da Cadeia do Limoeiro, paredões enormes crivados de janellas gradeadas, restos actuaes dos antigos paços *de apar de S. Martinho, da*



RUA CASTELLO PICÃO

Moeda ou *dos Infantes*, de remotissima construcção, firmados nos grandes jorramentos de cantaria, restos provaveis da muralha moura.

Esta vista panoramica, uma das mais alegres e vivas d'este artigo, foi tirada com grandes difficuldades de umas janellas do segundo andar do antigo predio do senhor de Murça, com entrada pelo alludido pateo, graças á amavel concessão das locatarias, já affeitas e de bom grado a similhantes importações de artistas amadores de bellezas archaicas da Alfama.

Logo, andados dois passos, no largo de S. Raphael erguem-se as altas paredes do adarve mourisco, denominado da *Alfama* ou de *S. Pedro*, hoje coroadas pelas bocolicas verduras de um pequeno quintal particular. A certa altura da muralha ha duas curiosas gotteiras, de esculptuura antiquissima, representando como que umas caras de mouros, largas, redondas e chatas, de singular desenho.

A esta torre, prende-se outra, que fica mais abaixo, junto ao Chafariz d'El-rei, por um lanço de muralha que desce ao longo da inegualavel rua da Judiaria. N'este lanço notam-se duas sacadas sobre cachorros ou misulas de cantaria, e superiormente a ellas uns restos de qualquer antigo palacio, com formosas janellas geminadas e ornamentadas, de bello marmore e gracioso desenho.

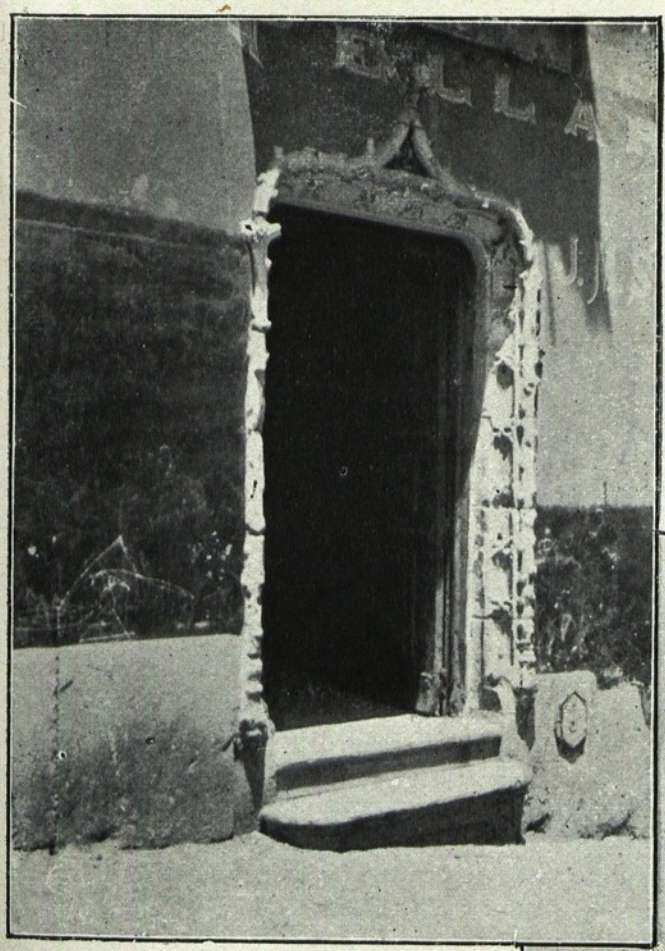
Eis-nos chagados pois ao coração da Alfama, a um sitio cujo nome e aspecto nos evoca um mundo de antigas tradições historicas! Era alli um dos bairros privativos, onde na edade media, se encurralava a colonia dos astuciosos, intelligentes e activissimos judeus, sempre perguidos pelos absurdos fanatismos catholicos.

Reclusos primeiro na sua Judiaria, no sitio da Pedreira (hoje do Carmo), num arruamento suburbano, extramuros da cidade, vieram depois para a Ribeira, onde tinham sua *esnoga grande*, e dalli uma parte da população judaica entrou para dentro da Alfama, diz o sr. Visconde de Castilho, a quem vamos sempre seguindo. Assim se formou a *judiaria* d'Alfama, nas viellas que vinham entestar com a praia, como esta, que vem do largo de S. Raphael, descendo pela encosta, até ao Terreiro do Trigo, antigo *Campo da lan*, onde desemboca pelo *Arco do Rosario*.

Dentro de um recinto, fechados com cadeias, viviam os judeus, como os mouros nas suas *mourarias*, fóra das leis e dos costumes, cobertos de oppróbrio nos trajos e distinctivos que lhes impunham para bem serem conhecidos. E apesar de tudo eram elles os astrologos, os medicos, os banqueiros, os mais ousados commerciantes, com influencia decidida pela sua intelligencia e astucia até na côrte dos soberanos. Espoliavam-os com as *sizas judengas*, e elles enriqueciam o paiz com a sua incansavel e bem dirigida actividade.

Estudos proficientes e numerosos temos de Antonio Ribeiro dos Santos, de Alexandre Herculano, dos srs. Mendes dos Remedios e dr. Sousa Viterbo; todos elles, esclareceram os estudiosos ácerca da colonia laboriosa e perse-

guida que enxameava, apartada da população christã por um estigma infamante, filho do fanatismo estulto na *judiaria*, de que nos resta a memoria triste, n'uma das mais pittorescas e interessantes viellas da velha Alfama! Tem ainda um sabor de vida oriental aquellas casas, e gente que por alli móra, pobre miseravel, na sua semi-nudez, de pés descalços, e o rapazio turbulento, gritador, vivendo na rua pelos



UMA PORTA MANUELINA NA RUA DOS REMEDIOS

degraus das portas. Identico é o aspecto das ruas e largos convisinhos — a rua de S. Mignel com uma curiosissima casa de edificação antiquissima e o beco da Cardosa, com sua casaria velha, alcantilada sobre as escadas e degraus, a egreja de S. Miguel d'Alfama o curioso beco das Canas e a rua da Rigueira, convergindo todo este dédalo de becos estreitissimos, de alfurjas, e travessas para o não menos pittoresco e historico sitio do Espirito Santo d'Alfama hoje rua dos Remedios, e egreja e largo de Santo Estevão.

Na nossa estampa de pag. representa-se a velha casa, onde o sr. Julio de Castilho, com a sua alma poetica, envolvida nas dobras expessas da erudição de archeologo phantasiou um dos mais bellos quadros do seu cancioneiro das *Manuelinas*, intitulado — *Breitiz a linheira*. Foi naquella casinha d'outras eras, que o inspirado poeta imaginou a sua formosa linheira, a orfã lacrimosa, a honesta e prendada filha de Ruy Chapuz. Era ali que:

Atraz da adufa escondida,
Breitiz junto ao parapeito
cose, e vae cantando a eito
alguma trova sombria,
lá do tempo dos avós;
eu, quando passo na rua,
escuto aquella harmonia,
e abençôo aquella voz.
É que não ha neste mundo
voz mais doce e feiticeira,
que a de Breitiz, a linheira (1).

(1) *Manuelinas, Cancioneiro de Julio de Castilho*, Lisboa 1899, pag. 31.

PORTA DA ERMIDA DO ESPIRITO SANTO NA RUA DOS REMEDIOS

Era por ahi principalmente o povoado de pescadores, como o define Bluteau — «agglomerado de familias pobres, que só viviam da pesca; velhacouto escuro e tortuoso, que os loquazes *Mancis d'Alfama* (como em estylo plebeu se chamava aos trabalhadores do mar) tornavam muita vez perigosissimo pelas suas frequentes rixas». Assim nol-o descreve o sr. Visconde de Castilho na sua *Ribeira de Lisboa*. E prosegue:

«Na orla, á beira-Tejo, agazalhavam-se e compunham-se as barcas pescadoras, as muletas da sardinha, as faluas cacilheiras, os sáveiros de agua-arriba, e até observa frei Nicolau de Oliveira — *navios de alto bordo, com que se navega para as conquistas, e são muitos* — accrescenta elle.

«E diz-nos um antigo poeta descrevendo o sitio:

A praia logo de Alfama
se amostra mais descoberta,
e o logar d'onde ancoram
suas indas caravellas.

As muitas que aqui se ajuntam
em qualquer dia de festa,
com as ancoras no mar,
e as prôas postas em terra,

fazem vista tão aprazivel,
e tão galharda presença,
que julgareis que Neptuno
coroado vos festeja.

Depois de expulsos os judeus ficaram os pescadores com a sua linda ermida do Espirito Santo, de bello portal manoelino, junto da qual ainda alguns restos se divisam em varios predios de portas e janellas da Renascença. Taes são as duas que existem ainda na rua dos Remedios, n.º 29, e na calçadinha do Santo Estevão n.º 2.

Era naquelle sitio do Chafariz de Dentro, como hoje se chama, e d'antes do *Chafariz dos Cavallos*, um dos sitios mais movimentados e concorridos da Alfama, que se extendia a praia e um chão, verdadeiro monturo, dizem documentos coevos, onde os pescadores varavam seus bateis, barcos e caravellas, no inverno ou por occasião de tempestades no rio; era um extendal de redes e de vélas, atulhado de mastros, de vergas, de madeiras.

Os pescadores do alto d'Alfama constituiam corporação poderosa; tinham sua confraria com singulares e curiosos privilegios. Um destes era o do uso das tumbas para os enterramentos dos irmãos, privilegio que lhe foi contestado pela Confraria da Misericordia em 1602, não conseguindo esta após demorados pleitos, desapossal-a daquelle direito tradicional, e obtendo apenas restringir-lhe a applicação aos enterros dos mareantes confrades do Espirito Santo.

Sahiam a miudo os pescadores d'Alfama em procissões devotas pela cidade, quer por occasião de grandes festas da capital, quer pela celebração annual do Corpo de Deus, a qual rivalizava no dizer de um escriptor de 1584 com a grande procissão da Cidade.

Junto ao Chafariz de Dentro, ao entrar a rua de S. Pedro, chama a attenção uma curiosa casa antiga, ornada de duas columnas de pedra, que sustentam o pavimento do 1.º andar, em sacada sobre a rua, como a nossa ultima est. nos está mostrando. O vandalismo usual e o desleixo camarario permittiram que estas columnas fossem recentemente pintadas a oleo, com escandalo de artistas e archeologos, mas com a annuencia das repartições technicas da camara.

Daqui, subindo de novo a Santo Estevão, em cujo largo, que circumda a egreja, se ergue o cruzeiro, um dos raros que o camartello demolidor deixou illseos na cidade, e que o sr. dr. Sousa Viterbo descreveu no seu interessante estudo — *Cruzeiros de Portugal*.

Fecharemos o passeio, não sem apontar ainda, o grande arco, que no largo de Santo Estevão dá accesso ao beco do Chanceller, o parapeito do adro da egreja de onde se descortina para o Tejo um soberbo e inesperado panorama, o mosteiro do Salvador, com seu passadiço sobre a rua do mesmo nome, a rua do Castello Picão, a rua das Escolas Geraes, muito deturpada já com demolições, e até invadida pelo carro electrico, e porfim o Largo de S. Thomé, de onde se sobe ao *Menino Deus*, largosinho onde campeia uma casa antiga, que é um dos mais bellos especimens da construcção portugueza do seculo XVII, a que representa a nossa estampa, como outra que existe tambem illesa de vandalicos enxertos, na rua dos Cegos, que vem do Pateo de D. Fradique para a rua de S. Thomé.

Voltem depois o artista e o forasteiro, quando satisfeita a sua curiosidade pela observação directa de todos estes sitios pittorescos, destas ruas sombrias, estreitas, tortuosas, destes becos, alguns dos quaes,

perigosas dos brigões, em que ainda hoje não raro relampeja a lamina das navalhas afiadas; terá assim uma idéa esbatida da Lisboa tradicional, cheia de scenographias maravilhosas.

O extrangeiro extasia-se sempre ante este espectaculo novo e caracteristico.

CASA NO LARGO DO MENINO DE DEUS

CASA DA RUA DOS CEGOS

como o beco da Bicha apenas medem meio metro de largo, destas velharias archeologicas, restos da cidade antiga, voltem depois, diziamos, em um domingo á tarde, quando o formigueiro humano que reside naquella agglomeração de casas infectas e pequenissimas se expande pelas ruas e terreiros, com as familias, o mulherio endomingado, a creançada gritadora e turbulenta, em descantes e guitarradas pelas tabernas pelos armazens, como em dia festivo de arraial d'aldeia, e sentirão a idéa remota da cidade d'out'ora, em que havia os peditorios numerosos pelas ruas e pelas portas, os mealheiros e as arcas pelas ruas, os nichos com santos alumiados nocturnamente por lampada bruxuleante, sustentada pelo azeite de devotas almas, as tabernas infestadas de ribeirinhos e vadios, os *frigideiros* do Mal-Cosinhado, frigindo peixe pelas ruas, á porta das lojas, enchendo tudo da fumaceira acre e suffocante do azeite frito, como ainda não ha vinte annos se via em algumas ruas dos bairros de Setubal, as rixas

Ha dias o inglez mr. Adolph Smith, um medico notavel, correspondente do *Lancet* de Londres, escrevendo da sua estada em Lisboa, dizia da Alfama:

«É um verdadeiro labyrintho de ruas estreitas e tortuosas, em grande parte em rampas e escadarias. O interior das casas ordinariamente é muito sujo, mas em geral no arranjo da cama nota-se maior cuidado que nos antros das grandes cidades inglezas. O amor aos travesseiros bordados ou por outro modo ornamentados e á roupa da cama limpa e at-

LARGO DE SANTO ESTEVÃO

CRUZEIRO DE SANTO ESTEVÃO

ARMAZEM DAS COLUMNAS, NA RUA DE S. PEDRO

trahente é um estimavel caracteristico das classes mais pobres de Portugal. A municipalidade, por seu lado, diligenceia limpar estas ruas estreitas e insalubres, mas tudo é insufficiente para contrariar as devastações da pobreza e da ignorancia, bem como da accumulação e da falta de ar e de luz. A rua mais estreita que vi foi o beco da Bicha, que dá para a rua S. Miguel. Com certeza que não tem mais de dois pés de largura e duas pessoas que vão em sentido contrario não poderão passar. É este bairro que offerece maior numero de casos de tuberculose.»

Esta ultima nota vem cair como um duche de gelo no nosso enthusiasmo de artistas. Este formoso bairro medieval, encravado na moderna, vasta e alegre cidade do Teio, segundo os aturados estudos demographicos do nosso distincto medico sr. dr. Antonio de Azevedo, que é, tamhem um apaixondo artista amador das bellezas da archeologia, contem as freguezias que maior numero de victimas registam na percentagem da sua estatistica obituaria.

D'este facto veiu a idéa, tida como necessidade inadiavel, de *melhorar* a Alfama, por meio de demolições e alargamentos. A proprosito deste projecto aventado desde 1852 diz o Visconde de Castilho, na citada *Ribeira:*

«Não admitto (salvo o devido respeito) que melhorar a Alfama seja cortal-a de avenidas e alastral-a de largos. Alfama é um livro interessantissimo, que a picareta moderna profanaria ignobilmente. A maneira de melhorar Alfama seria conserval-a quanto possivel na sua architectura e feição archeologica, buscar fixar-lhe o plano medievo, modificar no antigo risco as egrejas e as casas, a pouco e pou-

co, e manter aquelle fragmento desde a Adiça ás Portas da Cruz, e desde as Escolas Geraes até ao Almargem, em toda a sua apparencia velha de cidade primitiva.

. . . . . .

«Vejam o que faz Bruxellas, que restaura com carinho de artista as suas velharias municipaes. Vejam o que faz Bruges, onde não ha licença para adulterar o antigo risco dos edificios, e onde a cidade é portanto o mais instructivo e formoso dos museus. Façamos o mesmo nós. Seja a Alfama o nosso museu.

. . . . . .

«Quem possue um precioso manuscripto truncado, roto, do seculo XIV, com illuminuras em volta das margens, e lettras iniciaes ainda doiradas, não o manda intercalar de paginas em typo Didot, impressas em velino allemão, nem o entremeia de caricaturas de Gavarni, nem o manda encadernar em *chagrin* com doirados em estylo imperio.

«Alfama é o nosso manuscripto; não o profanemos!»

(Clichés de A. Barcia.)

VICTOR RIBEIRO.

Nostalgia da lucta

O coração vasio de chimeras,
n'alma a noute mais triste e mais sombria;
no silencio da cella succumbia
esse monge, um templario de outras eras.

No seu tempo, entretanto, se dizia:
n'essa quadra floral de primaveras,
lança em riste, nas pugnas mais severas,
ninguem melhor, de certo venceria!...

Das façanhas de outr'ora hoje bem longe,
do escudo e do montante separado,
a saudade minava o pobre monge...

A saudade — amarissima cicuta!
á saudade das pugnas do passado,
a nostalgia acerrima da lucta!

Rio de Janeiro — 1906.

Domingos Magarino.

OS PINHEIROS DE MAIKO

Mankaméro

N'uma estancia de banhos do Japão

MANKAMÉRO? Sim, não ha engano: — *Mankaméro.* — O termo parecer-nos-ha acaso arrevezado, a nós, ouvidos barbaros; mas não o é, por certo, para labios e ouvidos japonezes. Apresso-me a dizer que encerra mesmo um conceito delicado, como passo em seguida a explicar. *Mankaméro* é a denominação de uma famosa *chaya*, de um restaurante japonez, cerca de Kobe; *man* quer dizer «dez mil annos»; a traducção de *kamé* é «tartaruga»; e *ro* é um suffixo que serve para indicar certos estabelecimentos, como restaurantes, hospedarias, etc.; de sorte que o nome de *Mankaméro* (exemplo curioso da construcção agglutinante da linguagem) pode perfeitamente traduzir-se em portuguez por «A hospedaria da tartaruga de dez mil annos.» A tartaruga, bruto pouco estimado no Occidente, é pelo contrario tido em apreço no Japão, assumpto vulgar de esculpturas e desenhos; sabe-se que gosa de uma existencia muito longa; é por este facto um symbolo de perseverança, de constancia, de longevidade, de felicidade; é commum o nome de mulher *O-Kamé-San* (a Senhora Tartaruga); e assim a palavra que apontei, como mil e mil outras adoptadas para divisa de empresas de negocio, representa uma invocação de bom agoiro, que agrada ao proprietario e aos seus freguezes e por-

ENTRADA NO PARQUE DE MAIKO

ventura lhes é presagio de benesses. Já que fallei em tartarugas, mencionarei que não é raro dar-se o caso de ver-se o pescador lançar de novo ao mar a tartaruga que pescou, após haver gravado na casca uma inscripção, com a data e com o seu nome; isto em respeito pelo bicho e tambem certamente em memoria de Urashima, o amoravel pescador de quem resa uma das lendas mais sentidas d'este povo. Ajuntarei ainda que no Olympo japonez figura a tartaruga sagrada *Minogame*, contando não sei quantos milhões de annos de existencia, arrastando — coisa estranha! — uma enorme cauda aberta em leque; e aquelles que não se contentam apenas com gentilezas mythologicas derivam o tal appendice da circumstancia de algumas velhas tartarugas apresentarem a casca coberta de limos e de algas, pendentes em longas franjas verdes...

Mankaméro está situado na formosa praia de Maiko, a curta distancia de Kobe. Alliando-se em regra, no Japão, a realidade com a imagem, as coisas que vemos e que palpamos com a filigrana invisivel da chimera, convem ir devagar nas descripções, se queremos mungir do assumpto o inteiro encanto. Maiko (*mai-ko*, «dançar-rapariga») é o nome que se dá ás jovens *gheishas*, empregadas especialmente na exhibição das danças. Ora, a praia referida, que se alastra em ampla planicie que fofas e loiras areias atapetam, e por onde surge uma multidão de vetustissimos pinheiros, tomou esta denominação precisamente porque os ramos e os troncos d'estas arvores, torcidos e retorcidos pelos vendavaes do oceano e pelos mil caprichos casuaes durante seculos e seculos, lembram á imaginação japoneza os vultos das graciosas dançarinas quando estendem os braços em mimica, se inclinam em requebros, já para a direita, já para a esquerda, já para a frente, aos rythmos soluçantes das guitarras... Maiko é um poiso querido d'esta gente, durante os grandes calores do estio; abundando as *chayas*, onde a multidão acampa para saborear o modesto repasto nacional; captivando a sombra dos pinheiros; o mar attrahindo sobretudo, como que convidando a largar o *kimono* e as sandalias sobre a areia, a poisar a planta do pé nú no solo humido e a investir com a vaga...

A PRAIA NO VERÃO

UM JANTAR EM MANKAMÉRO

De modo que o *Mankaméro*, assente á babugem das ondas, acha-se deliciosamente collocado para regalo dos clientes: por uma das suas faces, escancara as vastas varandas á brisa salgada, aos horisontes azues da paizagem marinha, animada pelas peripecias pittorescas da população piscatoria, pelas velinhas brancas que sulcam, pelos paquetes enfumarados que passam, pelos contornos distantes das terras fronteiras, — Kü, Awaji; — pela outra face, é o parque verdejante, é a eterna dança dos pinheiros vetustos, o vôo e o pio dos corvos, ao longe as collinas acavalladas, vestidas de vegetações paradisiacas.

PESCA EM MAIKO

Ora, foi no *Mankaméro* onde, ha poucos dias, me encontrei, para assistir a um jantar offerecido pelos consules estrangeiros dos districtos de Hiogo e de Osaka ás auctoridades japonezas; note-se que amabilidades d'esta ordem trocam-se aqui de quando em quando, entre consules e nipponicos. O leitor, supponho eu, viria com prazer tomar parte no festim, com bilhete de ida e volta de Portugal até aqui; embora os joelhos lhe doêssem quando em postura japoneza, o exotismo dos manjares lhe contivesse o appetite e a mão inexperiente se mostrasse incompativel com o manejo dos dois pausinhos de preceito, substituindo o garfo e a faca occidentaes. Quanto porém á descripção d'este festim, estou quasi convencido de que a dispensa de bom grado; ou, pelo menos, prescinde de minucias importunas. Vou pois, nas linhas que se seguem, adoptar quanto possivel a fórma litteraria telegraphica, no proposito meritorio de tornar barata a expedição d'esta noticia; tal *barateza*, entenda-se, é claro, no sentido de poupar longos enfados a quem benevolentemente me fôr lendo. Sem mais preambulos, segue pois o *telegramma:*

LUAR DE MAIKO

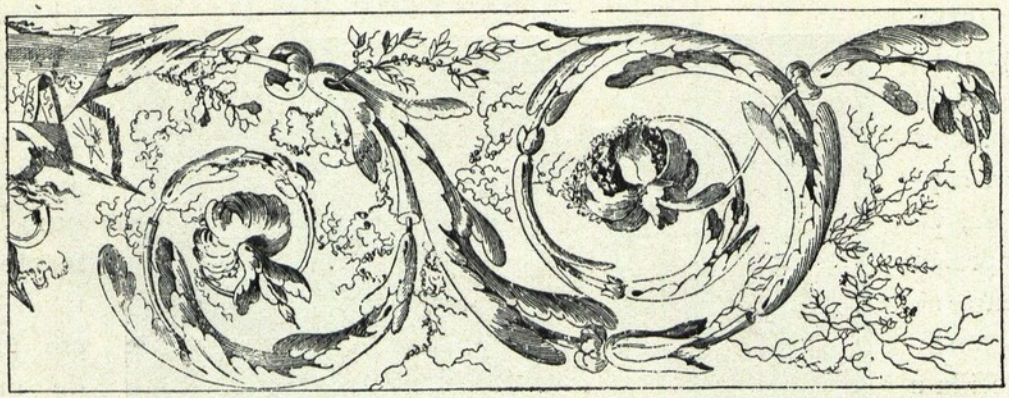
— Vasta sala, coberta de esteiras, tudo puro estylo japonez. Ás 6 horas da tarde, todos reunidos. Irrompem serviçaes, irrompem *gheishas*, trazendo as baixellas de charão, de porcelana, e as iguarias. Então, varios sujeitos avançam gravemente até ao meio da casa em palmilhas de meias, e alguns discursos se proferem. Começa a refeição.

Abundancia de *saké*) o vinho indigena) e de acepipes. Especializêmos alguns pratos : um caldo de tartaruga (de praxe— em honra da divisa d'esta casa —); delicioso peixe crú, pescado alli defronte, ha poucas horas; uma composição pittoresca e allegorica, isto é, uma frigideira de barro contendo ampla camada de sal de Maiko, sobre que assenta um peixe, guarnecido de verduras de pinheiro, vendo-se a lua cerca (allusão aos lindos luares de Maiko) representada por um ovo... A certa altura, danças de *gheishas*, gemem as guitarras. Mais por diante, um photographo apparece, assesta sobre nós a sua machina, com o garbo de um artilheiro que assestasse o seu canhão sobre o inimigo, nos campos da Mandchuria; serenidade corajosa entre os convivas; após, o vivo relampago do magnesium incandescente e uma careta involuntaria em cada rosto; mas caretas que felizmente vem depois do acto consummado, porque a photographia instantanea está colhida, como verificámos pelos exemplares que passados dias recebemos, e como vós, leitor, verificaes agora, por este exemplar que vos envio, e pelo qual vós podereis satisfazer a vossa curiosidade.

MULHERES DE MAIKO

Kobe, junho de 1906.

WENCESLAU DE MORAES.



EPISODIOS E ANECDOTAS

O PRIMEIRO POSTO

PARA onde vou?

— Pergunta bem, meu caro tenente, mas não lhe sei responder.

— E mantimentos?

— Não se preoccupe com isso. Apenas o posso informar que tem de embarcar ás tres horas para bordo do *Neves Ferreira*.

—E quem vae mais?

— O alferes França e quarenta soldados do batalhão.

—Já foram nomeados?

—Ainda não. Sel-o-hão agora, escolhidos, de entre os que se sintam menos doentes.

Passava-se este rapido dialogo nos quarteis da Ponta Vermelha, em Lourenço Marques, na noite de 12 de março de 1895, entre o major José Ribeiro, commandante do batalhão de caçadores 2, da metropole, e o tenente, hoje capitão, Gregorio da Rocha.

Eram cêrca das dez e meia. As praças que deviam constituir o destacamento, já deitadas, algumas a dormir, e quasi todas a curtir febres, levantaram-se, vestiram-se, sem que um murmurio de má vontade echoasse pelo comprido cazarão.

Ninguem sabia para onde ia e tambem a curiosidade depressa adormeceu no coração d'aquelles homens, tão pacientemente submissos ao sacrificio, com tanta singeleza promptos para as mais estupendas temeridades.

—Eu já não volto cá acima sem trazer uma orelha do Zichacha — disse um para o camarada emquanto apertava o boldrié.

— Talvez com grêlos substitua a orelheira lá da nossa terra — commentou outro com seriedade.

—Deixa-te de basofias e vê se consegues agradar a alguma *régula*, isso é que nos faz falta — expoz um terceiro, soltando um profundo suspiro—era a maneira das maleitas nos largarem.

Com estes e outros inoffensivos gracejos, esquecendo alguns até os simultaneos calafrios e calores da febre que os minava, aprestaram-se, e cêrca da uma da madrugada desceram até á ponte.

Em baixo a cidade dormia n'um silencio pesado, mal illuminada pelos clarões vacillantes dos candieiros, como mortiços lampadarios d'uma vasta cathedral em cerimonia funebre. As casas de alvenaria e de zinco, baixas e de architectura monotona, semelhantes a enormes caixotes que algum navio colossal tivesse desembarcado na praia, conservavam-se hermeticamente fechadas, dir-se-hiam desertas ainda pelo panico suggerido pelas incursões dos negros em rebeldia; não se desprendia de lá a mais insignificante

manifestação de fôlego vivo. Os angares da alfandega, com a sua emmaranhada estructura de ferro, com os pilares rígidos e esguios a abrirem os descarnados braços das asnas, que sustinham n'um esforço oscillante de ébrio trôpego as chapas caneladas do telhado, lembravam as construcções phantasticas d'um pesadêlo torturante. A ponte prolongava-se negra e esfuziada pelo Espirito Santo fora, equilibrando o taboleiro como um estrado de carro funerario, balouçando o madeiramento ao sabor das vagas, dolentamente rumorejantes, abrindo fendas de taboa a taboa através das quaes se adivinhava a agua sombria e glauca. O rio, ao largo, estagnava-se n'um pégo sinistro, unido e lúgubre como o chão d'um cemiterio, onde os cascos dos navios figuravam mausoléos e as vergas atravessadas nos mastros as cruzes que os corôam.

— Parece que vamos para um funeral — balbuciou um dos soldados com a voz sumida.

— Talvez o de nós mesmos — redarguiu o outro no mesmo tom.

— Para o dos pretos é que é — accrescentou rapido o camarada da esquerda, zombeteiro, a rir.

MAJOR DE ENGENHARIA ALFREDO AUGUSTO FREIRE D'ANDRADE

Encontravam-se ahi mais cincoenta praças de caçadores 3, da Africa Oriental, dez da policia da cidade e duas peças de montanha. Embarcavam tambem o major da provincia Jayme Ferreira, official valente e de merecimento, e o alferes Sarrea.

No momento em que estas forças iam para descer para os escaleres, appareceram o capitão Eduardo Costa, chefe de estado-maior, o major Caldas Xavier e ainda outros officiaes a quem os seus deveres ou o acaso tinham conduzido até ahi, áquella hora adeantada da noite.

—Dê cá um abraço—disse Caldas Xavier para o tenente Rocha.

E o valente africanista, que não era dado a muitas effusões, estreitou durante largo periodo o seu camarada. Houve até quem porfiasse que vira uma lagrima teimosa a orvalhar os cílios do intrépido major.

*
* *

O *Neves Ferreira*, vapor de pequena tonelagem, ficara de todo a abarrotar com aquelle accrescimo de praças européas, que quasi não dispunham de espaço para se deitar. O navio, que não era deselegante, perdera a melhor parte das suas linhas estheticas para defender os tripulantes e passageiros quando seguia pelo Incomati a cima, varejado com furia insana pela fuzilaria dos rebeldes, acoutados na margem esquerda. Tabuões grossos, sobrepostos, constituiam uma *blindagem sui generis* a cada bordo, rasgada aqui e ali por setteiras, por onde se prolongavam os canos delgados das Kropatscheks, ou o feixe das guellas escancaradas das metralhadoras.

De madrugada, ainda tenebrosa e asphixiante, levantou ferro a embarcação para dobrar a Ponta Vermelha, que se erguia a prumo, n'um alcantil rendilhado de penedos, e ameaçava despenhar-se e esmagar quem lhe affrontasse a visinhança. A reboque seguia um batelão com mais soldados negros e basto material cujo destino ninguem conhecia.

Fora, na bahia, de terra a rastejar com a mareta em rebentação franjada de espuma phosphorecente, a escuridão ainda

era mais vaga, mais enigmatica, mais creadora de lendas supersticiosas. Além, um telão, como de densos crepes, corrido sobre o horisonte, a occultar o revôlto canal de Moçambique, o tragico scenario das *monomocaias*, que n'um instante desarvoram, avariam e afundam o mais alteroso barco. Dos lados, n'um amplexo arenoso, orlado de mangal, o contorno em hemicyclo da praia, vestibulo de envenenados paues, onde a cada hausto se absorve a peçonha das perniciosas fulminantes e o germen das anemias deprimentes.

O vapor singrava cauteloso, a tatear os parceis, deslisando pelos canaes acairelados de bancos, arrimado ao prumo como um cego ao bordão, sacudindo o helice como o mastim a cauda, ao farejar um covil de lobos.

— Para onde vamos? perguntavam entre si os soldados.

— Em busca do diabo que deve andar por esses brejos — respondia um mais expansivo.

E a machina continuava a resfolegar, n'um offêgo de cansaço, arrancando um queixume a cada junta, gemendo a cada solavanco, lavrando a areia com a quilha, doendo-se das guinadas, carpindo o obrigarem-n'o a navegar quasi sem agua.

Amanheceu por fim. O tablado mudou de aspecto. O *Neves Ferreira* aproou á barra do Incomati, depois de costear a Xefina Grande, e entranhou-se nos meandros de verdura e nos labyrintos de escolhos da tortuosa via fluvial. Não foi longo o trajecto. Um traiçoeiro baixio entravou-lhe logo ahi a marcha. Nenhum energico esforço, nem recurso por mais heroico que fosse, do seu brioso commandante, o desarraigaram da fôfa cama de areia. Demorou-se ali tres dias. Ao cabo d'elles, depois de o alliviarem de quanto podia ser transferido para os batelões rebocados, lá seguiu rio acima, saudado ainda com mais furia pela metralha e doestos da negraria, que durante os tres dias da laboriosa faina.

O então capitão de engenharia Freire de Andrade, governador interino do districto, subiu para o *Neves Ferreira*, transportado de Lourenço Marques na lancha *Bacamarte*.

CAPITÃO DE CAÇADORES 2 GREGORIO ROCHA

— Sabe o que vamos fazer? — perguntou o intrépido engenheiro ao tenente Rocha.

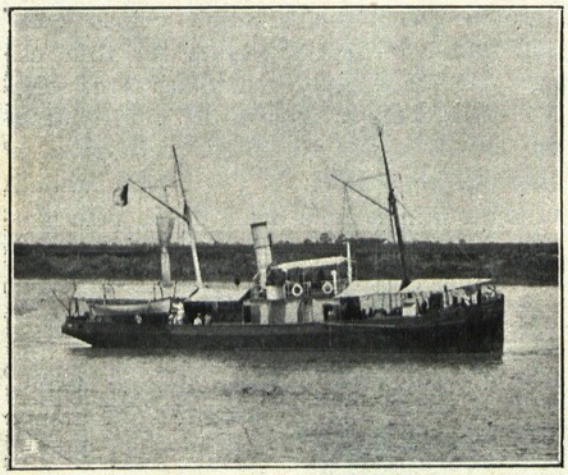
— Ignoro-o ainda — respondeu o interrogado.

— Estabelecer um posto no Marracuene.

— Como V. Ex.ª quizer — acquiesceu com a simplicidade da bravura o tenente de caçadores 2.

Freire d'Andrade com a sua indomavel pertinacia, que forma uma das mais singulares qualidades do seu caracter rijamente temperado, advogara sempre junto do commissario régio, conselheiro Antonio Ennes, a necessidade de occupar definitivamente o Marracuene, abandonado tres dias depois do glorioso combate de 2 de fevereiro.

No conselho, homens do denodo de Caldas Xavier, Henrique Couceiro, Eduardo Costa e Ayres de Ornellas, tinham-se opposto abertamente a tal temeridade. Freire de Andrade não desanimou. Insistia no seu plano favorito a cada hora, a cada minuto. A Antonio Ennes repugnava-lhe dar o seu consentimento para essa hecatombe em perspectiva. Servia-se de quantos argumentos a sua dialectica lhe suggeria.



VAPOR «NEVES FERREIRA»

Repellido até o ultimo reducto, entrincheirou-se no pesar das familias a quem tal catastrophe, quando succedesse, lançaria no lucto e no desespero.

—Eu adoro minha mulher e meus filhos e tambem vou; já V. Ex.ª vê que confio plenamente no bom exito da idéa — rebateu Freire de Andrade.

O commissario régio fôra vencido e o posto ia estabelecer-se. Caldas Xavier é que continuava a acreditar n'um desastre inevitavel, e essa crença levara-o a dar o demorado abraço, que citamos, e que presumia ser o ultimo, no tenente Gregorio Rocha, a quem se affeiçoara intimamente.

*
* *

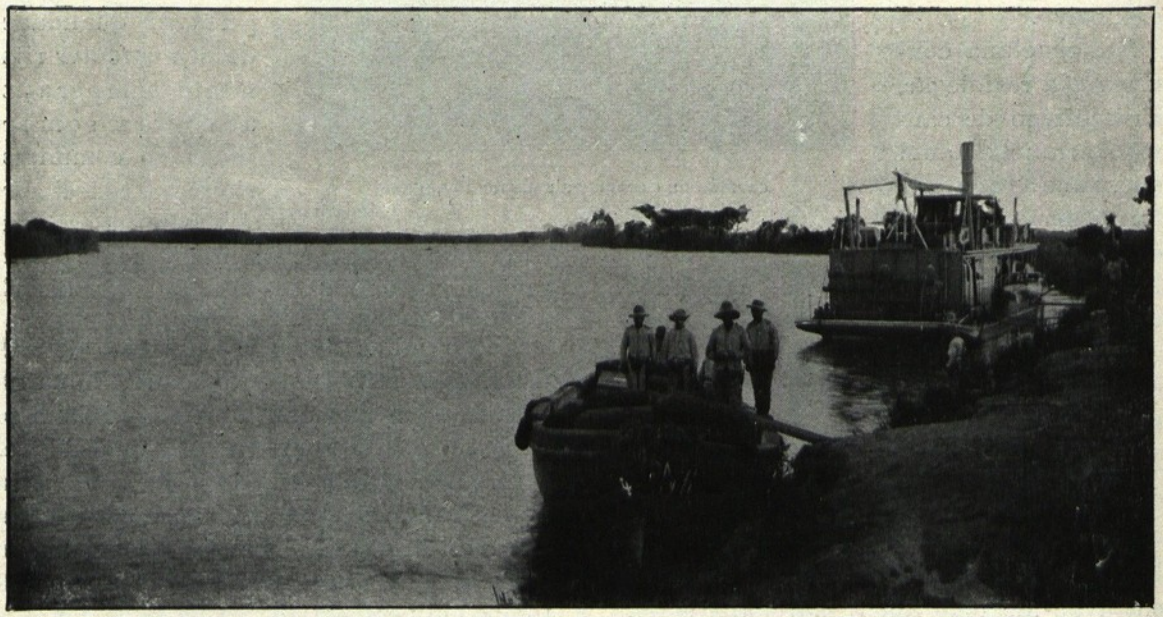
A viagem principiou então a accidentar-se de peripecias. A oeste da Xefina Pequena o tiroteio dos rebeldes desencadeou-se n'um crepitar de granizo tempestuoso. As balas batiam no costado, chaminé e mastros da embarcação, como saraiva nas vidraças em noites de invernía. A ramagem do mangal intercallava-se de pequenos flocos brancos, como de algodão em rama, e logo zumbiam projecteis de todos os feitios e tamanhos, n'um examear de vespas de ferrão mortífero.

—É como chuva de pedra lá na minha terra! — commentava um soldado depois de conscienciosamente ter disparado a espingarda sobre o inimigo que não via.

—Parece mas é o varejo da azeitona— emendou outro.

E o vapor avançava cautelosamente, com a *Bacamarte* na frente, á guisa de podengo de boa raça, a farejar cada banco, a sondar os canaes, desconfiando da placidez das aguas, manobrando com pericia para se safar das rascadas e descarregando, a miude, por desfastio, meia duzia de tiros da sua veloz metralhadora.

As posições do *Finish*, onde qualquer renegado europeu amontoara quanto as sciencias militares conhecem de fortifica-



LOURENÇO MARQUES. — UM ASPECTO DO POSTO MILITAR DE CHINAVANE

ção passageira, era o Humaitá do Incomati. Ali perdera destemidamente o primeiro tenente Filippe Nunes a vida, ali tinham encontrado a morte do soldado bastantes expedicionarios, ali se concentrava o foco mais desenfreado e impune da revolta indigena.

Havia ordem terminante para que ninguem se mostrasse acima das amuradas das embarcações. O comboio fluvial singrava lentamente, a metralha dos negros redobrava de intensidade. As pranchas dos resguardos esburacavam-se n'um crivo, a atmosphera como escurecia da nuvem de zagalotes, escumilha, balas das Martini Henry, Colt e Winchester. Era um tal misto de projecteis, que se diria um certamen de arsenaes em experiencias de balistica. A curiosidade, que já perdera nossa mãe Eva, ia causar mais uma victima. Um cabo preto, suppondo haver um sector indemne por onde passasse o raio visual, espreitou. Foi varado.

Transpostas as ilhas da Benguelena, a dos Limões, percorridas as caprichosas voltas em que o rio se ennovela, calada a fuzilaria occulta e pertinaz da margem esquerda, ultrapassado o local onde se pelejara o formidavel combate de 2 de fevereiro, Freire de Andrade mandou parar a flotilha defronte d'um sitio de riba mais erguida e accessivel.

Foi determinado o desembarque para d'ali a horas. Comprehenderam então os soldados a missão que se lhes impunha. A totalidade acceitou com a simplicidade do heroismo o tremendo sacrificio, houve, porém, um, que não pertencia a nenhuma unidade européa, que objectou em voz baixa para os camaradas:

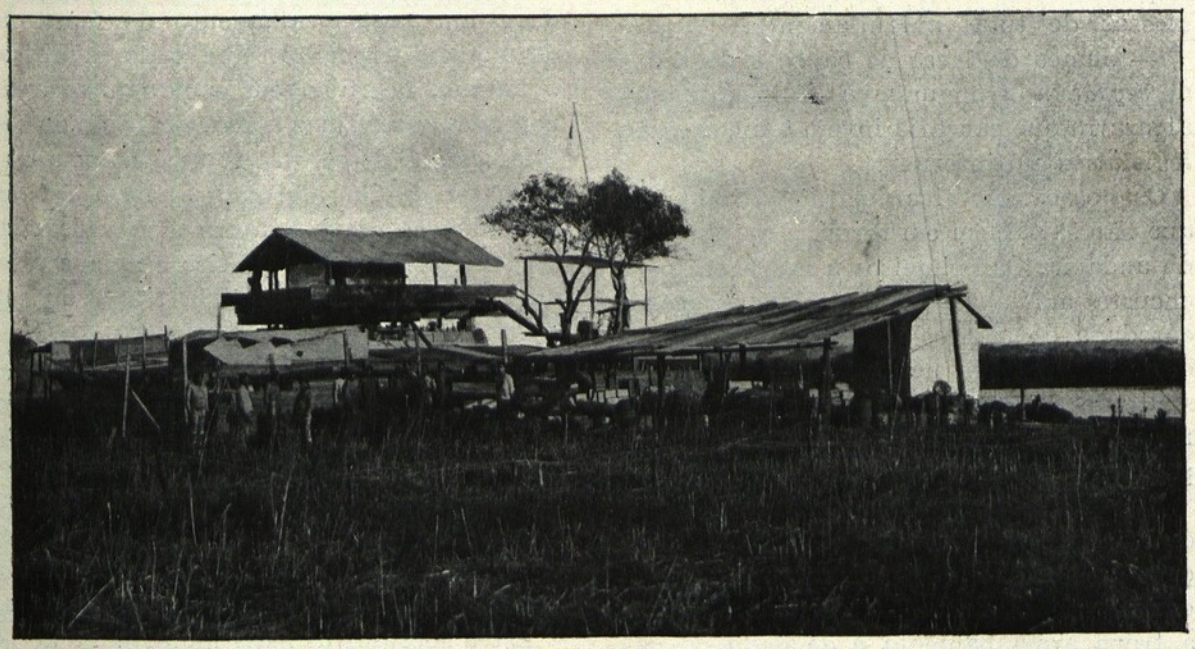
—Ó rapazes, nós eramos seiscentos da outra vez, aqui, e os negros por um triz que não nos despedaçam; somos agora menos de cem, que vamos fazer? Não sae de ahi um inteiro.

—Eu cá—atalhou de prompto um soldado de caçadores 2—quando sahi de Lisboa confiei a vida aos nossos officiaes; elles que façam o que entenderem d'ella.

— Se nós não quizessemos — insistiu a má cabeça—não nos podiam obrigar a desembarcar.

— Mas como elles vão na frente — interveiu um cabo — nós não havemos de os abandonar.

Este rapido dialogo fôra ouvido pelo tenente Rocha. O alferes França era de opinião que se mettesse sem demora uma bala nos miolos do alliciador. O tenente Rocha preferiu vigiar de perto o dementa-



LOURENÇO MARQUES. — O PRIMEIRO POSTO MILITAR DE INCANINE

do e punil-o com rigor se fosse necessario. Não houve mister de empregar medidas extremas. O poltrão de momento egualou-se depois aos companheiros em valentia. Foi a vertigem do medo, que nem sempre poupa os mais heroicos.

Da banda fronteira ouviam-se repetidos detonações, e após um silvo estridente, cahir, no ponto a occupar, uma ou outra folha cortada cerce pelos mortíferos arautos, que os rebeldes enviavam a cumprimentar os recemchegados. A acompanhar essas manifestações de cortezia cafreal estrugia um alarido diabolico, na lingua nativa e em portuguez arrevezado, onde as ameaças se enlaçavam com as vaias, as bravatas com os insultos, as imprecações com as mais tremendas promessas de total aniquilamento.

— Hemos de levar as cabeças de todos de *saguate* ao Gungunhana — diziam n'uma algazarra que causaria inveja a uma sessão legislativa no inferno.

Os nossos não ficaram tão intimidados que não saltassem em terra, n'um phrenesi de audacia. Os primeiros a galgarem pela encosta acima, empachada de arvoredo, enredada de matto, onde cada esteva poderia abrigar um negro, foram Freire de Andrade e tenente Rocha. Os demais officiaes permaneceram a bordo, por ordem, para vigiar o resto do desembarque.

Dois tiros esfuracam a pelle de dois soldados em ferimentos leves. Das embarcações a artilharia espreita attenta para onde ha de jorrar um furacão de metralha; a tropa arma baioneta e de dedo no gatilho remexe cada mouta, examina cada arvore, explora cada trecho de matto, investe com o arranco d'um touro de sangue nobre sobre tudo quanto lhe possa erguer um obstaculo.

Attingira-se a crista sem a minima aggressão d'esse lado; nem se divisara alma viva, nem vestigio de emboscada. Apenas a certa distancia, ao lado da mancha ennegrecida d'um acervo de madeiros carbonisados, se avistava um feixe de ossos humanos, alvos como se fossem caiados, limpos, expurgados de adherencias pela acção contínua de chuveiros torrenciaes. Era o jazigo, o monumento funerario, dos landins, exterminados pelas nossas armas no vendaval de fogo da madrugada de 2 de fevereiro.

*
* *

Principiou a tarefa da construcção do posto. A febre, que convulsionava muitos em arrepios de epilepsia, transmittiu-lhes a força nervosa de athletas invenciveis. Os machados relampejavam de encontro aos troncos nodosos das molambeiras, das acacias, dos mangues, e despenhava-os no solo com a velocidade e o poder de machinas titanicas; o milho, o matto, o tojo, quantas plantas a natureza pujante dos tropicos germinara, desenvolvera e fortificara, tudo foi ceifado, arrancado, posto com as raizes a descoberto, acamado em medas, rapartido em molhos, promptos a serem utilisados em lenha. Onde se enredava um brejo, valhacouto de feras ou de homens armados, que tudo significa o mesmo, de ramagem emmaranhada, de pernadas estendidas n'uma confusão de biblico cahos, de estevas revestidas de abrolhos, de capim aleivoso como o ósculo de Judas, alargava-se agora uma esplanada com razoavel campo de tiro e aplanara-se um caminho, que permittia trazer do rio á clareira, munições, viveres e material.

A ferramenta não dispensava a arma. Ao mais pequeno alarme, mangas emplumadas que se suppunham avistar ao longe, sons roncos e plangentes de buzina que o echo vinha trazendo de langua em langua, a serra ou a picareta era posta de parte e a baioneta scintillava ameaçadora de ponta virada para esses ruidos suspeitos.

Estes sobresaltos mais incitavam a actividade dos bellicosos operarios. Cada palmo de trincheira aberto era menos uma probabilidade de desastre e mais um elemento de victoria. Derrubavam-se os troncos e os ramos em abatizes; corria-se o arame farpado em redes de malhas apertadas e sobrepostas; erguiam-se parapeitos progressivamente mais espessos; cavavam-se fossos cada minuto mais profundos; delineavam-se e levantavam-se tambores de flanqueamento; sahia da terra, como por encanto, um reducto; recalcavam-se plataformas para assentar a artilharia; dispunham-se folhas de zinco, parallelas entre si, com os intervallos cheios de areia, o que formava magnificos abrigos; emfim, com essa vari-

UMA VEDETA

nha de condão, — a energia e a força de vontade — do nada sahia um especimen tão completo quanto possivel de castrametação africana.

—Mas eu não me contratei para vir para a guerra — protestava um carpinteiro, que recebia cinco mil reis diarios, mas a quem, parece, não houve tempo de explicar pormenorisadamente onde e como ganharia esse dinheiro.

—Que lhe ha de fazer agora?—respondia sorrindo, não sem certa ironia, o official interpellado. — Se suppõe que o enganaram volte para Lourenço Marques; ninguem o detem aqui contra sua vontade.

—Para os negros me matarem.

— Então deixe-se ficar.

— E se os landins apparecem?

— Defende-se.

— Mas eu não sou militar. Sabe Deus o susto que eu tive no porão do *Neves Ferreira*, quando foi o tiroteio do rio.

— Mas lá não chegavam as balas...

— Chegam aqui. Que hei de fazer?

— Trabalhar com alma para apromptar todas essas fortificações. Depois de concluidas, descance, que não entram cá.

—O' com a fortuna e eu que estive tanto tempo a dar á taramela.

E lançou-se ao trabalho com uma especie de phrenesi raivoso. O susto triplicara-lhe as forças. Era noite cerrada, não se via nada, e elle ainda lidava com desesperado afan, zangando-se e imprecando, quem, litteralmente extenuado, o não podia imitar.

Para sermos completamente justos devemos accrescentar que, mais para deante, se habituou ao duro serviço do posto. Ao primeiro alarme, e houve bastantes, munia-se d'uma espingarda e vinha para a trincheira esperar o inimigo como qualquer outro.

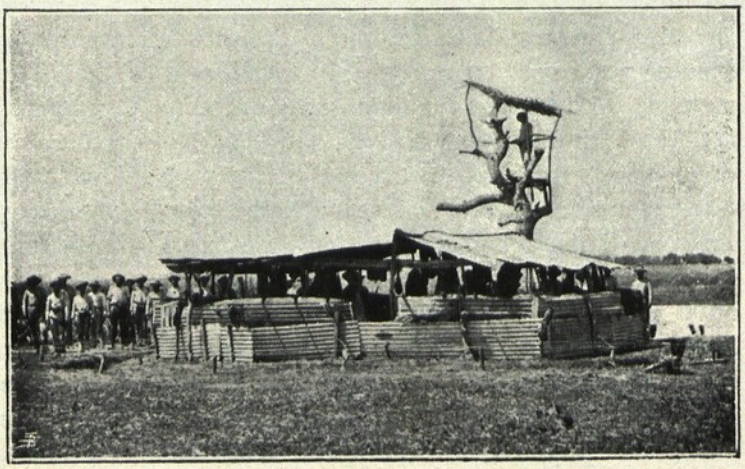
A coragem é contagiosa.

*
* *

O dia passara-se, mas a noite? O posto estava esboçado, tinham-se construido as defesas mais elementares, os parapeitos abrigavam até uma certa altura o busto dos defensores, as duas peças de artilharia postaram-se nos pontos fracos, mas o que se realizara até o entardecer era pouquissimo para resistir a um ataque em forma, e que a todos se afigurava inevitavel.

Cincoenta brancos e outros tantos angolas, dos mesmos que tinham cedido no quadrado do Marracuene, para resistir ás forças concentradas do Zichacha, do Mahazuli, robustecidas com diversas mangas vátuas do Bilene e de Gaza, era realmente uma temeridade.

Em redor do posto, a algumas dezenas de



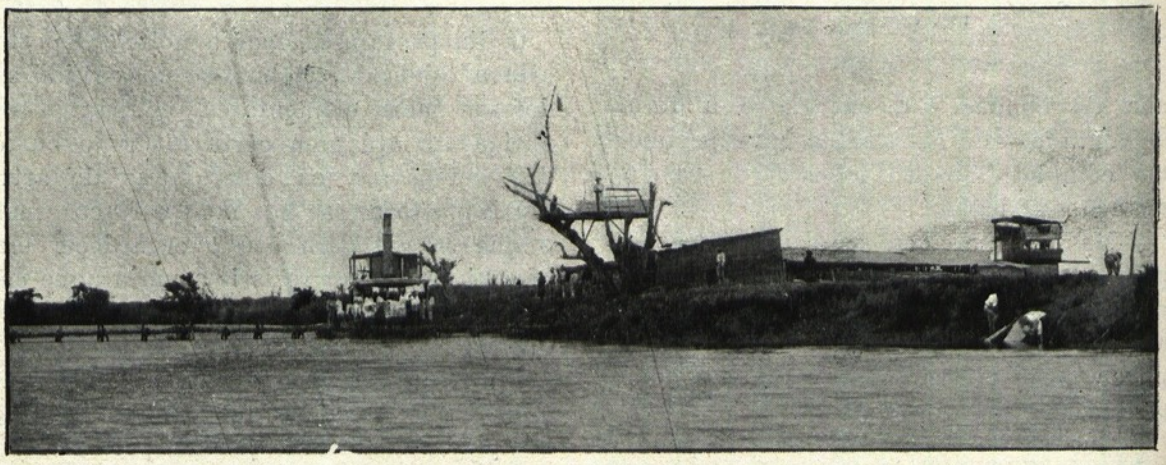
LOURENÇO MARQUES. — POSTO MILITAR DE INCOLUANE

metros, accendera-se um semi-circulo de fogueiras. Apresentavam o aspecto lúgubre de tocheiros, esses clarões rubros, emmoldurados por densas e amplas espiraes de fumo, quasi tão negras como a escuridade que se prolongava pelo matto dentro. O serviço de segurança fôra organisado com o maximo rigor. Metade dos soldados ficavam de pé, na trincheira, de olho á espreita e ouvido á escuta; o seu cerrafila deitava-se atraz d'elle, vestido, armado, de espingarda á banda, e era desperto ao menor ruido suspeito. Revezavam-se de duas em duas horas. Os officiaes não dormiam, vigiavam o campo, e, muito especialmente, impediam que os outros dormissem.

A noite emergira do crepusculo n'um negrume pavoroso. Entre as camadas baixas da atmosphera e a immensidade do espaço correra-se como um enorme panno de lucto, dos que ornamentam os templos em dias de exequias nacionaes. Pesados e fuscos vapores, saturados de humidade, prenhes de ameaças borrascosas, contendo nos seus flancos suggestivos fluidos electricos, calafetavam de tal modo a cúpula do firmamento, que não transpareciam através d'elles nem um luzeiro, nem uma scintillação, nem uma claridade fugitiva, nada que recordasse qualquer fulgor astral. Aos lados, para além das fogueiras, o mesmo cortinado espesso e negro, as trevas profundas na sua opacidade afflictiva, a ausencia physica de qualquer manifestação de luz, a cegueira absoluta da natureza, a falta de formas nos objectos e nas coisas, a paizagem sem relêvo, o desenho sem perspectiva, os elementos fundidos, aniquilados, no cahos. E de hora a hora parece que a escuridão redobrava n'um accrescimo de tormento indefinivel.

O silencio, esse silencio austero e imponente das selvas, augmentava com a escuridão. Os olhos das sentinellas doíam-se de não ver, os ouvidos latejavam de não ouvir. A acuidade dos sentidos, na tortura da espectativa, causava perturbações delirantes e vertigens de endoudecer. O instincto da conservação dominava tudo.

A esta primeira phase de mutismo quasi absoluto, succedeu a dos mysteriosos ruidos do sertão. As vagens do arvoredo abriam-se n'um estalido sêcco, o do aperrar d'uma espingarda, e deixavam cahir as sementes que fecundariam terrenos distantes; os galhos debeis dos arbustos, vergados a qualquer occulto pêso, partiam n'um estralejar brando imitando o andar cauteloso de muitos homens; a folhagem, sacudida por uma tenue brisa, que não chegava até o posto, simulava o rastejar de guerreiros de pupillas felinas, que se preparavam para uma investida de tigre; o rumorejar dos milheiraes, no cicío das bandeiras, arremedava a marcha de mangas compactas, de rodellas embraçadas e de azagaias em punho; os reptís que se perseguiam e pretendiam acazalar-se, as aves que se aconchegavam no ninho, a seiva a vivificar as plantas, o verme a buscar o sustento, o insecto voejando



LOURENÇO MARQUES. — OUTRO ASPECTO DO POSTO MILITAR DE CHINAVANE

na labuta nocturna, todo esse conjunto de pequeninos sons que constituem como uma insólita orchestra das noites do matto, eram outros tantos e certos prenuncios d'um ataque imminente, causa de acerbos sobresaltos n'um prolongado e cruciante anceio.

De ora em quando, os cães esfaimados das povoações desertas, misto de lobos e de raposas, as hyenas sedentas, os chacaes sanguinarioss, os gatos bravos, quantos carnívoros por ali andavam á solta sem pasto sufficiente para a sua voracidade insaciavel, precipitavam-se n'uma carreira doida até perto das trincheiras, fugiam em seguida espavoridos e voltavam logo para tornar a recuar. Depois tudo mergulhava n'um silencio de tumulo, para d'ali a minutos atroar os ares uma lugubre e medonha rajada de uivos, latidos e rosnadellas, côro satanico do mais desenfreado sabbat, symphonia ululante e macabra que punha os cabellos em pé aos menos supersticiosos.

Sobre a madrugada foram-se extinguindo as fogueiras no bruxulear entre azulado e vermelho dos derradeiros clarões. Então, na lucta entre a vigilia e o somno, entre a energia e a modorra, entre a sensatez e a excitação nervosa, no limiar d'um horrendo pesadêlo acordado, descobriam-se sombras de contornos phantasticos a pular em esgares de idolos industanicos, figuras colossaes e hediondas que arrazavam os parapeitos, gnomos de risos escarninhos que arrebatavam as armas e inundavam a polvora, trasgos de feições convulsionadas que peavam os defensores e os entregavam inermes á ferocidade dos negros, titans de physionomia repugnante, munidos de thesouras enormes, a cortar o arame farpado, cyclopes, com o unico olho mais brilhante que um pharol, de gigantescos martellos, a encravar a artilharia.

Surgiu a manhan e com ella o sol, o chilrear da passarada, o fresco que acalma a febre, a luz que incita ao trabalho.

O posto não foi atacado. Salvara-o a formidavel lição do quadrado do Marracuene.

EDUARDO DE NORONHA.

LOURENÇO MARQUES. — POSTO MILITAR DE INCANINE NA MARGEM ESQUERDA DO INCOMATI

NOTA. — Os *clichés* d'este artigo, absolutamente inéditos, são do conselheiro A. F. de Andrade.

AO

Conde de Arnoso

Na morte de seu filho

Por sobre o mar salgado, um dia elle partiu,
Gentil como um Infante e audaz como um Crusado,
Tremia, no alto mastro, o seu brasão honrado,
E o sol dourava a estrada d'agua onde seguiu.

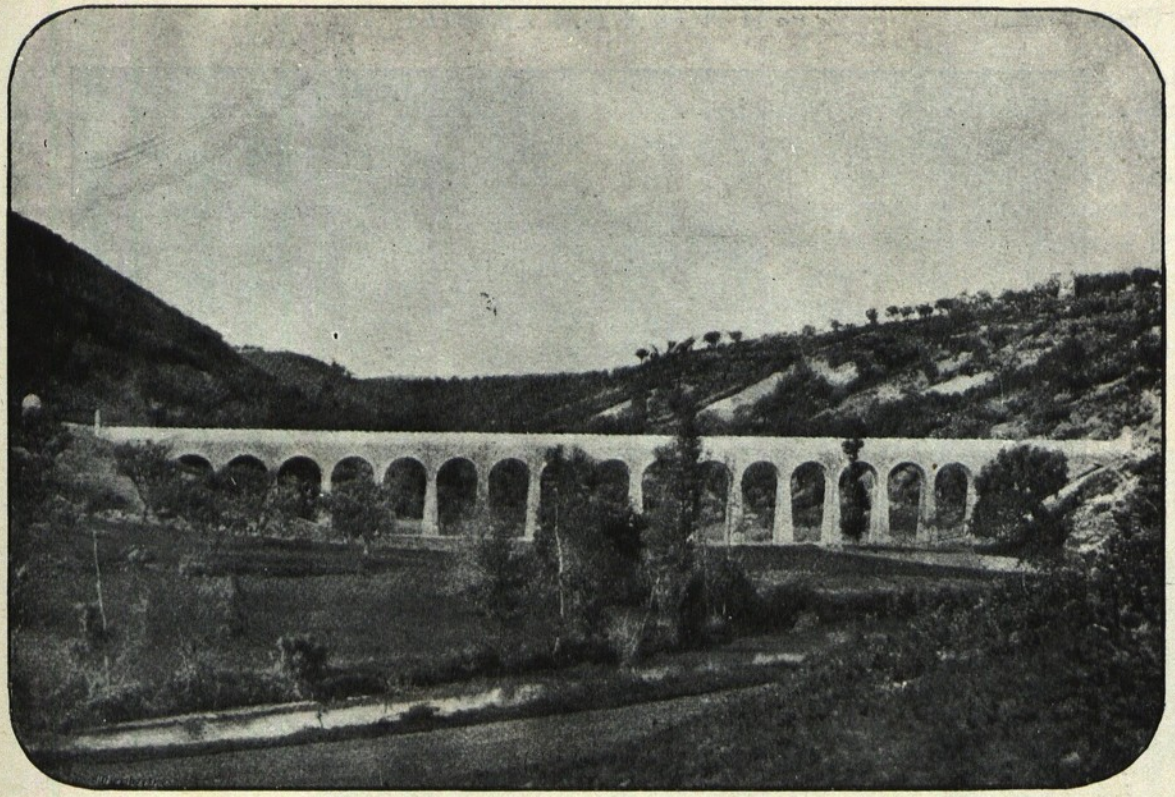
Tinha a alma de heroe dos Portuguezes duros,
N'um corpo delicado e esvelto de creança:
Não era a desatar alguma loura trança,
Que elle hoje ia correr, por mares pouco seguros...

Foi á de Portugal egual a sua historia:
Ambos foram ao mar com sede e amor de gloria,
Ambos viram depressa a morte da aventura!

E tu, infeliz pae do lindo Cavalleiro,
Planta, com ternas mãos, na sua sepultura,
Ao lado do cypreste, um ramo de loureiro!

Ostende, 18-VIII-06

A. D'OLIVEIRA SOARES.



A PONTE-AQUEDUCTO DA LOURICEIRA

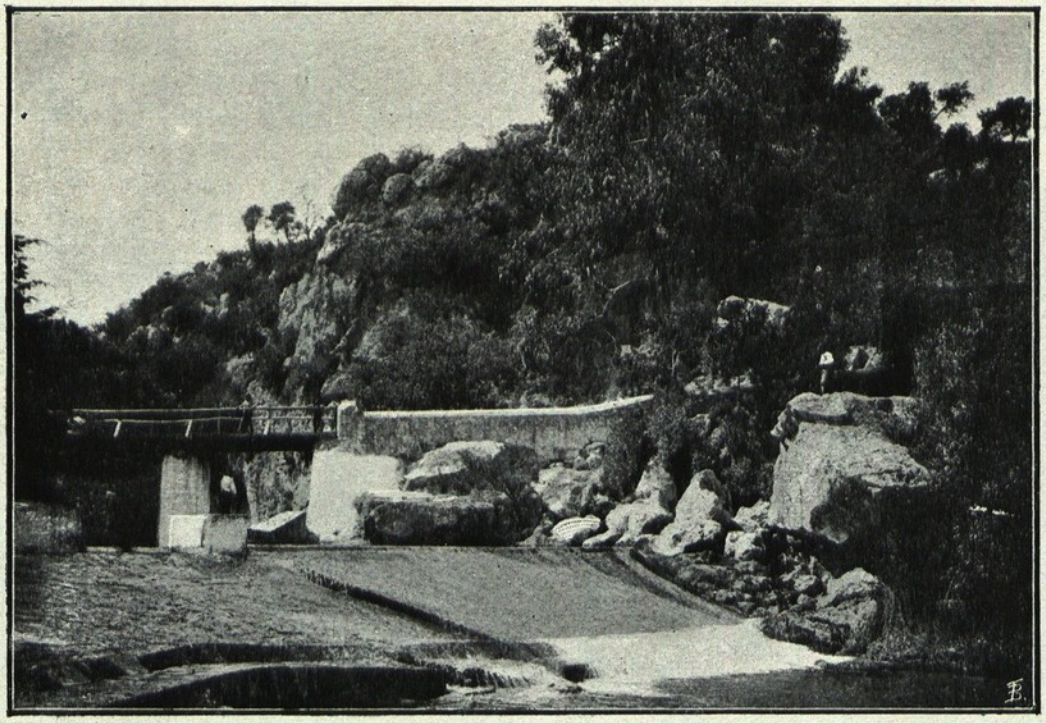
A agua em Lisboa

Quando D. Affonso Henriques tomou Lisboa aos mouros, os habitantes da «mui nobre e leal cidade» não disfructavam, como é facil de calcular, das vantagens inapreciaveis da agua encanada para suas casas, desconhecendo tambem as desvantagens d'esse producto da civilisação que se chama *contador* e que é, no actual momento historico, um dos mais terriveis flagelos dos chefes de familia que não disponham de grandes meios de fortuna.

N'esse tempo, a capital abastecia-se de agua pelo processo mais rudimentar: alguns particulares, utilisavam-se da que lhes forneciam os poços e cisternas existentes nas suas propriedades, e o grosso do publico da que brotava das nascentes situadas na base da collina de S. Jorge, ou da que saía penosamente de algumas fontes mandadas construir pelas municipalidades. A partir da segunda dynastia, os magistrados que tinham a seu cargo os interesses da cidade começaram a reconhecer a necessidade de melhorar este estado de coisas que, com o augmento da população, se agravava cada vez mais.

Mas fosse por falta de elementos, ou em virtude do systhema nacional de protelar a resolução de todos os assumptos, ainda os mais importantes e urgentes, o certo é que, no principio do seculo XVIII, a situação mantinha-se tal como no momento da fundação da monarchia: os 80:000 habitantes da capital dispunham para os seus usos de 360 metros cubicos de agua por dia.

Foi então que alguma coisa se fez. Já de longa data se pensava em utilisar para o abastecimento da cidade as aguas das nascentes de Carenque, mais vulgarmente conhecidas por «Aguas livres». Reconhecido bom esse plano, foi elle posto em pratica: em 12 de maio de 1731, um decreto regio ordenava a construcção do aqueducto que devia conduzir as aguas de Carenque a Lisboa. Devido,



A NASCENTE DO ALVIELLA

porém, á grandiosidade do projecto, a execução das obras foi de tal maneira demorada que só em 1748 começou a passar a agua pelo aqueducto, e como, entretanto, se resolveu prolongal-o e fazer-lhe diversas ramificações, a fim de aproveitar outras nascentes proximas, assim como construir galerias para a distribuição da agua pelos differentes bairros da cidade — os trabalhos só ficaram definitivamente concluidos em 1835.

A CASA DAS COMPORTAS, JUNTO DO ALVIELLA

Começou então a capital a receber a totalidade das aguas sucessivamente captadas e introduzidas nos aqueductos. Mas immediatamente se reconheceu que os gigantescos esforços feitos e as collossaes sommas de dinheiro dispendidas haviam tido resultados quasi nullos. Com effeito, o volume de agua de que, a partir de então, a cidade passou a dispôr, foi de 1:300 metros cubicos, apenas o triplo do que dispunha antes de 1748, e a população havia augmentado mais de metade, pois elevava-se já a 130:000 pessoas. Entretanto, as necessidades de momento podiam ser atendidas, e isso era o suficiente para os habitantes de Lisboa que, como bons portuguezes, não se preocupavam com o dia seguinte.

Só ao fim de longos annos, quando, em virtude do sucessivo acrescimo da população, surgiram de novo as anteriores dificuldades, se voltou a pensar no caso. Viu-se que era urgente fornecer á cidade mais agua. E como, tanto o municipio como o Estado, não se encontrassem em situação financeira que lhes permittisse proceder por sua conta aos trabalhos necessarios, resolveu-se confial-os á industria privada.

Abriu-se um concurso, que ficou deserto. Aberto outro mais tarde, concorreu a elle um grupo de capitalistas portuguezes que constituiu depois a Companhia das Aguas de Lisboa, á qual o governo, por decreto de 28 de janeiro de 1856, deu a concessão. Por ella, a Companhia obrigava-se a augmentar o volume da agua em 11:300 metros cubicos por dia, pelo menos, e a construir reservatorios e a canalisação necessaria para a agua ser distribuida domiciliarmente em todos os bairros da cidade.

A Companhia encarregou o engenheiro francez Mary do plano da obra, dando-o elle por concluido em 31 de junho do mesmo anno. Segundo esse plano, para cumprir a condição do contracto relativa á aquisição de novas aguas, bastava captar as duas nascentes da Matta, no vale de Lobos, e as de outras proximas, e encanal-as para o aqueducto de D. João v. Pelo que respeitava á distribuição d'ellas em Lisboa, para evitar as pressões que fatalmente se exerceriam nos pontos baixos, sendo o serviço de distribuição uno, Mary dividia a area da cidade em trez zonas separadas, cada uma d'ellas com reservatorios e canalisações independentes. E como, para alimentar os pontos mais altos, era necessario que o reservatorio da zona superior ficasse 20 metros acima do nivel do aqueducto, Mary propunha o emprego de um syphão que conduzisse a agua até lá segundo as leis da gravidade.

EDIFICIO — SÉDE DA COMPANHIA DAS AGUAS, NA AVENIDA DA LIBERDADE

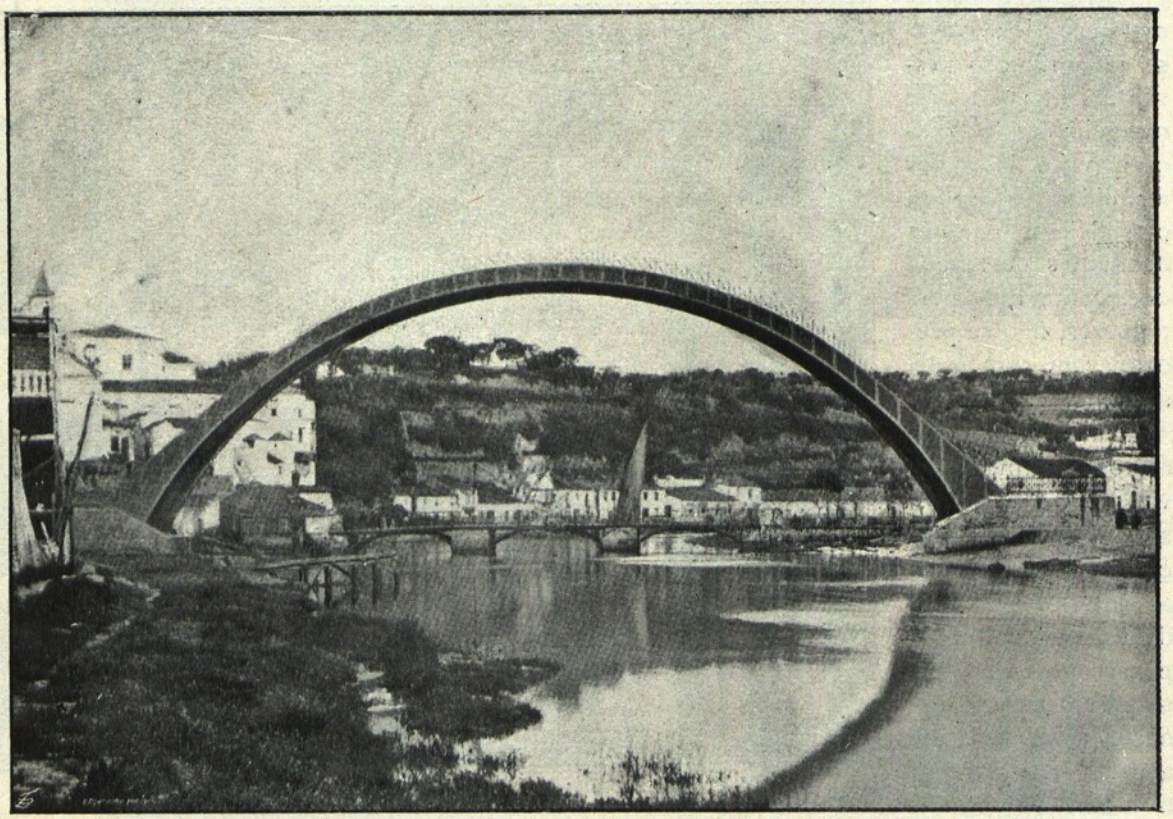
O plano foi aceite, a despeito da opinião do engenheiro portuguez Carlos Ribeiro, que declarou impossivel obter-se com o aqueducto da Matta, o volume d'agua necessario. As obras começaram; mas quando, em setembro e outubro de 1862, se procedeu a medições nas nascentes, reconheceu-se que o enge-

nheiro portuguez tinha razão: a quantidade d'agua de que se podia dispôr ficava muito áquem da que a Companhia se obrigara a fornecer. E, como a Companhia não encontrasse meio de obviar a esse inconveniente, o governo, por decreto de 23 de junho de 1864, retirou-lhe a concessão, rescindindo o contracto.

A Companhia liquidou, deixando concluidos, ou quasi, os reservatorios do Pombal, Penha, Arco, Patriarchal e Veronica; 72:901 metros de canalisação nas ruas mais importantes; o syphão alimentar do reservatorio do Pombal; o aqueducto da Matta e o seu tributario do Brouco, por meio dos quaes ella conseguira obter apenas 500 metros cubicos de agua diariamente.

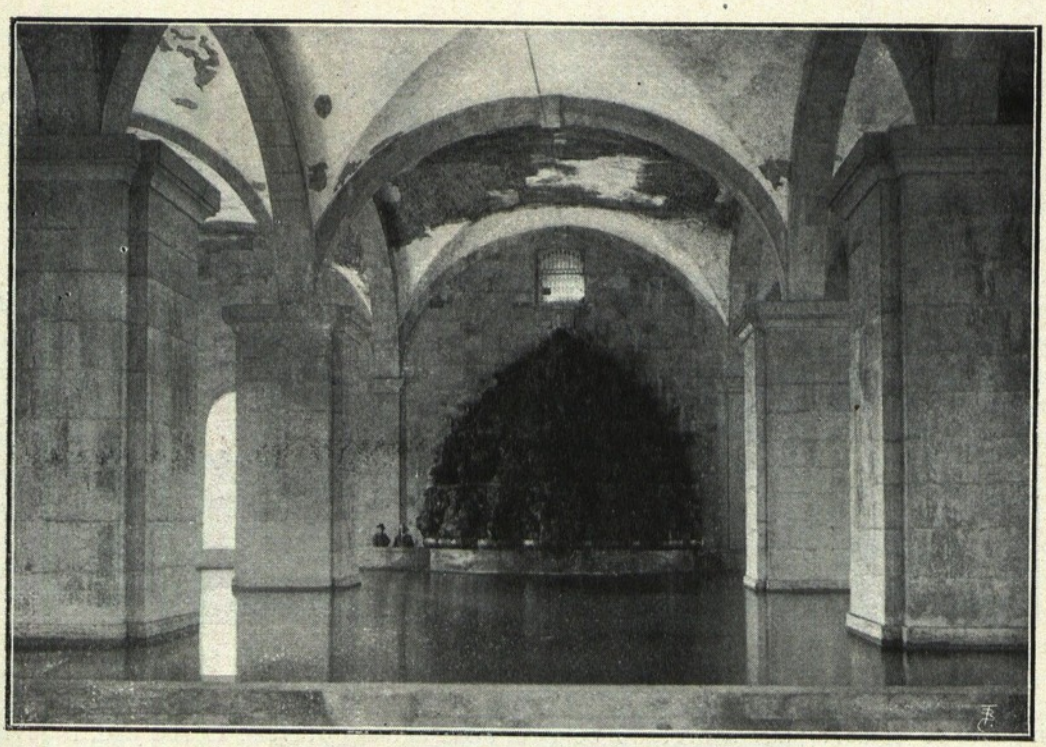
Passando o serviço das aguas para o governo, fez elle construir o prolongamento do aqueducto das Francezas (uma das ramificações do aqueducto de D. João v), obtendo assim mais 120 metros cubicos de agua por dia. Isso, porém, não bastava; a falta de agua cada vez se fazia sentir mais. Segundo os entendidos, a solução definitiva do problema estava na captação das aguas do Alviela, mas as despezas a fazer com essa obra eram calculadas em 5:500 contos, e nem o governo nem o municipio podiam arcar com ellas.

Meteu hombros a essa empreza um grupo de capitalistas, tendo á frente o notavel jurisconsulto Pinto Coelho, e que foram os fundadores da actual Companhia das Aguas. Requerida pelo grupo a concessão d'esse serviço publico, o governo deu-lh'a, impondo-lhe como principal condição abastecer Lisboa com as aguas do Alviela. O contracto provisorio foi assignado em 27 de abril de 1867, sendo tornada definitiva a concessão em 2 de abril de 1868, quando já se achava constituida a Companhia.



A PONTE-SIPHÃO DE SACAVEM

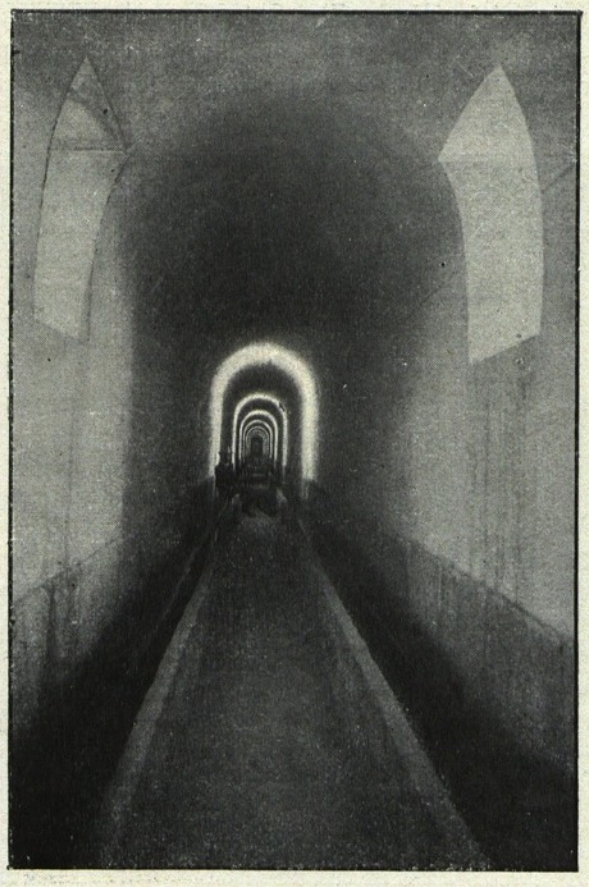
Desde logo esta começou a executar o projecto d'essa obra gigantesca, devido aos engenheiros Pires de Sousa Gomes e Paiva Couceiro, mas desde logo tambem reconheceu que, devendo os trabalhos respectivos durar alguns annos, não podia a cidade continuar até á sua conclusão no mesmo regimen de escassez de agua em que até ahi vivera. E assim, poz immediatamente em execução o projecto do engenheiro Nunes d'Aguiar para elevar as *aguas baixas* (as das nascentes da



RESERVATORIO DAS AMOREIRAS — CASCATA

collina de S. Jorge) de maneira a serem utilisadas na zona inferior, obtendo d'esta maneira 1:800 metros cubicos por dia. Tambem, em virtude das séccas de 1874, o engenheiro Carlos Ribeiro por encargo do governo, conseguiu augmentar o abastecimento da capital em 720 metros cubicos de agua, que elle foi buscar ás cercanias do aqueducto da Matta, para o que teve de abrir algumas galerias subterraneas.

Com esses recursos poude a capital esperar, sem grande sacrificio, pela terminação da obra, o que só se conseguiu em 1880, sendo a sua inauguração solemne no dia 3 de outubro. A partir de então, os habitantes de Lisboa contaram com mais 30:000 metros cubicos de agua por dia, quantidade mais do que sufficiente para atender a todas as suas necessidades.



INTERIOR DO AQUEDUCTO

Feito o historico do abastecimento de agua em Lisboa, vamos agora ocupar-nos do seu funccionamento.

O distincto engenheiro da Companhia, sr. Borges de Sousa, a quem devemos os elementos indispensaveis á confecção d'este artigo, na excellente memoria que sobre o assumpto em questão enviou á Exposição de Paris de 1900, classifica as aguas com que a Companhia abastece a capital em trez grupos:

1.º — *As aguas baixas, ou orientaes*, que nascem no sopé da collina de S. Jorge.

2.º — *As aguas altas*, conduzidas pelo aqueducto de D. João V.

3.º — *As aguas do Alviela.*

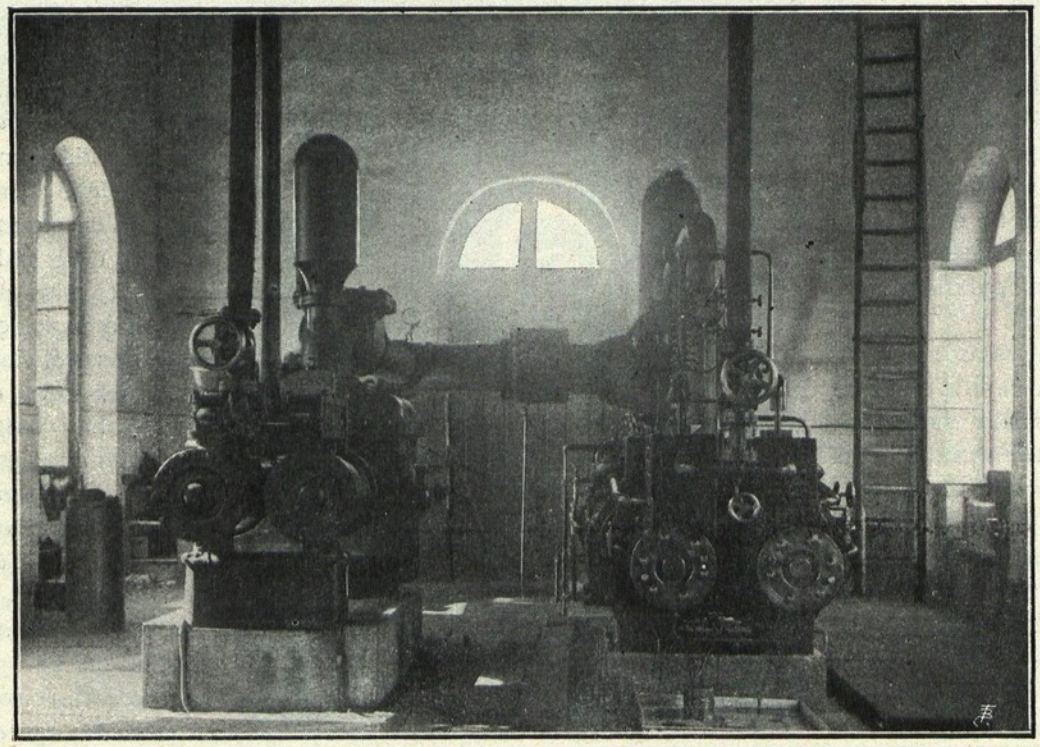
AS AGUAS BAIXAS

As nascentes d'este grupo, de que a Companhia tomou posse quando se constituiu, alimentam os chafarizes de Dentro, da Praia, d'El-Rei e os lavadouros de Alfama.

O ESTABELECIMENTO ELEVATORIO E O RESERVATORIO DO ARCO

Distinguem-se estas aguas, sobretudo pela sua elevada temperatura que chega a atingir 34°, supondo-se que devam esta propriedade á sua longa circulação subterranea a uma grande profundidade. De todas as que a Companhia se utilisa, são as *aguas baixas* as mais mineralisadas e, pelas analyses feitas, reconhece-se que a proporção de alguns saes componentes excede os limites tolerados nas boas aguas potaveis. O seu uso, todavia, tem sido inofensivo.

Como já dissemos, tornou-se necessario aproveitar-se, durante os trabalhos de derivação do Alviela, a parte d'estas aguas que se perdia, escoando-se para o Tejo. Mas como ellas nasçam a uma altitude muito baixa, teve-se de as elevar,-para o que foi construido o reservatorio da Praia e o respectivo estabe-



INTERIOR DO ESTABELECIMENTO ELEVATORIO DO ARCO

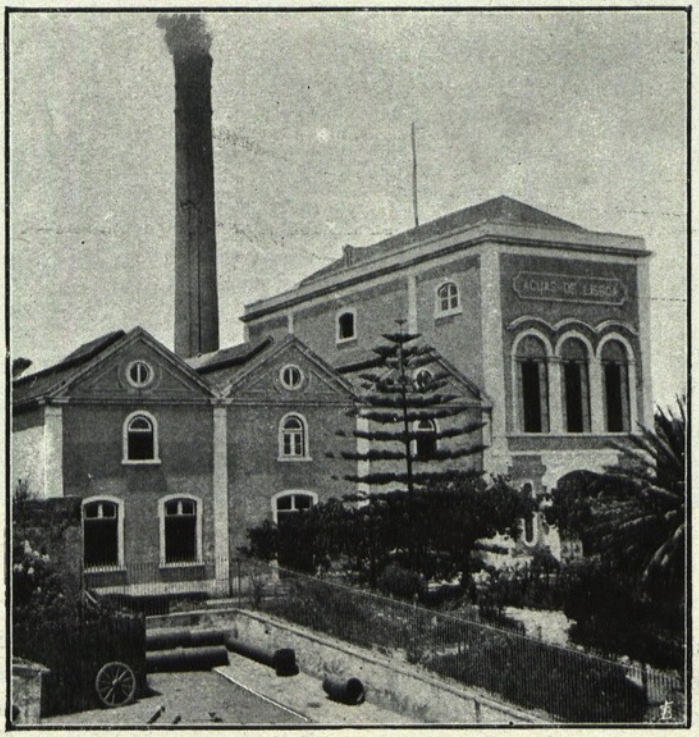
lecimento elevatorio. O reservatorio, que tem a capacidade de 969 metros cubicos, communica por uma galeria com o poço d'aspiração das bombas, collocado ao centro do estabelecimento elevatorio. Este comprehende trez corpos:

O da esquerda, contiguo ao reservatorio, contem trez geradores de vapor, de 5 $^1/_2$ atmospheras;

O do centro comporta, no rez do chão, dois grupos de bombas simples, os condensadores das machinas, as bombas que alimentam as caldeiras e os reservatorios de ar nos tubos de aspiração e de esgoto; no primeiro andar, duas machinas a vapor, verticaes, de dois cylindros, accionando cada uma duas bombas collocadas symetricamente em relação ao eixo do balanceiro de transmissão;

O terceiro destina-se a alojamento do pessoal e a oficina de tubos de chumbo.

As nascentes, convenientemente isoladas, communicam com o estabelecimento elevatorio por um tubo de trez decimetros de diametro e 839 metros de extensão.



O ESTABELECIMENTO ELEVATORIO DOS BARBADINHOS

Com estes trabalhos gastou a Companhia 80 contos, capital que, póde dizer-se, tem empatado, porquanto, depois de terminada a derivação do Alviela, as *aguas baixas* só entram na distribuição geral rarissimas vezes: quando qualquer acidente faz interromper o serviço no Alviela.

AS AGUAS ALTAS

As *aguas altas* são as conduzidas pelo aqueducto de D. João v, e proveem de 58 nascentes diversas, das quaes as mais importantes são:

1.º — A da «Agua Livre», que determinou a construcção do aqueducto. Brota no vale de Carenque, a 172 metros de altitude, e tem a temperatura constante de 20º.

2.º — O grupo das que brotam na região superior do mesmo vale, que se estende até aos arredores de Caneças. Um systema de galerias condul-as ao aqueducto denominado «de Caneças» que, por seu turno, as leva ao aqueducto principal, á altitude de 161 metros.

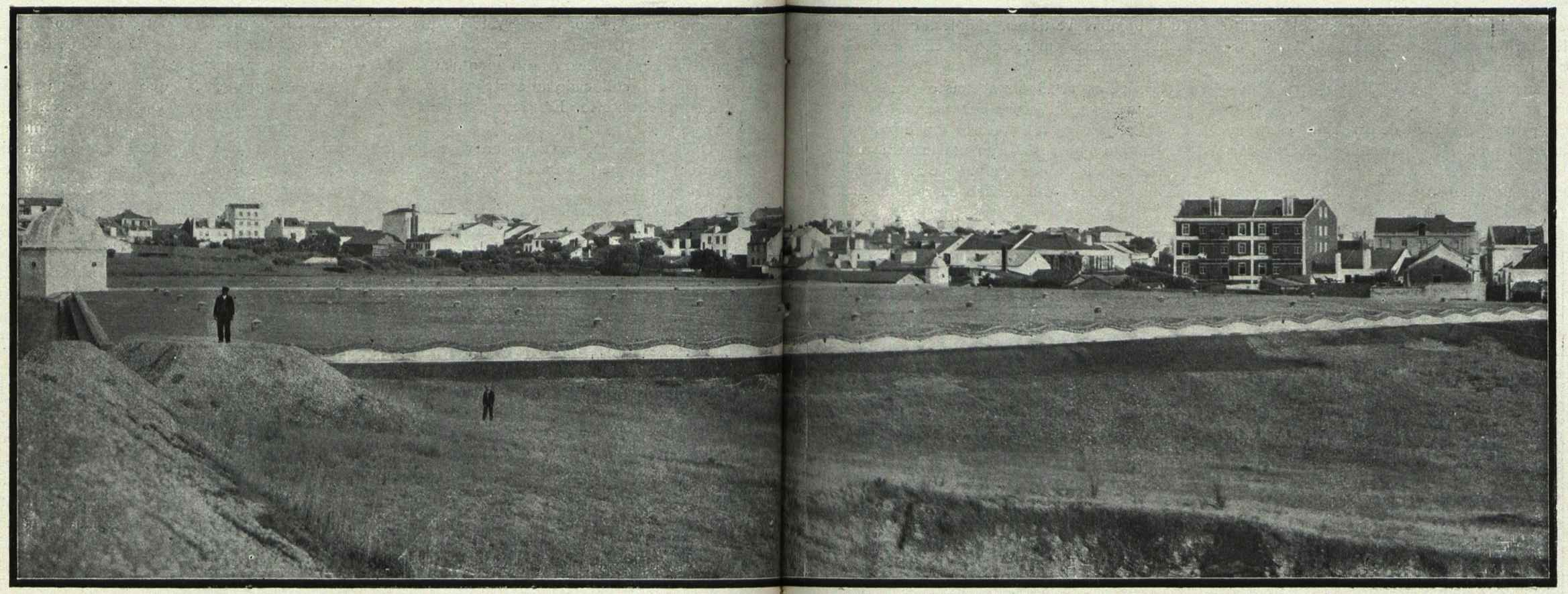
3.º — As que nascem nos vales da Matta, de Brouco e de Lobos, e as que se obtiveram pela drenagem do sub-solo d'estes dois ultimos vales e do de Figueira. Todas ellas, estão encanadas para o aqueducto chamado «da Matta» que as conduz ao de D. João v, a 159 metros de altitude.

4.º — A de S. Braz, que brota cerca da Porcalhota.

5.º — O grupo das que teem a sua origem na região superior da bacia hydrographica de Algés e são levadas ao aqueducto principal pelo das Francezas.

Estas aguas são consideradas potaveis de boa qualidade e a sua temperatura varia entre 14º,6 e 20º. O seu volume total é muito variavel, segundo as estações, atingindo 25:500 metros cubicos por dia, durante a epocha das chuvas, e apenas 2:500 no verão.

Tendo dito rapidamente o que são as *aguas altas*, cumpre-nos agora referir ao aqueducto que as conduz a Lisboa, o celebre aqueducto de D. João v. Parte elle, como já dissemos, da nascente da «Agua Livre», á altitude de 172 metros, chegando a Lisboa á de 94^m,35. Interiormente, a galeria tem 1^m,56 de largura e 2^m,88 de altura. O chão é ocupado, ao centro, por um caminho que dá passagem aos empregados, e aos lados, por duas caleiras, de fundo semi-circular, com 33 centimetros de



PANORAMA DO RESERVATORIO DAS AGUAS EM CAMPO DE OURIQUE

largura, destinadas á conducção da agua, podendo dar passagem a 8:700 metros cubicos por dia. Quando, porém, no inverno, se quer aproveitar todo o producto das nascentes, inutilisa-se a passagem central e a galeria funcciona como canal em toda a sua largura.

Nas 12 depressões de terreno que o aqueducto teve de atravessar foram construidas arcarias, das quaes a mais notavel é a que se eleva sobre o vale de Alcantara. Tem ella 35 arcos, medindo o maior $32^{m},5$ por 62^{m}. Em todo o seu comprimento ha, de cada lado da galeria, uma passagem descoberta de $1^{m},40$ de largura. Os «Arcos das Aguas Livres» constituem assim, um verdadeiro monumento architectonico.

Depois de percorrer $14:104^{m}$, o aqueducto vem terminar no reservatorio das Amoreiras, onde a agua cae em cascata. O reservatorio, que comporta 5:460 metros cubicos de agua, acha-se no interior de um edificio de construcção solidissima, que se eleva até á altura do tecto do aqueducto, e sobre o qual ha um vasto terraço d'onde se disfructa o explendido panorama d'uma grande parte da cidade e do Tejo

Para terminar, devemos dizer que só o Aqueducto das aguas livres importou em cêrca de 5:500 contos, e todos os outros que lhe são subsidiarios, galerias, etc. (construcções feitas pela actual Companhia, ou pelo Estado), em 1:000 contos.

AS AGUAS DO ALVIELA

A nascente do Alviela brota na base d'um alto rochedo, situado 10 kilometros ao norte da villa de Pernes e 2 kilometros a oeste da aldeia de Amiaes de Baixo, precisamente no ponto onde termina a margem esquerda do ribeiro dos Amiaes, que ali tem a sua foz. Como, na ultima parte do seu curso, este ribeiro passa subterraneamente atravez de rochas calcareas apresentando numerosas fendas que communicavam com os reservatorios da nascente, quando se quiz aproveitar as aguas d'esta para o abastecimento da capital, foi preciso, é claro, impedir essa communicação, o que se conseguiu tapando todas as fendas e construindo, a partir de certo ponto do subsolo, um solido muro que ficou separando completamente os reservatorios da nascente do leito do ribeiro. Feito isto, construiu-se um outro muro, em prolongamento da margem esquerda do ribeiro e até um pouco mais abaixo da nascente, destinado a evitar que ás aguas d'esta fossem juntar-se as d'aquelle. E como o canal de derivação tem o seu ponto de partida na margem opposta, houve necessidade de levar até lá as aguas captadas da nascente, o que se fez por meio de trez tubos de grande diametro que atravessam o leito do ribeiro, e vão finalisar n'um pequeno compartimento, d'onde as aguas seguem, por um cano de um metro de largura e 37 de comprimento, para uma bacia, que recebe tambem a extremidade de um quarto tubo, vindo directamente da nascente, e que permite a alimentação parcial do canal quando é preciso interromper o funccionamento dos trez outros tubos.

Esta bacia, contigua á casa das comportas de entrada no canal, tem o fundo mais baixo do que os escuadoiros d'aquellas, a fim de poder reter a areia e quaesquer outras materias que a agua traga em suspensão. A partir das comportas, o canal segue, n'um percurso de 114 kilometros, até Lisboa, terminando aqui ao nivel de $31^{m},661$, inferior em $22^{m},669$ ao da nascente.

Em todo este percurso foi necessario construir, para a passagem do canal, numerosas obras d'arte, entre as quaes: 201 pontes sobre ravinas, vales de pequena profundidade, ou regatos; 94 tuneis, dos quaes o mais importante é o da Torre Bella, que mede 2:504 metros; 50 syphões, sobre grandes vales ou profundas depressões de terreno; e a ponte syphão sobre a ribeira de Sacavem.

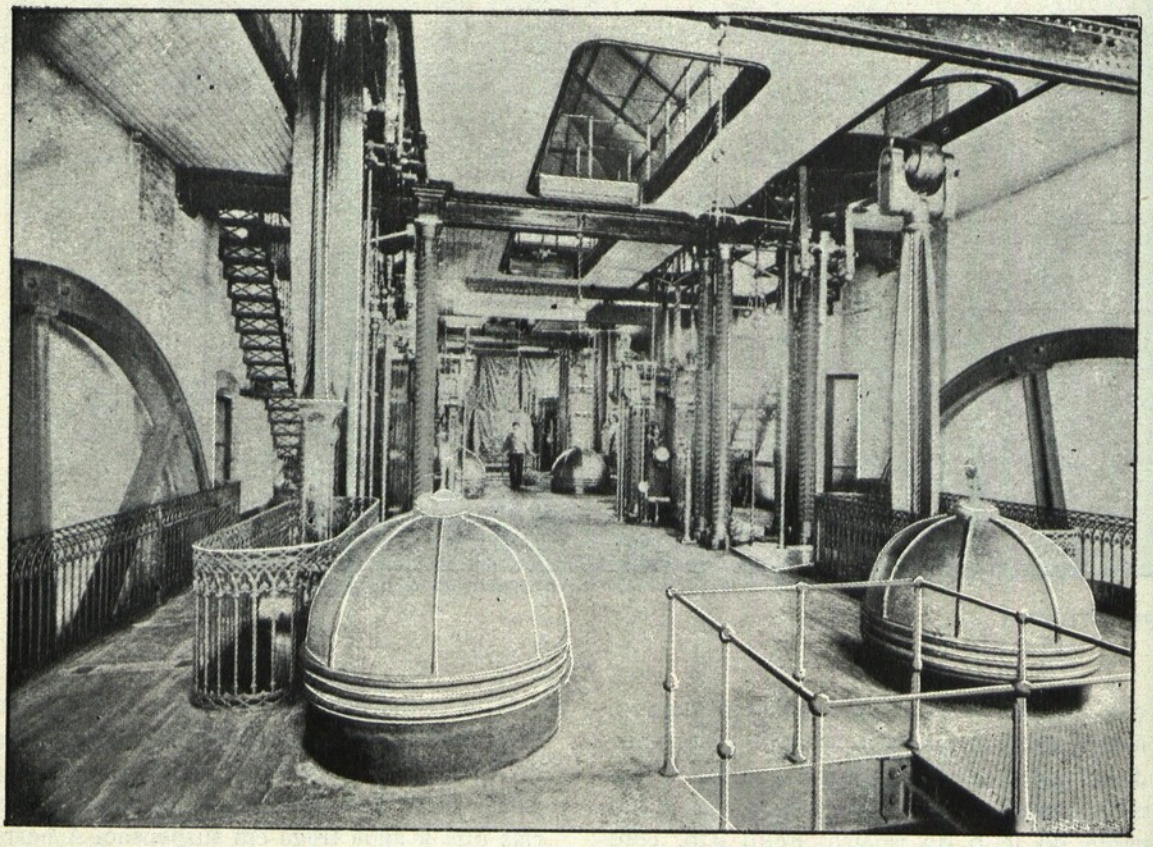
Concluidos os trabalhos de derivação do Alviela, que importaram em 3:500 contos, foi necessario construir em Lisboa o reservatorio dos Barbadinhos, com a capacidade de 10:280 metros cubicos, destinado a receber as res-

pectivas aguas, assim como o estabelecimento elevatorio do mesmo nome e o do Arco, para as elevarem aos reservatorios das trez zonas de distribuição.

O dos Barbadinhos, separado do reservatorio apenas pelo poço de aspiração das bombas, está montado n'um edificio de dois corpos, expressamente construido para esse fim. O primeiro, de 30 metros de comprimento por 11 de largura e 19 de altura, contem, no rez-do-chão, as bombas, e os reservatorios de ar de aspiração e de descarga; o andar superior é ocupado pela sala das machinas. No segundo corpo, de 25 metros de comprimento, por 21 de largura e 9 de altura está alojada a bateria dos geradores de vapor e o deposito de carvão.

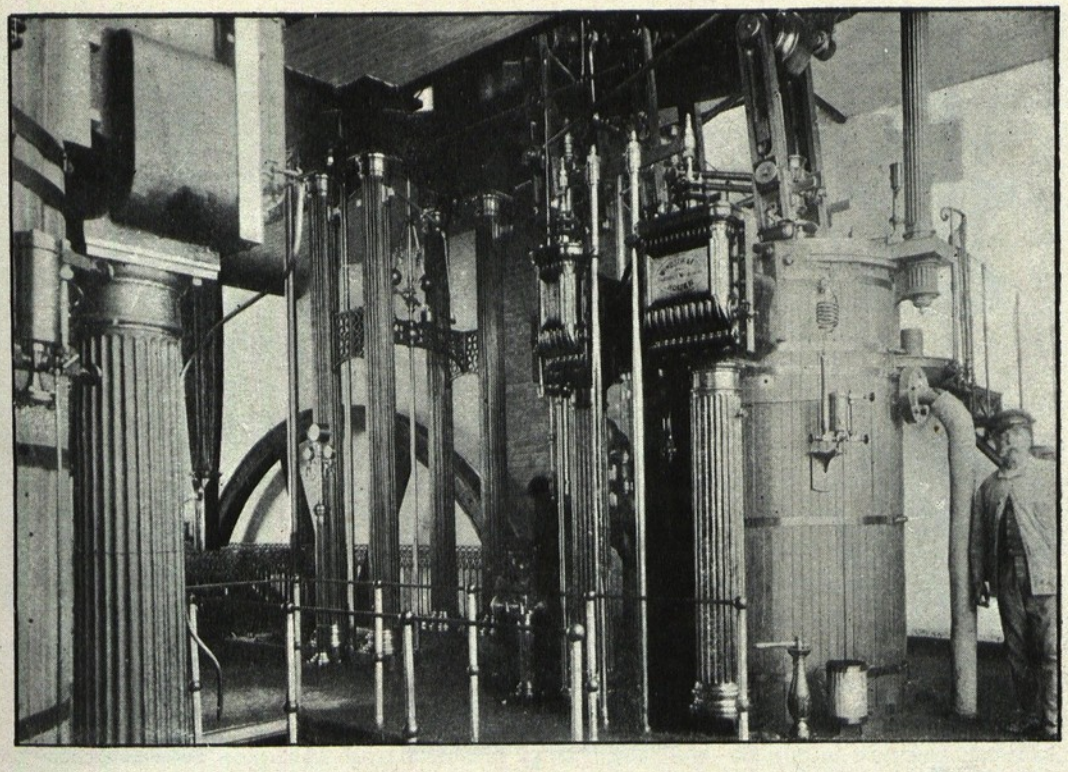
As caldeiras são cinco, dando cada uma cinco kilogrammas de pressão effectiva. O vapor que ellas produzem vae para um reservatorio commum, d'onde é distribuido pelas machinas. Estas, em numero de quatro, todas do mesmo typo, são verticaes, de balanceiro, com dois cylindros, camisa de vapor e expansão variavel. Cada uma d'ellas actua duas bombas verticaes, simples, collocadas symetricamente em relação ao eixo de rotação do balanceiro.

A machina n.º 3 faz apenas o serviço da pequena elevação, para a zona baixa, lançando no respectivo reservatorio 176 litros por segundo, o que representa um trabalho util de 100 cavallos vapor. As n.os 1 e 2, especialmente destinadas ao serviço da zona média, produzem cada uma o trabalho de 104 cavallos, sendo a quantidade da agua elevada 107 litros por segundo. A n.º 4 póde fazer indiferentemente os dois serviços: eleva 139 litros para a zona baixa e 117 para a zona média



A CASA DAS MACHINAS DO ESTABELECIMENTO ELEVATORIO DOS BARBADINHOS

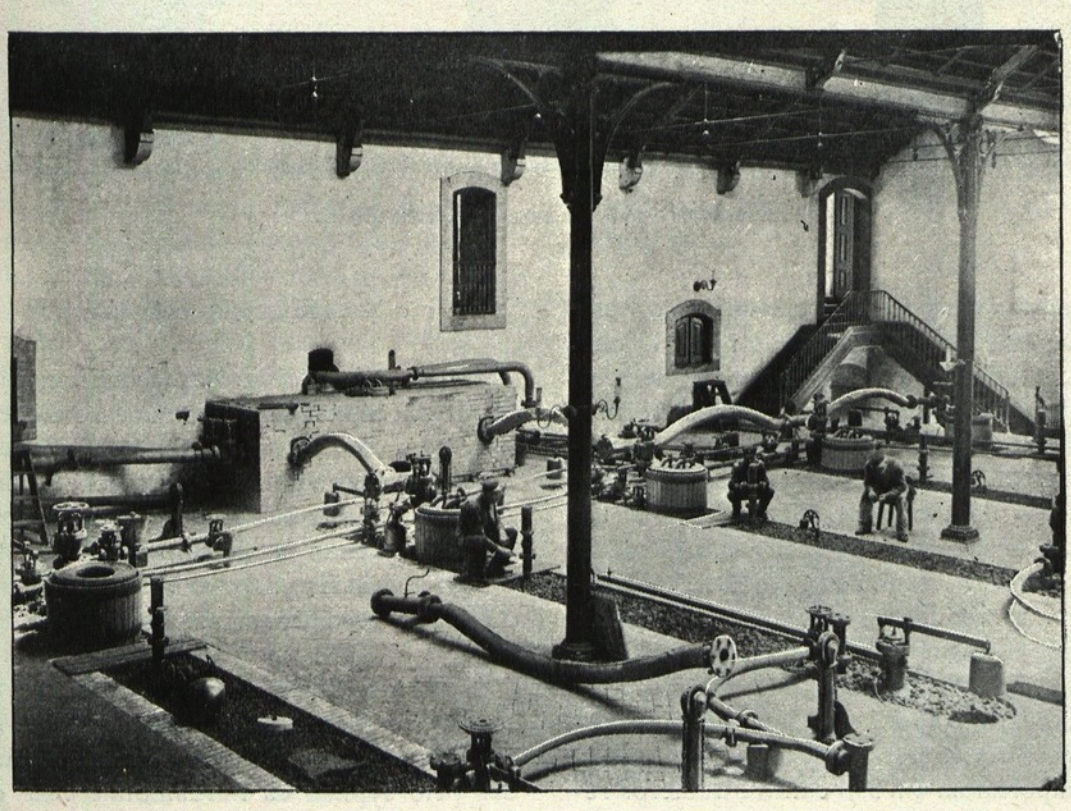
Os canos de descarga teem 61 centimetros de diametro. O que serve a zona baixa, isto é, que vae alimentar o reservatorio da Veronica, mede 971 metros de comprimento. O que serve a zona média não se liga directamente com o reservatorio respectivo: depois de um percurso de 1:399 metros, finalisa n'uma cisterna de 60 metros cubicos de capacidade, situada no largo do Monte, d'onde a agua segue, por um syphão de 2:694 metros, para o reservatorio do Arco e, por uma ramifica-



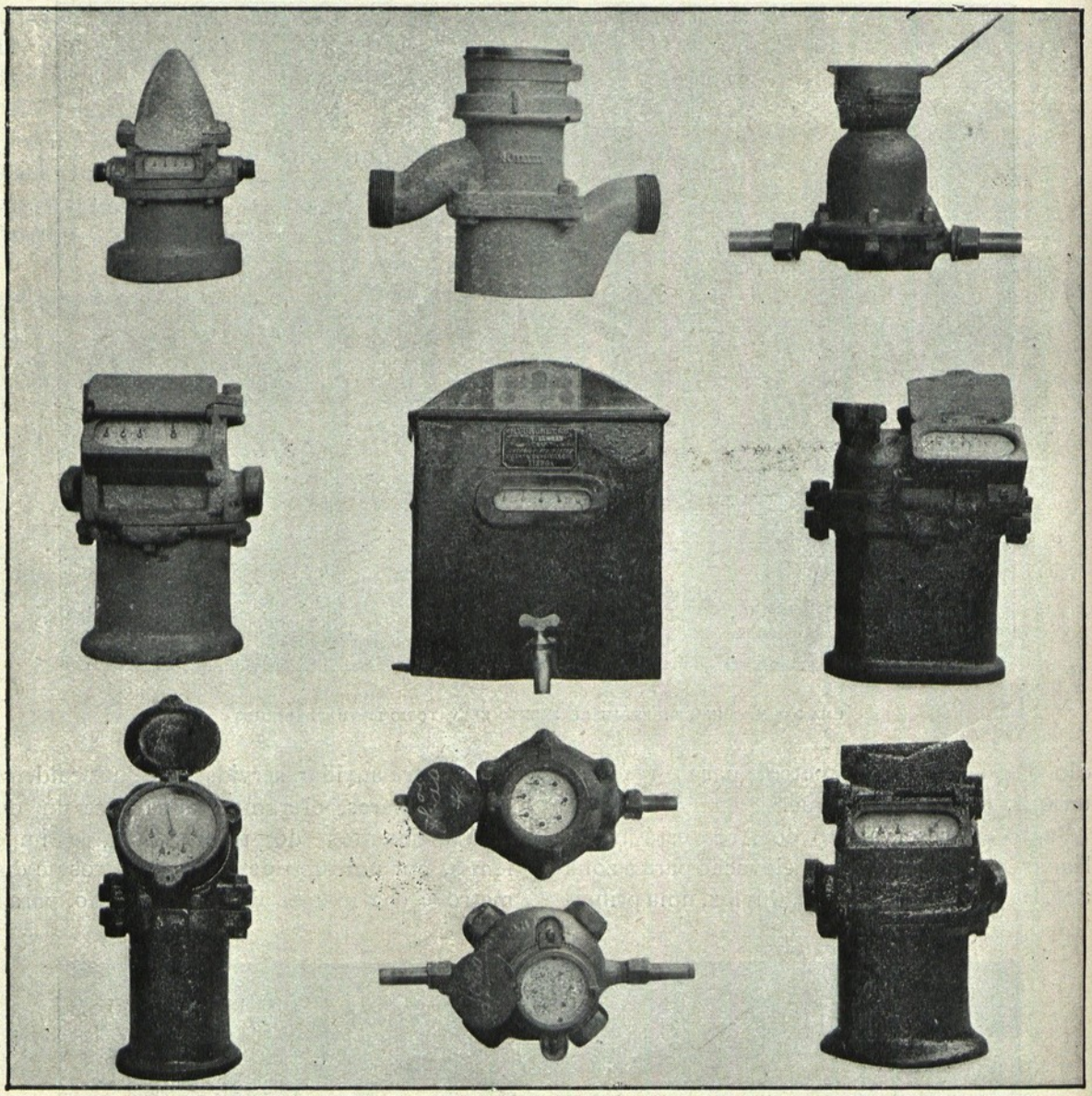
UMA DAS MACHINAS DO ESTABELECIMENTO ELEVATORIO DOS BARBADINHOS

ção d'aquelle, de 470 metros, para o reservatorio de Campo d'Ourique.

Junto do reservatorio do Arco está installado o estabelecimento de elevação para a zona alta. Duas bombas a vapor, duplex, uma principal e outra auxiliar, servidas por duas caldeiras multitubulares, elevam a agua para um dos compartimentos do reservatorio, e impelem a, por um tubo de 50 centimetros de diametro e 992 metros de comprimento, para o



AS CALDEIRAS DO ESTABELECIMENTO ELEVATORIO DOS BARBADINHOS



TYPOS DE CONTADORES ACTUALMENTE EM SERVIÇO

reservatorio mais alto da cidade: o do Pombal, que está a 118m,5 acima do nivel do mar. Cada caldeira, dando 8 kilogrammas de pressão effectiva, vaporisa, em marcha normal, 600 kilogrammas de agua por hora. A machina principal é de triple expansão, com condensadores de superficie, fazendo elevar 120 litros de agua por segundo, á altura média de 26 metros. A machina secundaria, de escape livre, serve apenas nas ocasiões em que a primeira não póde funccionar e produz metade do trabalho d'esta.

O reservatorio dos Barbadinhos e os estabelecimentos elevatorios do mesmo nome e do Arco importaram em 350 contos, numeros redondos.

A DISTRIBUIÇÃO DAS AGUAS

Como acima dissémos, a distribuição das aguas na capital faz-se em trez zonas separadas, com reservatorios e canalisação distinctos, o que teve de adoptar-se em virtude de o solo ser muito acidentado, não ser conveniente sugeitar a canalisação dos bairros baixos a grandes pressões e haver necessidade de elevar-se mechanicamente a agua do Alviela.

O abastecimento da zona alta faz-se quasi todo por intermedio do reservatorio do Pombal, que é alimentado com as aguas conduzidas pelo syphão da Porcalhota e pelas que o estabelecimento elevatorio do Arco lhe envia

A CASA DA «CHEGADA DAS AGUAS» NOS BARBADINHOS

do reservatorio homonymo. Por meio de um syphão duplo, communica aquelle reservatorio com o seu auxiliar da Penha — uma cisterna de um antigo convento, adaptada convenientemente, e que serve para a distribuição da agua na parte oriental da cidade.

A zona média depende do reservatorio do Arco, alimentado pelas *aguas altas* ou, como já está dito, pelas que lhe enviam as machinas dos Barbadinhos.

A zona baixa dispõe de trez reservatorios: o da Veronica, o da Patriarchal e o das Amoreiras. Este ultimo não está ligado directamente á canalisação inferior, podendo só auxiliar a distribuição por intermedio do da Patriarchal; como, alem d'isso, o seu continuo funccionamento saía muito dispendioso, conserva-se normalmente fechado, servindo apenas em circumstancias excepcionaes. Assim, o serviço da zona baixa é feito usualmente pelos outros dois, ligados entre si por um syphão, mas, sobretudo, pelo primeiro, alimentado com as aguas do Alviela, vindas dos Barbadinhos, e as *aguas baixas*, vindas por intermedio do estabelecimento elevatorio da Praia. Quando abundam as *aguas altas*, ou se interrompe o serviço do canal do Alviela, assume então o principal papel o reservatorio da Patriarchal, recebendo as aguas do aqueducto de D. João V, ou as dos reservatorios do Arco, das Amoreiras e de Campo de Ourique, com os quaes tem uma communicação especial.

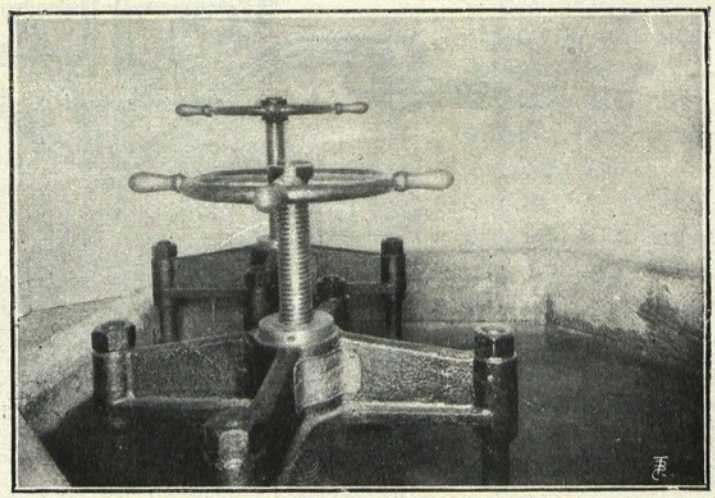
Este ultimo é quasi exclusivamente destinado a suprir a falta d'agua resultante da paragem forçada das machinas elevatorias dos Barbadinhos. Tendo a capacidade de 121:800 metros cubicos, e recebendo indiferentemente as *aguas altas* ou as do Alviela, póde, só por si, abastecer a capital durante quatro dias, alimentando a zona baixa por intermedio do reservatorio da Patriarchal, a zona média directamente, e a zona alta por meio do do Pombal, com o auxilio das bombas elevatorias do Arco. Todos estes reservatorios de distribuição e as suas repectivas canalisações importaram em cêrca de 500 contos de réis.

Cada um d'elles communica directamente com a rêde geral da canalisação de cada zona, da qual partem as ramificações que vão levar a agua aos edificios, fontes publicas, bocas de incendio, etc.

UM POUCO DE ESTATISTICA

Para se avaliar o extraordinario augmento do consumo que tem tido a agua em Lisboa, basta citar os seguintes numeros:

Em 1869, um anno depois da sua constituição, a Companhia tinha 976 consumidores particulares; em 1875, 10:951; em 1885, 30:749; em 1895, 41:316 e em 1905, 52:974. A agua por elles gasta foi respectivamente, 68:277 metros cubicos, pelos primeiros; 424:141, pelos segundos; 1.430:698, pelos terceiros; 1.493:260, pelos quartos e 2.618:674, pelos ultimos.



INTERIOR DA CASA DA «CHEGADA DAS AGUAS»

Alem d'este consumo, a Companhia tem de prover tambem ao de:

38 chafarizes, para alimentação do publico;

6 marcos fontenarios-bebedouros, collocados a expensas da Sociedade Protectora dos Animaes;

41 marcos-fontenarios, para uso dos transeuntes;

199 urinoes;

9 fontes decorativas nas praças publicas e avenidas;

1436 bocas de incendio, collocadas nos passeios das ruas e que servem tambem para a rega das mesmas;

24 jardins publicos;

9 lavadouros;

22 retretes publicas;

2 cemiterios;

31 estabelecimentos municipaes: repartições, escolas, azylos, mercados, bibliothecas, matadouro, quarteis de bombeiros, etc.;

396 estabelecimentos do Estado: ministerios, escolas, hospitaes, quarteis, prisões, etc.

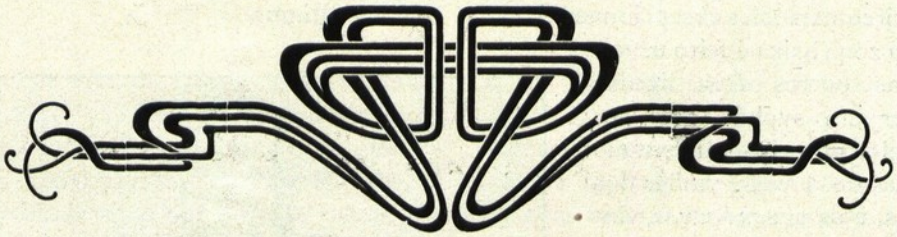
Assim, o consumo total util, em 1905, foi de 11.912:762 metros cubicos.

Clichés de A. Lima.

Pelo seu contracto com o governo, a Companhia obrigou-se a fornecer gratuitamente ao Estado e ao Municipio a terça parte da agua de que dispõe; mas como essa quantidade não basta para atender ás necessidades publicas, o governo e a camara municipal pagam o excesso, mas por um preço mais baixo do que os consumidores particulares. No anno preterito o excesso pago pelo primeiro importou em 150.000$000 réis e pela segunda em 179.942$450 réis.

Até 31 de dezembro de 1905, as despezas extraordinarias da Companhia elevavam-se a 6.329:655$609 réis. As despezas ordinarias no anno preterito foram de 492:555$619 réis e as receitas de 827:144$711 réis.

Provam estes numeros que, descontando mesmo os gastos com a amortisação do capital empregado, a situação da Companhia é bastante prospera, o que dá direito ao publico a alimentar a esperança de que n'um breve praso a agua lhe seja fornecida por um preço inferior ao actual — que é bastante elevado, atendendo ás exigencias cada vez maiores da hygiene moderna.



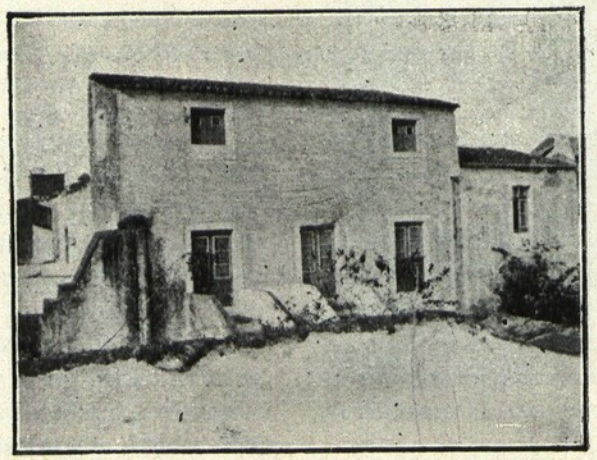
O Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque

NA INTIMIDADE

É na intimidade que melhor se conhecem os homens. O dictado «não ha homem grande para o seu creado de quarto», foi decerto inventado por quem servia um mediocre com prosapias de grandeza.

Não ha como a intimidade, em que se não afivelam mascaras, em que se não assumem attitudes postiças, em que se não pretende armar ao effeito, para se surprehender a cada instante os thesouros nativos da bondade, do caracter e da intelligencia dos que são verdadeiramente possuidores d'esses dons.

Mesmo para os homens que, como Luiz d'Almeida e Albuquerque, aborrecem todas as exteriorisações, e em toda a parte se apresentam tal como são, mesmo para esses, a luz da intimidade é a que põe em maior e mais nitido relevo as qualidades e as linhas da sua physionomia moral, que é a mais digna de analyse e de apreço em todas as individualidades. Foi sobretudo nos ultimos annos da sua vida, em que, arredado das luctas e trabalhos que haviam agitado o homem publico e o jornalista, passara a sentir em volta de si uma grande pacificação serena, dourada por uma rara e admiravel dedicação de filha, foi n'esses ultimos annos que melhor se accentuáram as suas qualidades, na livre expansão do que n'ellas havia de realmente sympathico e bom.



CASA ONDE NASCEU O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE EM SERPA

Os seus livros, que foram a paixão de toda a sua vida; os estudos que eram o seu unico entretenimento; os seus escriptos, quer sobre as sciencias que versava na sua cadeira de economia politica, quer para a imprensa, d'onde ficara com o habito de fallar ao publico, em effusiva communhão de ideias e sentimentos; as suas filhas, muito principalmente aquella que durante os ultimos 25 annos lhe consagrara toda a sua vida, e a quem dias antes de morrer dizia ser-lhe «indispensavel como o ar que respirava»; os seus netos, principalmente aquelles que tomara mais directamente a seu cargo, dirigindo-os, educando-os, vigiando-lhes os estudos e dando-lhes, a um, posição social, e a outra, um curso d'arte de que é solicita e intelligente cultora; os seus amigos, raros mas fieis, que até final o foram procurar ao seu retiro de Belver, — taes foram as predilecções d'aquelle coração e d'aquella intelligencia, que entre o amor pela cultura do espirito e o amor pela familia, dividiu as attenções, e viveu satisfeito, alegre, de uma alegria communicativa e sã, que n'aquella physionomia de velho octogenario, sempre bem disposto e sadio, representava como que uma perenne aurora espiritual por entre os nimbos crepusculares da vida que ia chegando ao seu termo.

Até aos ultimos instantes, irradiaram na sua palavra as scintil-

lações d'uma graça exhuberante, que já fizera epocha em Coimbra, nos bancos das escolas e no turbilhão academico, onde só se destacam as individualidades bem accentuadas.

Não ha ninguem que o conhecesse que não repita os ditos e as graças de Luiz d'Almeida e Albuquerque.

A redacção do *Jornal do Commercio*, por elle fundada e por elle durante 30 annos dirigida, era n'esse tempo o centro de reunião dos homens mais eminentes do paiz, nas lettras e na politica. N'elle collaboraram todos, e d'alli sahiram alguns para os bancos do governo.

Havia um, mais tarde alta summidade politica, que não sabia escrever artigos sem os rechear de citações de auctores; ás vezes, a proposito das cousas mais insignificantes, era: — segundo Kant, segundo Machiavello, segundo Rosseau...

Uma vez, em pleno conclave de redactores, o nosso homem leu pomposamente o seu artigo. A cada instante ouvia-se:

— Segundo este... Segundo aquelle... Segundo aquell'outro...

Quando terminou, Luiz d'Almeida poz-se a troçar da abundancia das citações. O sabio jornalista não gostou. Travou-se discussão. Luiz d'Almeida, que era um argumentador arguto, levava constantemente á parede o adversario. Este, perdendo por fim as estribeiras, saiu-se com esta:

— Sabes que mais? és um tolo!

— Sim, retorquiu serenamente Luiz d'Almeida; sou um tolo; — mas, olha lá, segundo quem?

Imagine-se o exito d'este *coup de Jarnac*, da mais genuina e espontanea graça!

Uma outra vez, havia jantar de festa em casa de Luiz d'Almeida e Albuquerque, pelo seu anniversario; reuniram-se a familia e alguns amigos mais intimos. Uma d'essas philarmonicas que se occupam em ir cumprimentar pessoas por occasiões festivas, á caça de esportulas, soube do caso; e ao meio do jantar ouviu-se de repente, com extranheza de todos, romper no pateo o hymno da Carta. Quando este terminou, appareceu um creado apresentando n'uma bandeja um bilhete que dizia: — *Fulano de tal, Director da Philarmonica tal, cumprimenta V. Ex.ª pelo seu anniversario natalicio.*

RETRATO DO DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE
Gravado por sua neta D. Magdalena d'Albuquerque Gusmão.

Luis d'Almeida endireitou os oculos, leu alto o bilhete, e entregando-o ao creado, respondeu muito serio:

— Dize a esse senhor que lhe fico muito obrigado, e que quando elle fizer annos lá irei tambem tocar-lhe á porta.

Era uma veia inexgotavel! E com a enorme quantidade de anecdotas e factos que armazenava na cabeça, fazia a delicia e o encanto de quantos o ouviam.

Sobrava-lhe o tempo para tudo. Levantava-se geralmento antes do sol; e, em seguida a um banho frio, punha-se a ler ou a escrever, até sair para a aula, que era sempre ás 8 da manhã, não faltando nunca, quer chovesse, quer ventasse, — ou até ao almoço, pelas 10 horas, á antiga

O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE
E SUA FILHA
D. LUIZA D'ALBUQUERQUE

portugueza. Em seguida, ou continuava trabalhando em casa, ou sahia para as suas multiplas occupações; e estas, apesar de bastantes para lhe absorver as attenções e a paciencia, davam-lhe azo para se occupar do ensino dos netos ou das creanças do seu conhecimento, para fazer versos engraçadissimos, para tractar dos negocios dos amigos, para se interessar pelos pobres e desvalidos, e para todas as noites dedicar umas horas ao casino em familia, paixão dos seus ultimos annos, mas sob color de querer entreter... os outros. Lá lhe parecia que era occupação pouco á altura de quem, emquanto se lhe não enfraqueceu a vista, até as horas nocturnas votara á leitura e ao estudo.

*

* *

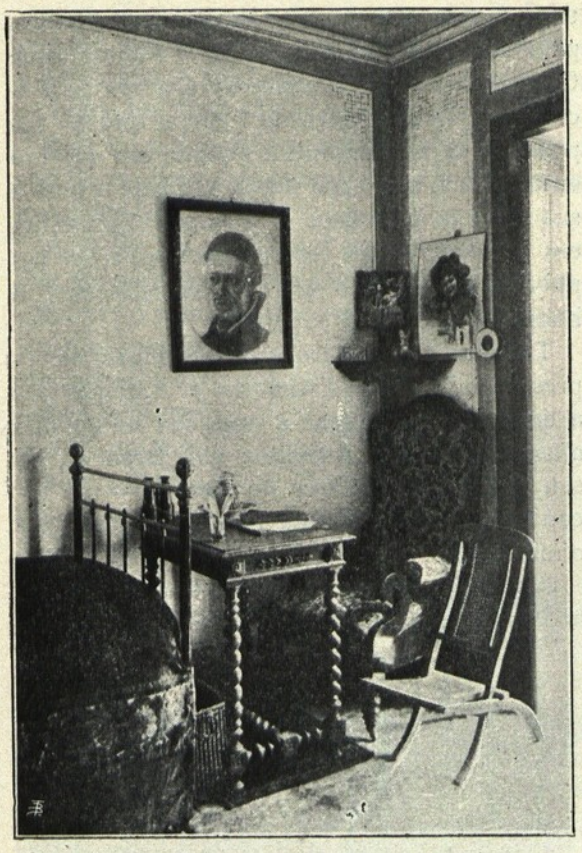
Entre a curiosa serie de illustrações d'este artigo vae a reproducção de um primoroso retrato de Luiz d'Almeida e Albuquerque, gravado pela sua neta D. Magdalena d'Albuquerque Gusmão, distincta alumna de gravura na Escola das Bellas Artes de Lisboa, que ao reproduzir a physionomia d'aquelle tão querido ente, poz n'elle toda a sua saudade e toda a sua emoção de artista. E' o primeiro trabalho, em gravura, d'esta senhora que apparece em publico, cumprindo aos *Serões* agradecer a honra da primicia.

Tocante é o quadro que reproduzimos representando Luiz d'Almeida e Albuquerque a ensinar o portuguez a uma sua amiguinha allemã, *frauleine* Adrianna von Brancas, no seu quarto em S. João do Estoril, — tão tocante que a mãe d'esta menina o quiz fixar n'um *kodak*.

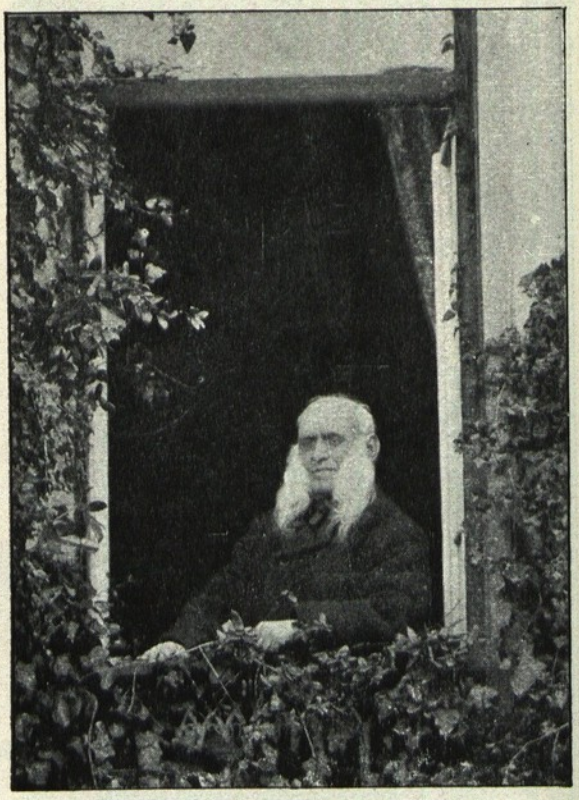
O tinteiro que a nossa gravura representa, artistico trabalho da ourivesaria Leitão, foi

AURORA E OCCASO

O Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque e a sua primeira bisneta Aline, filha de D. Valentina Gusmão Amaral. Elle com 80 annos de edade e ella com 19 mezes.



QUARTO DO DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE NA SUA HABITAÇÃO EM S. JOÃO DO ESTORIL, CHALET ANCORA



O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE A JANELLA ENRAMADA DA SUA SALA DA CASA DA RUA DE BELVER

offerecido em 1894 pelo corpo docente da Escola Polytechnica ao seu director quando este completou n'aquelle instituto 50 annos de professor. É em forma de meia esphera, em prata cinzelada, estylo D. João v, todo recamado de ornatos e flores. Na frente um escudo com concha e rocagens, e a gravura 1844 a 1894. Na tampa, redonda, no seu maior bojo, uma cercadura de ornatos, tendo a parte de cima, lisa, reservada a receber o monogramma gravado L. A. A placa lisa do fundo tem os seguintes dizeres gravados:

A
LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE
DIRECTOR DA ESCOLA POLYTECHNICA
LEMBRANÇA AFFECTUOSA DOS SEUS COLLEGAS
AO TERMINAR O SEU 50.º ANNO DE PROFESSORADO

Segue-se a assignatura de todos os lentes da Escola n'aquella data.

As outras illustrações d'este ligeiro artigo consagrado á memoria do illustre professor,— que foi uma figura de tanto relevo no nosso meio intellectual, mas que hoje encaramos apenas no seu meio intimo, onde foi mais caracteristica a sua individualidade —, mostram-nos a casa onde elle nasceu em Serpa, na antiga rua das Capellinhas, hoje honrada com o seu nome desde os seus 80 annos e o quarto onde falleceu

O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE E FRAULEINE ADRIENNE VON BRANCAS NA LIÇÃO DE PORTUGUEZ. *(Kodak de Madame Brancas).*

na rua de Belver; representam-no á janella enramada de verdura da sua salla de Lisboa; no seu interessante quarto, olhando para o mar, em S. João do Estoril, onde ha dois annos o foi cumprimentar, pelos seus 60 annos de professorado, o corpo docente da Escola Polytechnica, e em diversas outras scenas familiares, que mostram como elle era o centro e a alma de sua familia. Vemol-o n'um grupo com uma das suas filhas, uma neta e um bisneto, quatro

ouviria que os prazeres
que alegram minha velhice
são o carinho ineffavel
da tua santa meiguice.

Ouviria que se a vida
me corre sem amargura,
é que vela sobre mim
tua incessante ternura.

QUARTO ONDE FALLECEU O DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE NA SUA CASA DA RUA DE BELVER, EM LISBOA

gerações reunidas; vemol-o, — occaso e aurora! — dando a mão a sua primeira bisneta elle com 80 annos, ella com 19 mezes; vemol-o abraçado pela filha que era a sua companheira desvelada, e de quem elle dizia pouco antes do termo da sua vida:

Se, em vez de só palpitar,
o meu coração fallasse,
e, repousando em meu peito,
teu coração o escutasse,

É isto um indiscreto levantar de cortina que nos deixa ver Luiz de Almeida e Albuquerque na intimidade do seu lar, aconchegado, querido, amimado por todos que o constituiam, e para quem elle era o enlevo, o estimulo e o orgulho legitimo.

As nossas gravuras representam tambem as suas duas casas, uma propria, em Collares, onde costumava passar o verão, e outra, a de S. João do Estoril, *chalet Ancora*, onde ia passar temporadas durante o anno, nos ultimos tempos. Da primeira deixou entre os seus papeis a se-

QUATRO GERAÇÕES
O Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque, sua filha D. Heloisa de Albuquerque Masiotti; sua neta D. Maria do Carmo Masiotti França, e seu bisneto Antonio França.

guinte descripção que reproduzimos, para mostrar o amor e a poesia com que elle se prendia ás cousas que o rodeavam:

«Quasi no sopé de um monte de suave pendor, debruçado sobre o vale onde serpeia a ribeira da *Varzea*, levanta-se a minha modesta habitação.

Das janellas que olham para o *N.* alargão-se as vistas sobre um vasto espaço que, descendo até o fundo do vale, d'ahi ascende e se dilata pelo lado opposto, quasi insensivelmente, até findar no longiquo horisonte, defendido pela linha ondeada de uma serra que de Cintra corre até ir findar, formando a costa aspera e escarpada, junto á Praia das Maçãs.

Forma este immenso espaço, como que um oceano de verdura, não de superficie plana e uniforme, mas cahindo ou elevando-se conforme se ajusta ás desigualdades do terreno, que ora surge ora se abate, em continuadas dobras.

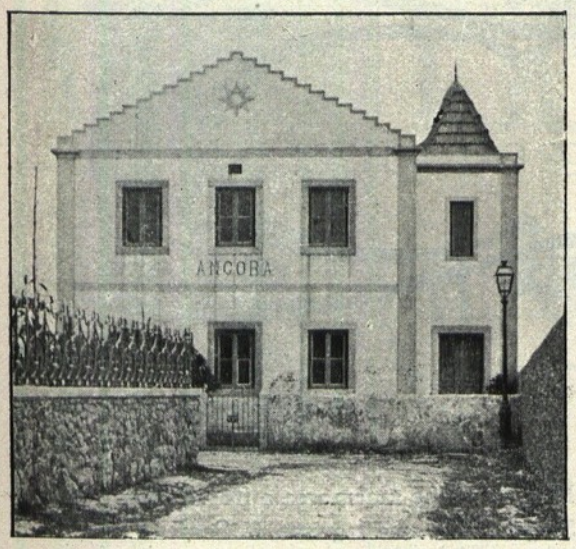
Ali se distinguem as variegadas côres, desde o verde escuro dos tristes pinheiraes, até o verde alegre e claro do canavial, que cerca a espaços os vinhedos.

A linha esguia dos chopos vae marcando a margem da ribeira, e os pomares de todos os fructos matisam boa parte deste tão variado quadro.

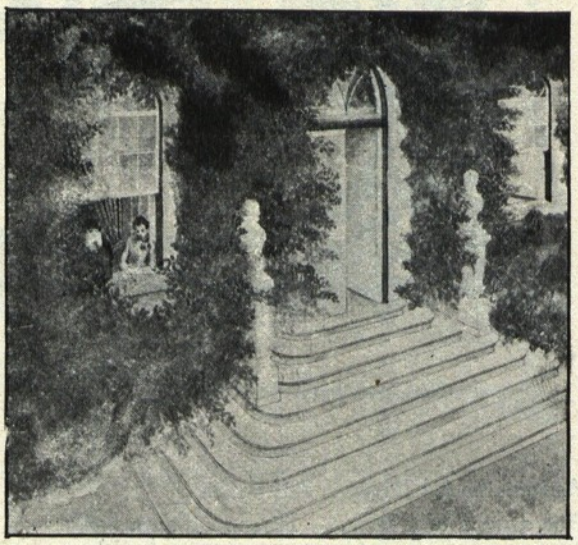
Alvejam, emergindo dentre o arvoredo, aqui e ali, pequenos agrupamentos de modestas habitações ruraes, e alguns graciosos e modernos *chalets*, e, cortando a linha extrema e afastada do horisonte, avultam trez moinhos de vento.

Um muro espesso de folhagem perenne emoldura a minha casa por trez lados, deixando-a assente entre um nicho de arvoredo. Um sentimento de suave repouso é acalentado, n'esta socegada vivenda, pelo afastamento do povoado. Aqui, quando esmorece o romorejar das arvores, sôa apenas o canto do gallo vigilante, ou o chiar do carro occupado na labutação rural.

«*Deus nobis haec otia fecit*». Aqui vivo feliz. Para aqui me guiou a mão benigna de Deus, no declinar da vida; e hoje, na fraqueza da velhice, aqui passo dias consoladores, em que nem o horario, nem os silvos da machina me annunciam a chegada, — que não pode demorar se — á estação *terminus*.



CASA EM S. JOÃO DO ESTORIL
Chalet Ancora



CASA EM COLLARES
De um desenho feito por sua neta

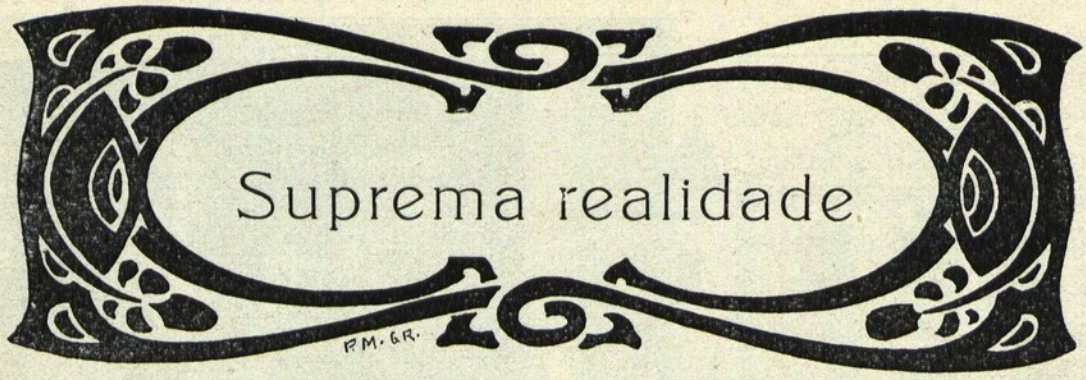
Neste florir e fresco verdejar da minha velhice, obrão, não só a solida constituição de resistencia physica de que me dotou a natureza, mas os incessantes disvelos que me cercão e me alentão, prevenindo, até as mais ligeiras exigencias, promovendo todos os confortos, e aquecendo-me a existencia d'aquelle sancto calor do affecto que brota do coração desinteressado e puro.»

Como se vê, encontrara Luiz d'Almeida e Albuquerque, no ultimo quartel da sua vida, aquella felicidade tão apetecida, mas por tão pouco achada, e sabida cultivar, — a alegria serena do lar!

A sua casa de Lisboa é pegada com a da redacção e typographia do *Jornal do Commercio*, de tão prestigiosas tradições. Como a de Collares mereceu-lhe longos annos de disvelo.

Do que elle foi como fundador d'este jornal, como jornalista, como professor, como homem publico, disse-o a imprensa, em unanime consagração, quando foi da sua morte; nós, dando aqui uma pallida ideia do que era o seu viver em familia, decerto lhe prestamos uma homenagem que, na modestia d'aquelle espirito seria — se elle ainda podesse assistir a ella, — de todas a mais agradavel e melhor acceite.

TINTEIRO OFFERECIDO AO DR. LUIZ D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE, DIRECTOR DA ESCOLA POLYTECHNICA, EM 1894, PELO CORPO DOCENTE D'AQUELLA ESCOLA



(Ao sr. Maximiliano d'Azevedo)

Amortalhada! Rígida! Abraçada
Por quatro taboas... — Rio-me e supponho,
Que tudo aquillo é apenas mais um sonho
D'esta pobre cabeça fatigada...

Faltou-me não sei quê do que eu vivia.
A' tarde, ao som da musica do vento,
Entre graves senhores, em passo lento,
Meu triste corpo um funeral seguia.

Julgam-me doido, inspiro dó; notei
Isso; que importa?... é o sonho que persiste
Porque isto é um sonho, e o sonho, não existe,
E eu não devo chorar!... E não chorei.

Mas, se fosse ella, pensei eu, a Querida!
E, por instantes, tive que parar...
Faltou-me não sei quê, talvez o ar,
O ar... uma cousa semelhante á vida!

— Não sei que amor perdi... custa-nos tanto
Acreditar que nos morreu alguem
Que amámos muito, noiva, irmã ou mãe!
A tarde é que chorou todo o meu pranto. —

Ella!? Impossivel! O exiguo vão
De quatro taboas por eterno leito!?
Podia lá caber n'esse caixão
O que não coube nunca no meu peito!?

Ser este o seu enterro e estar o ceo
Tão negro, e o meu espirito tranquillo!?
E então sorri e pensei... pensei... n'aquillo...
N'aquillo... que de todo me esqueceu...

Mas eu vi-lhe marmorea a fronte pura,
Singrada de uma lagrima... Sentia-a
Inerme. — E a lagrima bebi-a
Como quem bebe um trago de loucura!

Não sei que amor perdi... custa-nos tanto
Acreditar que nos morreu alguem
Que amámos muito, noiva, irmã ou mãe!
— A tarde é que chorou todo o meu pranto. —

Descerram-lhe o caixão. Estou a vel-a...
N'isto uma voz: — Permitte uma pergunta?
Era o senhor o noivo da defuncta?
E eu nada respondi a olhar p'ra Ella...

E a voz continuou, pausadamente:
— De extranha formosura ali está o resto...
E dizer que o coveiro faz um gesto,
E outro, e outro, e a occulta eternamente!...

...Mas a primeira pá, fria e pesada
De torrões negros despejou-se; e n'isto
É que todo o meu ser exclamou: Existo!
Emfim, sentira a alma sepultada...

Depois... Depois... Recordo-me; corri
A terra a procurar-me e ainda prosigo.
Nunca mais poude estar a sós comigo,
Nem recuperar a alma que perdi...

1905

JOÃO GOUVEIA.

SUMMARIO DOS CAPITULOS I A XVI

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relogio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narram a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que puderem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, afim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse. Vem uma embaixada dos matabeles declarar guerra aos makalangas. Meyer mata um dos embaixadores que falta ao respeito a Benita. Os europeus, no recinto interior da fortaleza de Bambatse, preparam-se para o cerco, e resolvem começar as suas pesquizas, para as quaes se lhes deparam enormes difficuldades. Encontram esqueletos de portuguezes mortos ha seculos, e um enorme crucifixo n'uma caverna. Benita, com receio de Meyer, por quem é requestada e que exerce sobre ella uma acção magnetica, resolve seu pae a fugir com ella. Fogem os dois, com effeito, mas, depois de varias peripecias, encontram-se á vista dos matabeles. Perseguidos por estes, são salvos por Meyer, que com os makalangas derrota os matabeles. Voltam a Bambatse. Meyer, para evitar nova tentativa de evasão, corta-lhes todos os meios de se afastarem da caverna onde se suppõe existe o thesouro.

CAPITULO XVII

A primeira experiencia

De novo Benita e seu pae se encararam perplexos, quasi desesperados. Estavam colhidos na ratoeira e privados de todo o soccorro; no poder de um homem a caminho da loucura. Clifford calou-se.

Estava velho e debilitado. Annos e annos, sem elle dar por tal, Meyer havia-o dominado, e nunca fôra maior esse ascendente do que n'essa hora de angustia e de perplexidade. Alem do que, esse homem ameaçara matal-o, e elle tinha medo, não tanto por si como por sua filha.

Se elle tivesse de morrer, que havia de ser d'ella, desamparada e sósinha com Jacob Meyer? A comprehensão tardia da sua loucura enchia-o de vergonha. Como tinha chegado a sua ruindade a ponto de metter uma rapariga n'uma aventura d'estas, em companhia de um

judeu sem escrupulos, de cujo passado elle nada sabia, a não ser que era equivoco e sombrio? Commettera um crime gravissimo, estimulado pela ancia do lucro, e o remorso paralysava-lhe a lingua e cerrava-lhe os labios; não sabia que dizer.

Por um momento se manteve egualmente Benita em silencio. Dentro d'ella desvanecera-se toda a esperança. Mas, como mulher intrepida que era, a coragem foi-lhe voltando gradualmente. A indignação, que lhe refervia no intimo, reverberava-lhe nos olhos negros. Virou-se de repente para Jacob, que se conservava sentado em frente d'elles, fumando o seu cachimbo e gozando a turvação dos companheiros.

— Pois atreve-se?... — perguntou ella em voz surda e concentrada — Atreve-se?... Cobarde!

Elle encolheu-se um pouco perante a colera e o desdem de Benita, depois pareceu cobrar animo e assumir uma attitude resoluta, como se sentisse imminente uma tremenda lucta, de cujo resultado tudo dependesse.

— Não se irrite comigo — redarguiu elle — Não posso supportar-lhe a colera. Ah! não imagina que mal me faz! Pois bem! Deixe-me dizer-lhe tudo, e deante de seu pae, que é mais digno assim. Atrevo-me, sim! atrevo-me... por sua causa.

— Por minha causa? Que beneficio me traz o ficar engaiolada n'este sitio horrendo, e na sua companhia? Preferia confiar-me aos makalangas, até mesmo — accrescentou ella com acerbo desprezo — até mesmo a esses sangrentos matabeles.

— Ainda não ha muito que fugiu d'elles a toda a pressa, Miss Clifford. Não me quer entender. Quando eu disse que era por sua causa, era por minha causa que eu queria dizer. Ora veja. Miss Clifford tentou outro dia apartar-se de mim, e baldou-se-lhe o intento. Para a outra vez podia ser mais feliz, e então que seria de mim?

— Isso não sei eu, sr. Meyer — e os seus olhos accrescentavam — nem me importa.

— Ah! mas sei eu! Da ultima vez ia-me quasi endoidecendo; para a outra vez fico doido de todo.

— Porque o sr. Meyer suppõe que por minha intervenção é que ha de achar esse thesouro com que sonha noite e dia...

— Tal qual — interrompeu elle com precipitação — Porque creio que em Miss Clifford hei de eu achar o thesouro com que sonho dia e noite, e porque esse thesouro se tornou necessario á minha vida.

Benita voltou-se promptamente para seu pae, que estava surprehendido com estas palavras, mas, sem dar tempo a qualquer d'elles para pronunciar uma palavra, Jacob passou a mão pela testa com ar esgazeado, e disse:

— Eu fallava mas era de... sim, do thesouro, d'esse incalculavel thesouro de ouro puro que está tão profundamente occulto, que tanto custa a descobrir e a empolgar, esse thesouro por emquanto inutil que tamanha alegria e gloria nos traria a nós ambos, se acaso o pudessemos haver ás mãos, e contal-o, e recontal-o, peça por peça, moeda por moeda, por essa vida fora.

Calou-se de novo, e depois proseguiu:

— É isso, Miss Clifford, tem toda a razão; foi por isso que me atrevi a fazel-a prisioneira, porque, como diz o velho molemo, o thesouro é seu e eu desejo alcançar o meu quinhão. Ora esse thesouro parece que não nos é possivel dar com elle, não é assim? apezar do penoso trabalho que tenho tido.

E olhou para as proprias mãos, delgadas, cheias de cicatrizes.

— É exacto, sr. Meyer. E' inutil procurar mais. Por isso, o melhor é deixar-nos ir para baixo, para a companhia dos makalangas.

— Mas é que ainda ha um meio, Miss Clifford, ainda ha um meio. Bem sabe onde está mettido o thesouro, e pode dizer-m'o.

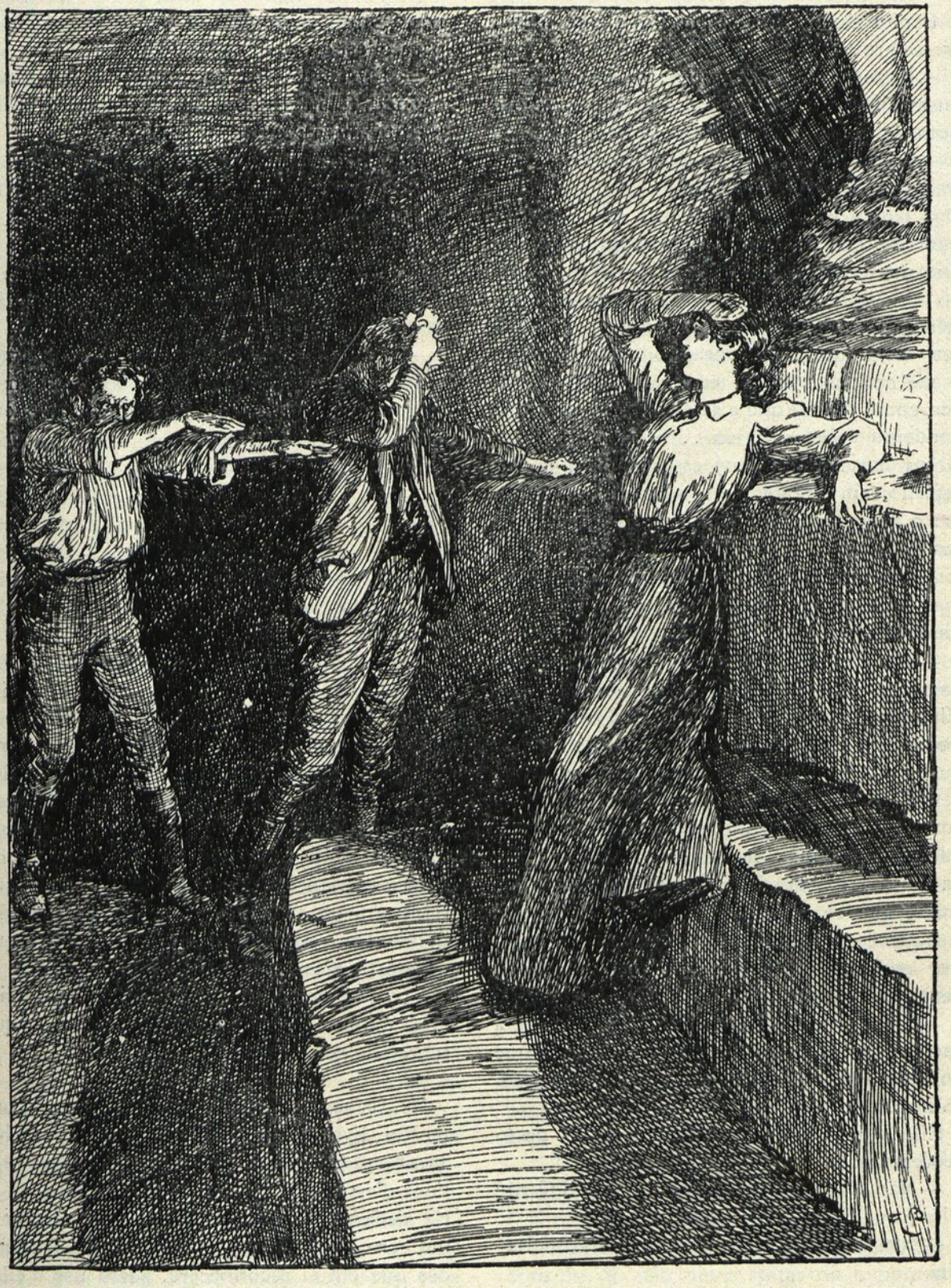
— Se eu soubesse, dizia-lh'o logo, sr. Meyer, e n'esse caso podia apossar-se d'elle á vontade, e a nossa sociedade ficava dissolvida.

— Isso é que não, emquanto não o repartirmos onça por onça e moeda por moeda. Mas primeiro... primeiro ha de dizer-me onde elle está, conforme declarou e como pode.

— Essa agora, sr. Meyer! Eu não tenho pretenções a feiticeira.

— Mas é-o com effeito. Eu lhe direi como, em vista da sua promessa. Escutem-me ambos com attenção. Eu estudei muito. Conheço um grande numero de segredos, e no seu rosto leio que Miss Clifford possue o dom... Deixe-me fitar-lhe bem os olhos uns instantes, e Miss Clifford adormecerá mansamente e depois no seu somno, que nenhum damno lhe fará, ha de ver onde está escondido esse ouro, e darnos-ha parte do que vir.

— Que quer dizer com isso? — perguntou Benita espantada.



«ACABE COM ESSA LOUCURA» DISSE ELLA

— O que elle quer dizer, bem sei eu — atalhou Clifford — Quer dizer que pretende hypnotisar-te, como fez ao chefe zulu.

Benita abriu a bocca para falar, mas Meyer disse promptamente:

— Espere! Ouça-me primeiro, antes de recusar. Miss Clifford possue o dom, o precioso dom de dupla vista, que tão raro é.

— Como sabe isso, sr. Meyer? Nunca em minha vida fui hypnotisada.

— Como sei, não importa. O que é certo é que sei. Tive a certeza logo da primeira vez que nos encontrámos, n'aquella noite, á beira do precipicio. Embora talvez n'essa occasião Miss Clifford nada sentisse, foi esse seu dom que fez vibrar o meu espirito e me conduziu alli, a tempo de os salvar, assim como foi elle que a avisou do desastre impendente sobre o navio... Sim, foi dos seus labios mesmo que ouvi essa historia. O seu espirito tem o poder de se soltar do corpo, de ver o passado e o futuro, de descobrir as cousas occultas

— Não creio em tal — respondeu Benita — mas em todo o caso não será o sr. Meyer que ha de soltal-o.

— Hei de, sim! — exclamou elle apaixonadamente, com os olhos a lampejarem sobre ella — Ah! isto tudo previa eu! Foi por isso que me determinei a trazel-a comnosco, para que, no caso que outros meios falhassem, pudessemos ter o seu poder como ultimo recurso. Todos falharam, com effeito. Não me faltou a paciencia, nada disse, mas agora não ha outro remedio. Pois será tão egoista, tão cruel, que se negue á experiencia, podendo enriquecer-nos dentro de uma hora, sem soffrer mal algum, apenas com um somno de instantes?

— Sim! — replicou Benita — Recuso-me a entregar a minha vontade á guarda seja de que homem fôr, e sobretudo nas suas mãos, sr. Meyer.

Elle voltou-se para Clifford com um gesto de desespero.

— Não será capaz de a convencer, Clifford? Ella é sua filha, ha de obedecer-lhe.

— N'esse ponto, não obedeço — disse Benita.

— Não — redarguiu Clifford — Não posso, nem queria, ainda que pudesse. Minha filha tem toda a razão. Alem d'isso, detesto essas manobras com geito de sobrenaturaes. Se não podemos encontrar o thesouro sem recorrer a esse expediente, então o melhor é deixal-o onde está, e acabou-se.

Meyer voltou-se de lado para esconder o rosto; mas logo em seguida olhou de novo para elles, e disse com toda a brandura:

— Tenho de acceitar a sua resposta; mas, quando falou de qualquer homem, Miss Clifford tambem incluia seu pae?

Benita abanou a cabeça negativamente.

— N'esse caso, consente que elle tente hypnotisal-a?

Benita desatou a rir.

— Pois sim, se elle quizer! — respondeu — Não me parece que a experiencia dê grandes resultados.

— Bem! ámanhã veremos. Agora estamos todos nós cançados. Vou pernoitar no meu novo acampamento, junto da muralha — concluiu elle intencionalmente.

*
* *

— Porque estás tu tão renitente contra a experiencia? — perguntou Clifford, apenas elle se afastou.

— Oh! meu pae! — respondeu ella — Pois não vê, não entende? Então, custa-me muito a explicar-lhe, mas não ha remedio. A principio, Meyer não ambicionava senão o thesouro Agora quer mais, quer-me a mim tambem. Eu tenho-lhe odio. Bem sabe que foi por isso que fugi. Mas tenho lido bastante a respeito d'essas materias de hypnotismo, e já assisti a uma ou duas experiencias, e quem sabe? Bastava que uma só vez eu consentisse em que elle me dominasse o espirito, para que, por muito que o deteste, viesse a tornar-me sua escrava.

— Agora entendo — disse Clifford — Maldita ideia minha, de te trazer aqui! Melhor fôra que nunca houvesse tornado a ver-te!

No dia seguinte fez-se a experiencia. Clifford tentou hypnotisar a filha. Toda a manhã, Jacob, que revelava agora conhecimentos praticos d'essa duvidosa arte, procurou instruil-o. No decurso da lição, informou-o que durante um certo tempo, em vista das grandes faculdades que em si reconhecera, fizera uso d'ellas como profissão, abandonando apenas o mister por ter percebido que lhe estragava a saude. Clifford observou que elle nunca lhe havia contado isso.

— Ha muita cousa na minha vida que eu

nunca lhe contei — replicou Jacob com um sorrisinho enigmatico — Por exemplo, uma vez hypnotisei-o eu, sem vossê dar por tal, e por isso é que sempre fez o que eu quiz, a não ser quando tem a sua filha a seu lado, porque a influencia d'ella é mais forte do que a minha.

Clifford encarou-o estarrecido.

— Não admire que Benita não lhe consinta que a hypnotise — disse elle laconicamente.

Foi então que Jacob reconheceu o seu erro.

— Vossê é mais ingenuo do que eu suppunha — disse elle — Era lá possivel que eu o hypnotisasse, sem vossê dar por isso? Eu disse isto a brincar.

— Não percebi que era brincadeira — replicou Clifford pouco satisfeito.

E a lição continuou.

N'essa tarde procedeu-se á prova, mesmo na caverna, onde Meyer parecia suppôr que eram propicias as influencias. Benita, que achava se divertia um pouco com a experiencia, estava sentada nos degraus de pedra abaixo do crucifixo, e havia uma luz accesa em cima do altar e outras duas aos lados d'ella.

Defronte estava seu pae, encarando-a fito e agitando as mãos mysteriosamente, em conformidade com os preceitos de Jacob. Tão ridicula era a sua attitude que Benita tinha grande difficuldade em conservar o seu serio. Era este o unico effeito que n'ella produziam as visagens e gestos de Clifford, embora ella mantivesse sem quebra uma apparencia de solemnidade, e até de quando em quando fechasse os olhos para o animar. Uma das vezes, ao abril-os de novo, percebeu que elle estava esfogueteado e esbaforido, e que Jacob o vigiava com tão desaprazivel pertinacia que ella tornou a fechar os olhos, só para não lhe ver a physionomia.

Foi pouco depois que de repente Benita começou a sentir o que quer que fosse, uma especie de penetrante poder que sobre ella escorria, algo de suave e subtil que parecia invadir-lhe o cerebro como a melopéa plangente com que sua mãe a embalava nos tempos nevoentos da infancia.

Começou a pensar que era um viandante perdido no meio das neves alpinas, envolto na neve que cahia em myriades de flocos, cada um dos quaes parecia ter um nucleo de fogo. Occorreu-lhe em seguida ter ouvido que este somno entre a neve era perigoso, o derradeiro dos somnos, e que as victimas deviam esforçar-se por despertar, aliás morreriam.

Benita despertou ainda a tempo; e ainda a tempo, porque era agora transportada sobre azas de cysnes que pairavam acima de um precipicio, e abaixo d'ella alastravam-se trevas por onde passeiavam vultos obscuros com luzinhas no logar dos corações. Ah! como lhe pesavam as palpebras! Era decerto um peso enorme que as premia, um peso de ouro. Emfim, abriram-se, e Benita viu. Viu que seu pae dera treguas aos seus esforços; esfregava a testa com um lenço vermelho; mas, por detraz d'elle, extendendo os braços inteiriçados, com os olhos rutilantes cravados no rosto d'ella, estava de pé Jacob Meyer. Benita fez um esforço, e ergueu-se sacudindo a cabeça, como um cão ao sahir de agua.

— Acabe com essa loucura — disse ella — Estou maçada.

Lançou mão de uma das candeias e correu precipitadamente para o meio da caverna.

Esperava ella que Jacob Meyer ficaria encolerisado e já se preparava para uma scena. Tal porem não succedeu. D'ahi a um instante approximavam-se os dois, apparentemente empenhados n'uma cavaqueira amigavel.

— Diz Meyer que eu não sou hypnotisador, minha querida — disse Clifford — E eu creio que elle tem toda a razão. Mas o que é certo é que esta brincadeira é de moer uma pessoa. Estou tão esfalfado como de quando nós nos safámos dos matabeles.

Ella riu-se e respondeu:

— A avaliar pelos resultados, concordo com meu pae. Decididamente não tem propensão para o occultismo. O melhor é deixar-se d'isso.

— Então não sentiu nada? — perguntou Meyer.

— Nada absolutamente — respondeu ella olhando-o com fixidez. — Isto é, nada, é inexacto.

Senti-me muito maçada e maguada por ver meu pae a fazer uma figura tão ridicula. Tolices d'estas não ficam bem aos cabellos brancos.

— Não ficam, não! — redarguiu elle. — Concordo comsigo; assim não!

E não se falou mais em tal.

Durante uns poucos de dias, Benita teve o consolo de não ouvir tratar de hypnotismo. Tambem, outra coisa havia que os preoccupava agora. Os matabeles, cançados de vadiar á roda da fortaleza e de cantar interminaveis hymnos de guerra, tinham-se resolvido a um assalto. Do seu miradouro na muralha supe-

rior, podiam os tres europeus vigiar os preparativos dos pretos. Estes cortavam arvores e transportavam-nas de muito longe, afim de construirem escadas toscas; andavam em volta da cerca espias á espreita de um ponto fraco para a defeza. Quando se approximavam demais, os makalangas faziam fogo e matavam alguns; os outros recolhiam-se ao acampamento, que haviam feito n'uma dobra de terreno a pouca distancia. De repente occorreu a Meyer que, apesar de os matabeles estarem alli a salvo das balas makalangas, o acampamento era dominado d'aquella grande eminencia, e, á laia de recreio, tratou de lhes dar cresta. A sua carabina era uma Martini de caça, e não lhe faltavam munições. Alem d'isso, era um atirador emerito, com uma vista penetrante como a do falcão.

Com alguns tiros de experiencia determinou o alcance preciso; andava por setecentos metros. E então, encetou as suas operações. Estendido no cimo da muralha, com a carabina apoiada a uma pedra, esperou que apparecesse a descoberto o homem que andava a superintender a fabrica das escadas, e então, com uma pontaria cuidadosa, fez fogo. O soldado, que era um selvagem de barba branca, deu um pulo para o ar e cahiu para traz, emquanto os companherios levantavam os olhos pasmados, procurando d'onde viria a bala.

— É bonito, não acha? — disse Meyer a Benita, que estava a mirar com um binoculo de campanha.

— Será — respondeu ella. — Mas eu não quero ver mais.

Deu o binoculo a seu pae, e desceu da plataforma.

Mas Meyer ficou, e de quando em quando ella ouvia-lhe as detonações da carabina. Á noite contou-lhe elle que matou seis homens e feriu mais dez, accrescentando que era aquelle o melhor dia de caçada de que em sua vida se podia recordar.

— Mas de que serve isso, sendo elles tantos? — perguntou ella.

— De pouco servirá — respondeu elle. — Mas incommoda-os a elles e diverte-me a mim. Alem d'isso, o nosso ajuste era auxiliarmos os makalangas, caso fossem atacados.

— Creio que o sr. Meyer gosta de matar gente — disse ella.

— Não é coisa que me afflija muito, Miss Clifford, especialmente se tentarem matal-a.

CAPITULO XVIII

A outra Benita

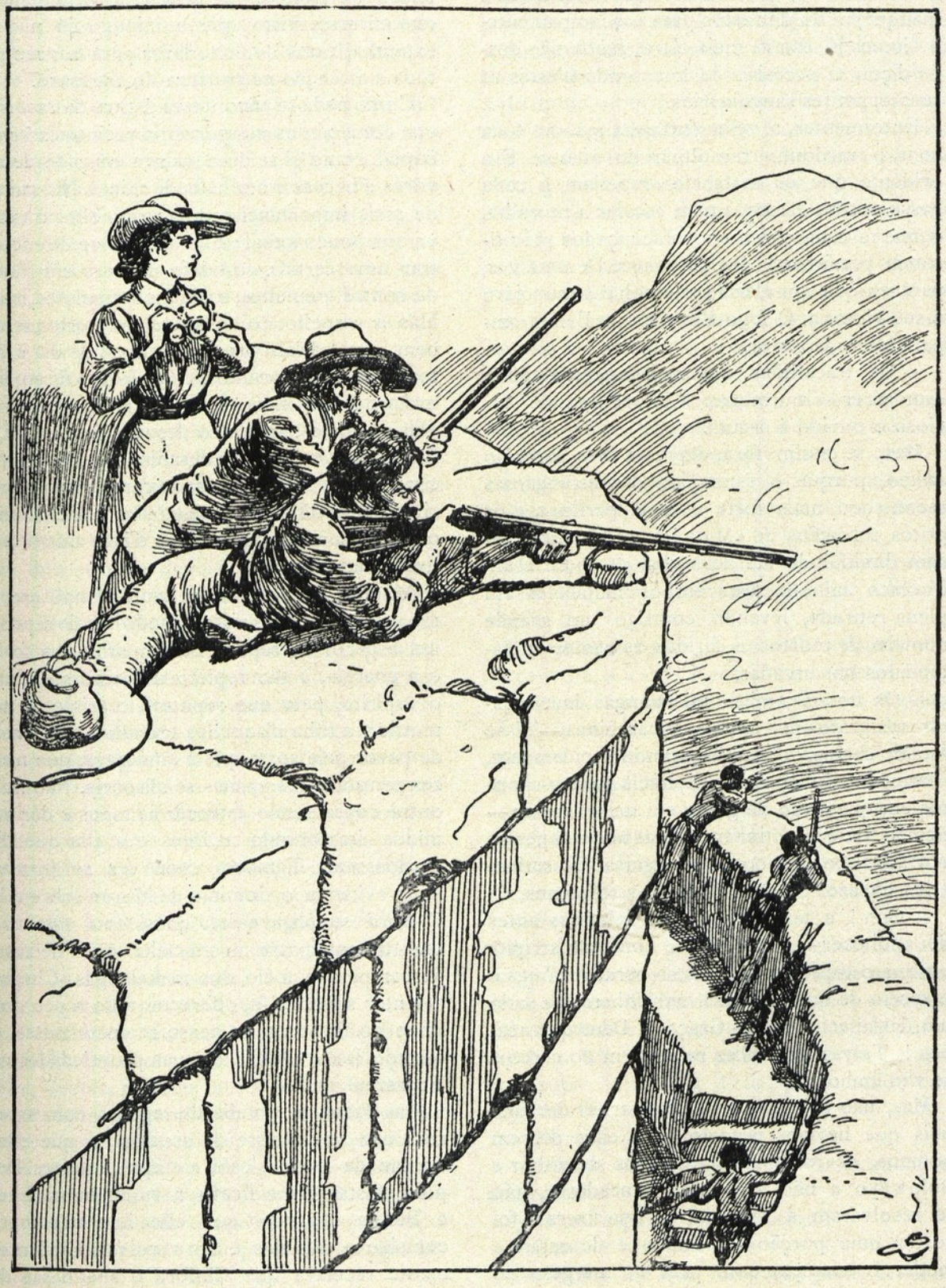
Uma que outra vez, quando não tinha outra cousa a fazer, Jacob entretinha-se no seu tiro aos homens, em que o acompanhava Clifford, embora com menos resultados.

Dentro em pouco se reconheceu com evidencia que os matabeles estavam sendo seriamente incommodados com a fatal certeza d'este tiroteio. Perda de vidas era cousa com que elles em abstracto pouco se importavam, mas como nenhum d'elles sabia quando lhe chegaria a vez de succumbir, sob estes terriveis tiros mergulhantes, o caso assumiu um aspecto differente. Deixarem o acampamento não lhes era facil, visto que tinham feito á roda d'elle uma *boma* de abrolhos, para os proteger caso os makalangas fizessem alguma sortida nocturna; alem do que, não era possivel acharem outro local conveniente. A consequencia d'isto tudo foi precipitarem o assalto, a que procederam, antes de terem aprestadas escadas em numero sufficiente para o tornarem efficaz.

Ao romper d'alva, no terceiro dia que se seguiu áquelle em que Clifford fizera a sua tentativa de hypnotismo, foi Benita despertada por um alarido e tiroteio. Vestiu-se á pressa, correu á luz tibia da madrugada para o ponto de baixo do qual parecia partir o ruido, subiu á muralha e ahi encontrou seu pae e Jacob já sentados, de carabina em punho.

— Os patetas estão a atacar o postigo por onde Miss Clifford sahiu a cavallo, o peior sitio que podiam ter escolhido; apezar de parecer mais fraca a muralha alli — disse Jacob — se os makalangas tiverem um bocado de arranco, devem dar-lhes uma lição mestra.

Surgia n'esse momento o sol, e elles puderam então ver os troços dos matabeles, transportando escadas, avançando na neblina da manhã até se occultarem na ondulação do terreno. Sobre estas companhias romperam fogo os dois brancos, sem que a claridade tibia lhes permitisse apreciar os resultados. D'ahi a um instante, um grande clamor annunciou-lhes que o inimigo alcançara o fosso e que dispunha as escadas. Até esse momento, os makalangas pareciam nada ter feito, mas foi então que começaram a atirar com rapidez de cima dos velhos bastiões que dominavam a entrada onde se concentravam os esforços do *impi*, e



COM ALGUNS TIROS DE EXPERIENCIA DETERMINOU O ALCANCE PRECISO

não tardou que atravez da nevoa espessa se descortinassem matabeles feridos recolhendo a manquejar ou de rastos para o acampamento.

Como já estava mais claro, Jacob não desperdiçou a occasião de ir cevando n'estes os seus appetites sanguinarios.

Entrementes, a velha fortaleza resoava toda com o medonho tumultuar do ataque. Era evidente que os matabeles repetiam a cada passo os seus esforços para escalar a muralha, e que a cada passo eram rechaçados pelo tiroteio persistente das carabinas. De uma vez, pareceu que um alarido triumphal annunciava a sua victoria. O fogo abrandou, e Benita empallideceu de terror.

— Os fracalhões dos makalangas estão a esmorecer — murmurou Clifford, pondo ancioso o ouvido á escuta.

Mas, se assim fôra, depressa lhes voltou o animo, porque o estampido das espingardas recomeçou mais forte e mais pertinaz, e os gritos selvagens de «Mata ! mata ! mata !» foram diminuindo até acabarem de todo. D'ahi a cinco minutos estavam os matabeles em plena retirada, levando comsigo um grande numero de mortos e feridos ás costas ou estendidos nas escadas.

— Os nossos amigos makalangas devem estar-nos gratos por essas cem carabinas — disse Jacob, carregando e disparando rapidamente, arremessando os seus projecteis para os pontos em que a mó de gente era mais espessa — Se não fosse isso, tinham a estas horas as guelas cortadas, porque com as azagaias não seriam elles capazes de conter aquelles selvagens.

— Sim ! e tambem nós as tinhamos antes de anoitecer — disse Benita com um arripio, porque o espectaculo da desesperada refrega e o receio de que acabasse mal tinham-lhe dado um desfallecimento — Graças a Deus que acabou ! Talvez que elles renunciem ao cerco e se vão embora.

Mas, não obstante a sua desastrosa derrota, pois que haviam perdido para cima de cem homens, os matabeles, receiosos de voltar a Buluwayo a não ser como vencedores, não se resolveram á retirada. O que fizeram foi cortar uma porção de caniço e de capim e mudar o acampamento para as margens do rio, em posição tal que não pudessem incommodal-os os tiros dos brancos. Ahi se installaram taciturnos, com a esperança de matar á fome a guarnição ou de achar qualquer outra maneira de entrar na fortaleza.

Ora como Meyer se vira forçado a pôr termo ao tiroteio por falta de alvo humano a que atirasse, visto que o inimigo já não se expunha, tinha de novo lazer para concentrar toda a attenção na procura do thesouro.

Como nada se encontrava dentro da caverna, elle começou as pesquizas no recinto exterior, o qual, como já se disse, estava erriçado de arvores e hervas e atulhado de ruinas. Nas ruinas de mais importancia começaram elles a excavar um pouco á toa, e tiveram a sorte de encontrar uma certa quantidade de ouro em fórma de contas e enfeites, e alguns esqueletos mais. Mas a respeito do thesouro dos portuguezes, nem signal. D'ahi proveiu irem-se de dia a dia tornando mais sorumbaticos, a ponto de por fim mal trocarem entre si umas palavras. Jacob tinha no rosto pintados o despeito e a colera, e Benita estava cheia de desanimo, por lhe parecer impossivel escaparem do carcereiro que em cima os prendia e dos matabeles que em baixo os aguardavam. Tinha alem d'isso outro motivo de anciedade.

A saude de seu pae, ha tanto tempo precaria, peiorou a olhos vistos, dando-lhe de repente um aspecto decrepito. Desamparou-o a força e a energia, e tão repleto de remorsos tinha o espirito, pelo que reputava o crime de ter mettido a filha n'aquelles trabalhos, tão cheio de pavor pela sorte que a ameaçava, que n'esses pensamentos apenas se absorvia. Não fazia outra cousa senão estorcer as mãos e dar gemidos, implorando a Deus e a ella que lhe perdoassem. Tambem cada vez se tornava mais evidente o dominio de Meyer sobre elle. Clifford supplicava-lhe, quasi com lagrimas, que desentaipasse a muralha e os deixasse descer para o meio dos makalangas. Chegou a tentar subornal-o, offereceu todo o seu quinhão no thesouro, se acaso se encontrasse, e, quando isso falhasse, as suas propriedades no Transvaal.

Mas Jacob respondia-lhe apenas com aspereza que se deixasse de asneiras, e que elles tinham de levar a cabo a empreza juntos. Depois afastava-se e ficava a ruminar sósinho, e Benita reparava que elle levava sempre comsigo a carabina e um revolver. Evidentemente receiava que Clifford o apanhasse de surpreza, e por suas mãos fizesse justiça com uma bala á queima-roupa.

Uma cousa comtudo lhe dava a ella um certo allivio : embora a vigiasse de perto, o judeu nunca tentava molestal-a por qualquer fórma

nem mesmo com a continuação dos seus amavios e falas enigmaticas. Gradualmente chegou a crer que tudo isso se lhe varrera do espirito, ou que elle tinha dado de mão ás suas tentativas, por infructiferas.

Passara uma semana sobre o assalto dos matabeles, e nada de novo succedera. Os makalangas não faziam caso d'elles, e Benita nunca dera por qualquer intento do velho molemo para trepar á muralha entaipada ou para de qualquer outra forma communicar com elles; e tão extranho lhe pareceu este facto, em vista da amizade que elle lhe consagrava, que chegou á conclusão de que o velho devia ter morrido por occasião do assalto. O proprio Jacob Meyer tinha-se deixado de cavar mais, e passava dias inteiros sentado a cogitar.

N'essa noite o repasto d'elles foi mesquinho, porque as victualhas iam escasseiando, e tristonho, porque nenhum d'elles dizia palavra. Benita não podia engulir bocado, já lhe fazia engulhos a carne seca, quasi o unico alimento que lhes restava, depois que Jacob entaipara a muralha. Mas por fortuna ainda havia café á farta. Benita bebeu duas chavenas, que Jacob preparou e lhe offereceu com grande polidez. Amargou-lhe o café, mas attribuiu esse amargor á falta de leite e de assucar. Finda a ceia, Meyer levantou-se e fez-lhe um cumprimento, resmoneando que se ia deitar, e d'ahi a minutos Clifford seguiu-lhe o exemplo. Ella acompanhou o pae á cabana por baixo da arvore, ajudou-o a tirar o casaco, operação que a elle lhe custava já a fazer sósinho, deu-lhe as boas noites e voltou para o pé da fogueira.

Solidão e silencio. Não se erguia o mais leve sussurro tanto do acampamento dos matabeles, como do dos makalangas. O luar, muito brilhante, parecia povoar aquelles sitios de sombras fantasticas que pareciam ter vida. Benita desabafou em choro, agora que o pae não podia vêl-a, depois, por seu turno, procurou refugio no seu leito de campanha. Era evidente que se approximava o desenlace, qualquer que fosse, e de pensar n'elle se lhe apertava o coração. Sentia um peso extranho nas palpebras, a tal ponto que, antes de acabar as suas orações, o somno prostrou-a e ella perdeu a noção das cousas.

Se ella se houvesse conservado espertinada, como aliás tantas vezes lhe succedera durante esses dias funestos, por volta da meia noite teria ouvido alguem que pé ante pé se dirigia á barraca, e teria visto o lençol de luar, que a travez da mal cerrada abertura se escoava, cortado pelo vulto de um homem de olhos lampejantes, cujos braços extendidos sobre ella se agitavam mysteriosamente. Mas Benita nada viu nem ouviu. Não percebeu que o seu somno, pesado de um soporifero, se convertia pouco a pouco n'um desfallecimento magico. Não percebeu que se levantava, que se embrulhava na sua capa, que accendia a sua candeia, e que, obedecendo aos acenos d'essa mão, deslisava para fóra da barraca. Não ouviu seu pae sahir estremunhado e tropego da sua choupana, desperto pelo som das passadas, nem as palavras que se trocaram entre elle e Jacob, emquanto elle, de candeia em punho, se erguia no meio dos dois como um espectro inane.

— Se se atreve a acordal-a — sibilou Jacob — affirmo-lhe que ella morrerá, e depois vossê — e apontou para o revolver que tinha á cinta. — Nenhum mal lhe succede, juro! Siga-me e veja. Esteja calado, homem; depende d'isso a nossa fortuna.

Então, dominado egualmente pela estranha fereza d'aquella voz e d'aquelle olhar, Clifford seguiu-o.

Dirigiram-se todos para o collo serpenteante da caverna, adeante Jacob caminhando ás arrecuas como um arauto da realeza, em seguida a mesma realeza sob a figura d'essa mulher de cabellos ondeantes e aspecto mortal, envolta n'um manto, segurando na mão a luz, finalmente o velho encanecido, como o Tempo, seguindo ao sepulcro a Formosura. Na grande caverna, desviando-se dos tumulos, do poço e do altar, postaram-se todos sob o crucifixo.

— Sentem-se disse Meyer.

A hypnotisada Benita sentou-se nos degraus aos pés da cruz, collocando a candeia no chão de rocha, em frente de si, e curvando a cabeça até os cabellos descahirem sobre os pés nus e tapal-os. Elle alongou as mãos uns momentos por sobre a cabeça d'ella, perguntando em seguida:

— Dormes?

— Durmo — respondeu uma voz extranha e compassada.

— O teu espirito está desperto?

— Está.

— Ordena-lhe que retroceda pelos seculos fóra até ao começo, e dize-me o que vês aqui.

— Vejo um antro fragoso cheio de bravios moradores; alem — e apontou para a direita — acha-se um velho moribundo; vela-o uma mulher negra, com uma creancinha ao peito.

«DEUS DO CEU!» BRADOU MEYER «É PORTUGUEZ QUE ELLA FALA!!»

Entra na caverna um homem, marido d'essa mulher. Empunha n'uma das mãos um archote, e com a outra traz um bode á trela.

— Basta! — disse Meyer — Ha quanto tempo é isso?

— Ha trinta e tres mil duzentos e um annos — foi a resposta, pronunciada sem a minima hesitação.

— Continua! — disse elle — Deixa passar trinta mil annos, e dize o que vês.

Seguiu-se um longo intervallo de silencio.

— Porque não respondes? — interrogou elle.

— Paciencia! Estou a viver por esses trinta mil annos; vidas sem conto, seculos e seculos, nada posso passar em claro.

Novo e prolongado silencio, até que finalmente falou:

— Tudo isso passou. Agora, ha tres mil annos, vejo este sitio mudado e menos grosseiramente afeiçoado, povoado por uma turba dada a ritos extranhos, com vestimentas singulares em que reluzem fivelas. Nas minhas costas ergue-se a estatua de uma deusa, de aspecto sereno e cruel, em frente do altar arde uma fogueira, e sobre o altar uns sacerdotes trajados de branco estão sacrificando uma creancinha que solta gritos estridentes.

— Passa avante! exclamou Meyer precipitadamente, como se aos olhos lhe houvesse saltado todo o horror d'aquella scena — Passa dois mil e setecentos annos, e dize-me o que vês.

Houve nova pausa, emquanto o espirito que elle tinha invocado no corpo de Benita vivia atravez dos seculos. Depois ella respondeu lentamente:

— Nada vejo: este logar está solitario e mergulhado em trevas, só os mortos dormem debaixo do chão.

— Espera até que reappareçam os vivos — ordenou elle — e depois fala.

— Eil-os! replicou ella d'alli a um instante — Monges tonsurados, um dos quaes dá forma a esse crucifixo; devotos que se prostram deante da hostia que está sobre o altar. Entram, saem... A quaes d'elles devo eu seguir?

— Conte-me dos portuguezes; d'esses que morreram aqui.

— Vejo-os a todos — redarguiu ella, passado um instante — São duzentos e tres. Esfarrapados, extenuados, famintos. Entre elles ha uma mulher, ainda moça. Acerca-se de mim, entra em mim. A ella convem perguntar... — e era em voz muito debil que ella falava — Deixei de ser eu.

Clifford tentou interromper, mas Meyer impoz-lhe rudemente silencio.

— Fala! — ordenou elle de novo.

E outra voz, que não a de Benita, respondeu n'outro idioma:

— Ouço, mas não comprehendo a vossa lingua.

— Deus do Ceu! — bradou Meyer — É portuguez que ella fala.

E por momentos ficou mudo e estarrecido perante o terror do facto, visto estar certo de que Benita não sabia portuguez. Conhecia-o elle, por ter vivido em Lourenço Marques.

— Quem és tu? — perguntou elle n'essa lingua.

— Sou Benita Ferreira. Sou filha do capitão Ferreira e de sua mulher Dona Christina, que n'este momento estão junto de vós. Voltae-vos e vel-os-heis.

Jacob estremeceu e olhou em torno de si com inquietação.

— Que disse ella? Não percebi bem — perguntou Clifford.

O judeu traduziu as phrases d'ella.

— Mas isto é magia negra — exclamou o velho — Benita não sabe portuguez, como é possivel que o fale?

— Porque já não é a nossa Benita quem está fallando, é outra Benita, a portugueza Benita Ferreira. Tinha razão o molemo quando disse que o espirito d'essa morta andava com ella, assim como o nome.

— Acabe com isso! — bradou Clifford — É uma impiedade o que está fazendo. Acorde-a, se não acordo-a eu.

— E mata-a. Basta tocar-lhe ou perturbal-a, e affirmo-lhe que morre — e apontou para Benita que em frente d'elles estava agachada, tão branca e immovel que já parecia morta — Cale-se! — accrescentou elle — Juro-lhe que não lhe advirá nenhum damno, e tambem que tudo lhe hei-de traduzir. Prometta, aliás nada lhe digo, e sobre a sua cabeça recahirá o sangue d'ella.

— Prometto — redarguiu Clifford com um gemido.

— Conta-me a tua historia, Benita Ferreira. Como vieram parar aqui tu e a tua gente?

— As tribus do Monomotapa rebellaram-se contra o nosso dominio. Mataram-nos muita gente nas terras baixas, sim, mataram meu irmão e aquella a quem elle devia desposar. O resto fugiu para o norte, para esta velha fortaleza, esperando evadirem-se d'aqui pelo rio

Zambeze. O Mambo, nosso vassallo, deu-nos aqui asylo, mas as tribus cercaram as muralhas com milhares e milhares de soldados, e incendiaram todas as almadias, não nos deixando meio de fugir pelo rio abaixo. Vezes sem conto os rechaçámos; encheu-se dos seus mortos o fosso, e por fim, acobardados, tiveram que pôr cobro aos assaltos.

«A fome começou então a apertar-nos, e elles apoderaram-se da primeira muralha. Cada vez nos alanceiava mais a fome, e elles tomaram-nos a segunda muralha, mas a terceira é que elles não puderam escalar. Nós iamos morrendo; um por um nos deixavamos cahir n'esta caverna e morriamos, até que fiquei eu só, porque a nossa gente, emquanto houve de comer, para mim o reservava, que era a filha do seu capitão. Sim! Sósinha me prostrei aos pés d'este crucifixo, junto ao cadaver de meu pae, supplicando a Nosso Senhor me desse a morte que não chegava, e aqui de joelhos desfalleci. Quando voltei a mim, cercavam-me o Mambo e a sua gente, porque as tribus, sabendo que todos nós haviamos perecido, tinham retirado, e aquelles que tinham ficado escondidos alem do rio, haviam voltado e conheciam o geito de escalar a muralha.

«Tiraram-me d'entre os mortos, deram-me de comer, e voltaram-me as forças. Mas de noite, como na minha ruindade eu me recusasse a viver, fugi d'elles, trepei á columna de pedra negra, e quando o sol se ergueu, elles viram-me ahi de pé. Rogaram-me que descesse, promettendo proteger-me, mas eu disse «Não!» pois que na maldade da minha alma eu não desejava senão morrer, para me ir reunir a meu pae e a meu irmão, e a outro que mais estremecia ainda do que todos no mundo. Perguntaram-me elles onde se occultava o grande thesouro...»

A estas palavras Jacob arquejou, depois traduziu-as rapidamente, ao passo que a figura que ante elles se erguia se reduziu ao silencio, como se sentisse que por momentos d'ella se retirava a vontade d'elle.

— Fala, mando eu — disse Meyer.

E a voz sonora e lenta continuou, deixando coar dos labios de Benita as palavras peregrinas que ella nunca entendera.

— Respondi-lhes que o thesouro estava onde estava, e que, se acaso o entregassem a alguem que não fosse a pessoa predestinada, á sua gente succederia a mesma sorte que á minha. Á sua guarda o confiei com effeito, até que eu outra vez voltasse, pois que á hora extrema meu pae me recommendara que a ninguem o revelasse, e eu cria que, prestes a morrer, nunca mais voltaria.

«Fiz então a minha ultima prece, beijei o crucifixo de ouro que n'este momento pende ao seio dentro do qual eu resido — e a mão de Benita erguera-se, com um movimento automatico, retirara de sob a capa o symbolo sagrado, expuzera-o por instantes á claridade, e deixara-o recahir no seu logar — Tapei os olhos com as mãos, e despenhei-me».

A voz calou-se, mas dos labios vinha ainda um som lugubre, como o que houvesse soltado alguem cujos ossos se dilaceravam nos rochedos, seguido por outros sons parecidos com os de pessoa que se asphyxia na agua. Tão horrendos eram de ouvir que Clifford esteve a pique de perder os sentidos, e o proprio Jacob Meyer vacillou e fez-se tão pallido como o rosto pallido de Benita.

— Desperte-a! Pelo amor de Deus, desperte-a! — bradou o angustiado pae. — Ella está moribunda, como essa mulher que ha centos de annos morreu.

— Não a acordo, emquanto ella não nos disser onde pára o thesouro. Cale-se, insensato. Ella nada sente, nada soffre. É o espirito dentro d'ella que revive o passado.

Novo silencio se seguiu. Parecia que toda a historia acabara, e que o narrador se fôra embora.

— Benita Ferreira — disse finalmente Meyer — ordeno-te que me digas, estás morta?

— Ah! oxalá que o estivesse, assim como o meu corpo! — gemeram os labios de Benita — Ai de mim! que este purgatorio padeço, e n'elle devo permanecer sósinha até ao dia predestinado. Sim! O espirito d'essa que foi Benita Ferreira deve residir isolado n'estas paragens. Tal é a sentença, velar por esse ouro maldito que á terra foi arrancado pela cubiça cruel e pago com as vidas de tantos.

— Ainda está seguro? — murmurou Jacob.

— Vou ver — e depois de uma pausa — Já vi. Lá está elle, todo inteiro, em saccos de couro, um dos quaes apenas cahiu e rebentou, um que é negro e vermelho.

— Onde está? — perguntou elle de novo.

— Não posso dizel-o, nunca, nunca!

— Alguem existe a quem possas dizel-o?

— Sim.

— A quem?

— Áquella em cujo seio habito.

— Dize-lh'o pois.

— Já lh'o disse, ella sabe-o.

— E pode ella dizer-m'o ?

— Que ella guarde o segredo, conforme quizer. Graças vos sejam dadas, ó meus Guardas ! Alliviei-me do meu fardo ; está expiado o meu peccado de suicidio.

— Benita Ferreira, foste-te embora ?

Não houve resposta.

— Benita Clifford, ouves-me ?

— Ouço ! — disse a voz de Benita em inglez, comquanto Jacob, por esquecimento, se lhe houvesse dirigido em portuguez.

— Onde está o ouro ?

— Sob a minha guarda.

— Dize-me, ordeno eu.

Mas nenhuma palavra se ouviu ; embora repetisse uma e outra vez a resposta, palavra alguma se ouviu, até que por fim a cabeça d'ella descahiu sobre os joelhos e ella murmurou em voz debil :

— Liberte-me, senão morro !

(Continua.)

BANDOLIM

(N'um postal da illustrada signorita Clementina Moreira da Silva)

«Por uma noite enluarada e fria,
N'um barco, onde eu scismava olhando as aguas,
De uma janella, que p'ra o mar se abria,
Veio um som despertar as minhas maguas.

De um bandolim saudoso e dolorido,
Certo, mão de mulher vibrara a corda ;
E então vivi um tempo já vivido, —
— Porque o passado esse instrumento acorda». —

*
* *

Não vibreis nunca o bandolim, senhora,
Nunca o façais vibrar gemendo assim,
Pois quando um bandolim palpita e chora,
***Alguem** chora e palpita dentro em mim.*

Elle nos fórça a amar o soffrimento
E traz do céo todos os sons que encerra...
Depois que appareceu esse instrumento
Foi que a saudade appareceu na terra.

Recife — Maio — 1906 **Moreira Cardoso**

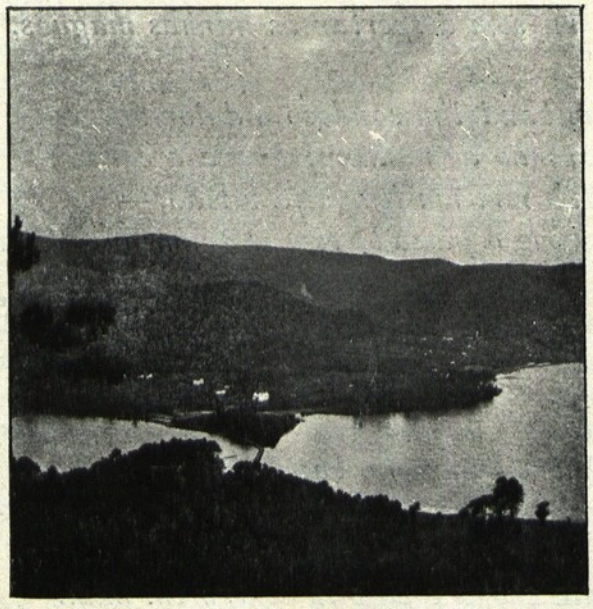
Lendas Açorianas

SETE CIDADES

Vós sabeis todos, irmãos meus na lingua e na raça, da existencia de nove lindos rochedos, cercados pela vastidão azul do Atlantico, açoitados pelas tormentas, beijados pelo sol, e que são as mais lindas terras de Portugal — os Açôres.

No maior e mais lindo dêsses rochedos, em S. Miguel, ha um pedaço de terra deslumbrante, num profundo valle, na bocca duma cratera immensa, vestida de arvoredo soberbo com duas lagoas vastas lá em baixo, uma verde e outra azul, a espelharem o pedaço de ceu que as cobre.

Formadas pela mesma agua, que apenas estreita a meio pela configuração do terreno, sendo uma lagoa só, parecem realmente duas, a quem para baixo olha, do alto das cumiadas esplendidas. E maior se torna a illusão, ao vêr-se que são verdes metade das suas aguas, e que são azues as aguas da outra metade.



LAGOA DAS SETE CIDADES

Em toda a bella terra portuguêsa — acreditae-me! — não ha um cantinho de natureza que se lhe possa igualar: Têm muitos kilometros de circumferencia as cumiadas altissimas, por cujas ingremes encostas é tão abundante o arvoredo enorme — eucalyptus, incensos, pinheiraes gigantes — que até parece que já não ha espaço onde uma urze cresça!

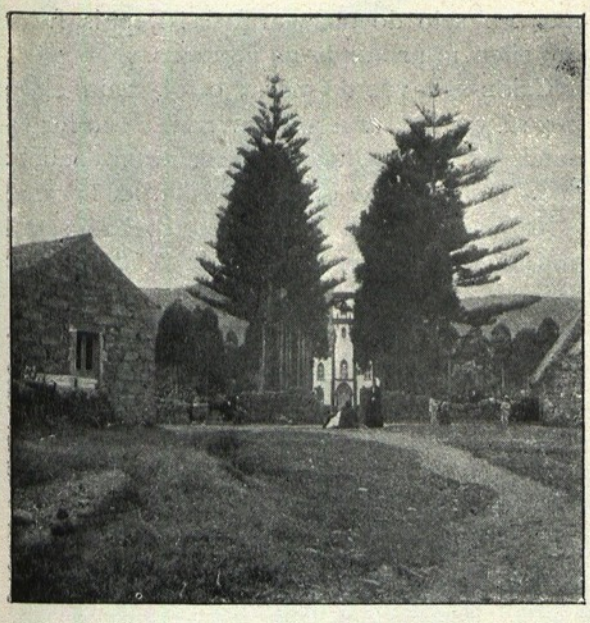
Oh! as Sete Cidades!

Mas tambem é possivel que vós todos, irmãos meus na lingua e na raça, ignoreis a razão por que a esse precioso canto da terra michaelense se chama Sete Cidades, sendo uma simples, pequenina aldeia, nas margens dessas lagoas encantadoras, e porque ellas, sendo uma só, metade das suas aguas são verdes, e são azues as da outra metade.

Pois eu vos conto a deliciosa e maravilhosa lenda.

— Escutae-me!

Aquelles nove rochedos, e muito mais terra que o fogo dos vulcões arrojou e o mar subverteu, formavam antigamente um vastissimo



EGREJA DAS SETE CIDADES

e formoso paiz, tão vasto que o seu rei não sabia ao certo o numero dos seus vassallos, dos seus castellos, das suas cidades e dos seus povoados!

Esse paiz, rico e phantastico, chamava-se a Atlantida.

Ora, o rei da Atlantida vivia tristissimo, por não ter successor á sua corôa e ás suas terras. E, por esse motivo, o seu coração, que era cheio de bondades, foi-se tornando tão mau, tão cruel, que já iniquamente tratava o rei os leaes vassallos que tanto o tinham amado!

Ao tempo em que assim andava, consumido por afflicções e por maldades, veiu uma noite em que elle, andando a vagueiar pelos jardins do paço em companhia da rainha, viu descer do alto, illuminando intensamente a treva da hora, a figura luminosa do anjo do bem, que desta sorte lhe fallou:

— Rei da Atlantida! Venho trazer a alegria ao teu coração! Dentro em breve serás pae d'uma filha, tão linda e tão virtuosa que será o orgulho e a honra do teu povo. É preciso, porém, para que tenha fim a tua maldade, que, durante vinte annos, nem tu, nem homem algum d'estes reinos, se approxime da princeza, que viverá a dentro dos muros de sete maravilhosas cidades, que eu farei erguer no mais lindo canto das tuas terras e onde só donzellas a servirão. Mas toma conta, rei da Atlantida! Se antes de passados os vinte annos ousares transpor as muralhas que hão de guardar lá dentro os encantos de tua filha, morto serás tu, arrasados serão os teus dominios!

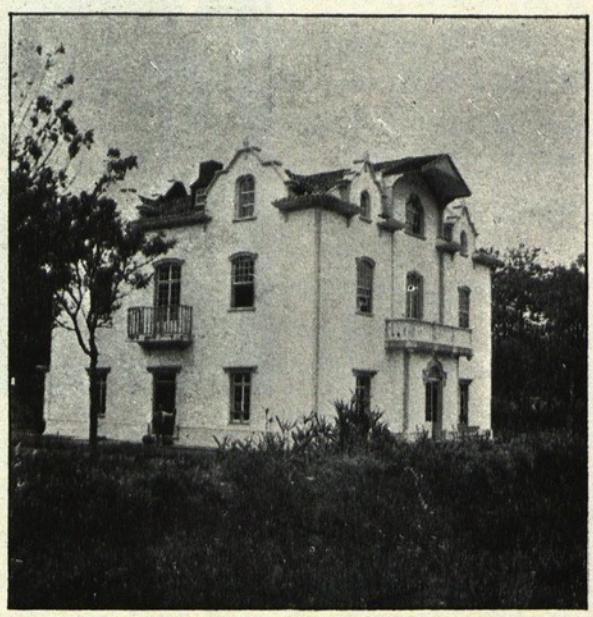
Prometteu o rei fazer como a visão dissera; e a luz que a illuminava foi-se elevando no ceu, até de todo se perder, deixando a rainha e o rei petreficados de assombro, na escuridão profunda da noite, sob as arvores aromaticas dos jardins do paço.

Tempos depois, nasceu a princeza; e por muitos dias, pomposamente, andaram em festa todas as terras da Atlantida.

Iam passando os annos. A princeza crescia em maravilhas de formosura, rindo e cantando pelos jardins das sete maravilhosas cidades, rodeada pelo seu cortejo de virgens. Para esses passeios, levava ella sempre o seu lindo chapelinho azul celeste e os seus delicados sapatinhos verdes. E de tantas flores que a cercavam, de tantas estrellas que a cobriam, era ella a mais mimosa flor e a mais brilhante estrella!

No emtanto, consumido de saudades longe de sua filha, o rei da Atlantida, á maneira que os annos passavam, mais ardia em desejos de a ver. Emmagrecia, tornava-se cada vez mais colérico, cada vez mais opprimia os seus vassallos. E nesse estado de desespero, apesar de ter ainda bem presentes as palavras fatidicas da visão, decidiu ir bater ás portas das muralhas que guardavam a linda herdeira da sua coroa e das suas terras.

Mandou aprestar um grandioso sequito dos seus mais nobres guerreiros, e com elles se poz a caminho das sete cidades maravilhosas.



SETE CIDADES — CHALET DO DR. CAETANO D'ANDRADE

Durante a longa marcha, o ceu ia-se tornando cada vez mais negro, e das entranhas da terra sahiam vozes sinistras. Mas o rei caminhava sempre, num desvairamento, mandando avançar o espavorido sequito.

Os muros altos das sete cidades surgiram emfim, pesados e escuros na escuridão tragica do dia.

Cruzavam-se no ar linguas de fogo; a terra tremia ruidosamente, e a vóz rouca do mar, vinda de longe, semelhava o brado de agonia dum gigante!

Tôrvo, sombrio, el-rei ergueu a sua espada enorme, e bateu com ella violentamente a uma das portas das muralhas. Um trovão pavoroso estrugiu no ar, echoou lugubremente por toda a terra! E no mesmo instante abateram com fragor sinistro, sobre o rei e seus cavalleiros, os muros sombrios das sete maravilhosas cidades, emquanto um fogo terrivel se elevava da terra fendida, que desapparecia em chammas no seio do mar em furia! Depois, fez-se um silencio profundo na natureza.

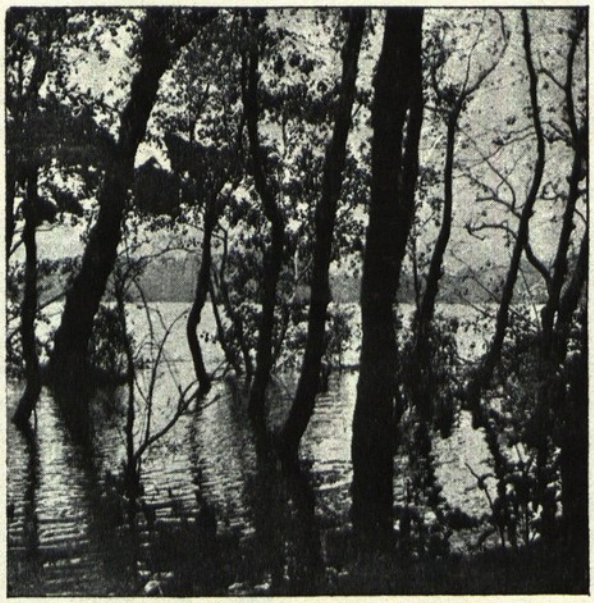
Calou-se a voz do mar, e o sol, muito claro, poz-se do ceu azul a beijar com a sua luz fecunda os nove pedaços que restavam daquella terra vasta, que se chamara Atlantida!

No maior e mais lindo dêsses rochedos, que muitos seculos depois Gonçalo Velho descobriu, ainda existe o logar onde se erguiam nessas remotas eras as maravilhosas sete cidades, cujo nome ainda conservam, transformadas numa simples pequenina aldeia, nas margens dessas lagoas encantadoras, que se espraiam no profundo valle, aberto pela terra que o fogo dos vulcões arrojou.

E a mesma agua que as forma é metade verde e metade azul, porque no fundo duma lá ficaram os lindos sapatinhos verdes, e no da outra o chapelinho azul celeste da mallograda princeza, tão fatalmente morta pelo mau tino do rei da Atlantida.

Lisboa, 1905.

RAPOSO DE OLIVEIRA.



SETE CIDADES — UMA MARGEM DA LAGOA

A FEIRA DE LOURES

VENDA DE CESTOS

Todos os annos, no quarto domingo de julho, em Loures, povoação aprazivel, abundante em aguas, arvoredos e deliciosos fructos, costuma haver uma importante feira de gado onde concorrem negociantes de quasi todos os pontos do paiz.

N'uma extensão enorme de terreno, coberta de sol e fadiga, avistam-se acampados circundando as manadas, recuas e rebanhos, grupos numerosos de homens e mulheres formando barracas, acendendo lareiras, dispondo utensilios que vão chegando nas carroças que de longe em longe surgem na volta da estrada n'uma nuvem de poeira.

É deveras curioso o borborinho e a desordem que esta gente de negocio estabelece no mercado, cantando uns, n'uma desafinação propositada, ramalhando outros, chocalhos, latas, campainhas e ainda com esgares, momices e mais festas por vezes tão indecorosas, que o nosso avô do Matto certamente não teria. Todo este inferno que movimenta a feira tem uma visão unica — chamar a attenção do comprador.

É um verdadeiro campeonato do *réclame* na sua forma primitiva

Á medida que os curiosos, romeiros e mais gente vão enchendo o recinto, as exhibições dos feirantes recrudescem. Aqui, um cigano monta um cavallo em pello pinponeando a destreza e galhardia do bicho; acolá os marchantes e pastores, em fitas de terreno propositadamente levantado, dispõem as ma-

VENDA DE CESTOS

Fôra um camponio que depois de atirar muitas argolas conseguiu enfiar uma, recebendo como premio a navalha em que acertou.

Entretanto o homem de olhos terriveis continua a preguejar — Cada argola dez reis. Quem quer uma navalha? Quem quer uma navalha?

Outros jogos e outros espectaculos por ali se fazem, tudo n'uma alegria postiça da parte dos feirantes e n'uma ancia do vintem que chega a fazer dó.

nadas de fórma que as cabeças do gado fiquem n'um plano mais alto para assim lhes dar maior belleza e maior vista; alem, uma cachopa á porta de uma barraca, de carão tostado, saia curta, formas rijas e gestos provocantes, convida o populhacho ao peixe frito que ao fundo, na lareira, uma velha desdentada e de olhos pequeninos, vae tirando da frigideira de barro á medida que o vê loiro e cosido; perto, um homem de barba em carapinha e negra, olhos parados e terriveis de fazer medo a um salteador, apregoa em altos berros — Quem quer uma navalha? Cá está o jogo da navalha — e a um grupo de camponios que o escuta, vae offerecendo argolas que estes atiram para a prancha de madeira onde estão espetadas as navalhas.

— Arre diabo... até que emfim. Diz um do grupo.

— Ganhou. Pegue lá a sua navalha, accrescenta o homem do jogo.

A fraude, a audacia, a gatunice, ou menos criminosamente — o negocio da feira é um *sport* autentico, adquirido por uma educação especial e demorada por uma pratica de muitos annos chegando os mestres n'esta arte de furtar, em geral ciganos, a fazer prodigios, cousas inacreditaveis. Assim, ainda ha pouco tempo, um pobre homem foi á feira vender a um cigano um burro gasto e velho

CONDUZINDO O GADO Á FEIRA

por sete mil reis, afim de comprar um novo que aturasse mais serviço.

Como a feira demorasse uns dias acontece que o cigano, tosqueado o burro, muito limpo e bem alimentado durante o tempo em que o teve á mão, conseguiu pol-o em estado de poder fazer boa figura em apparencia.

PROVA DO VINHO

Tendo voltado á feira o antigo dono do já fallado burro, para comprar um novo, o cigano agora seu conhecido offereceu-se immediatamente para lhe arranjar um bom animal e por um preço relativamente barato. Mostrou-lhe um burro que não era feio, esperto, trabalhando bem, por cinco libras. Comprou-o o nosso homem e não achou caro. Partiu para o seu casal contentissimo porque o bicho parecia de boa andadura.

— Deve ser novo, dizia elle.

Mas, qual o seu espanto, quando ao apear-se perto de casa, o burro novo, por sua alta recreação, sem que alguem lhe ensinasse o caminho, enfiou para a cabana que servia de estrebaria ao antigo. Admirado o homem com aquella sabedoria do bicho, entrou de examinal-o com cuidado e reconheceu que o burro novo era o velho, o mesmo que dias antes tinha vendido por sete mil reis.

Só os ciganos conseguem fazer habilidades d'esta força e com tamanha perfeição.

Por processos hoje conhecidos de quasi toda a gente, elles conseguem fazer d'um cavallo ou qualquer outro gado, um animal capaz de ver-se. Para isso basta-lhes, durante alguns dias, alimental-o bem, deitando-lhe nas rações um pouco de sal commum misturado com uma dose, evidentemente pequena, de arsenico em pó; depois bem tosqueado limpo e escovado, o animal assim é capaz de enganar o mais pintado que não seja, é claro, bastante conhecedor do assumpto.

OUTRO ASPECTO DA VENDA DOS CESTOS

Por isso a desconfiança que se nota no comprador ao abeirar-se de um

cigano na feira para fazer negocio e a astucia d'este para impingir o que tem de ruim é cousa digna de ver e apreciar.

Quando o negocio vae realisar-se na venda dos animaes, este reveste um ar de cerimonia muito curioso e parece obedecer a um rito cheio de paganismo e de belleza: o vendedor se é um cavallo monta-o, e se é um boi avança para á frente da manada n'uma attitude aprumada, alteando o peito, salientando as ancas, firmando bem os pés e brandindo a aguilhada com que toca os bois redobrando de elegancia e destreza como se as quizesse transmittir aos animaes para melhor convencer o comprador.

Este, a certa altura do exame dá-se por satisfeito; ha um aperto de mãos, uma palavra sacramental e na proxima locanda ambulante bebe-se vinho e conta-se dinheiro.

A feira de Loures este anno, como sempre, foi muito concorrida vendo-se lindas e sadias raparigas que contrastam com as que estamos habituados a ver certos dias em Lisbôa, não só em formosura mas ainda em belleza de typo até com aquellas que se orgulham de o ter herdado de uma raça seleccionada e illustre.

UM ASPECTO DA FEIRA DE GADO

Em geral a nossa mulher da Extramadura e Alemtejo não é das mais bellas e foi para nós d'uma surpreza bem agradavel encontrarmos raparigas, cujos rostos, d'um rigor de desenho admiravel, atravessando a feira n'um ar simultaneamente altivo e timido que as tornava interessantes a valer. Os olhos mais indifferentes não podiam

deixar de parar agradados sobre aquellas figuras de mulher tão simples, tão naturaes, revestidas apenas do inedito e curioso encanto que tem a graça arisca do instincto.

A nota mais alegre e fresca da feira era, evidentemente, a que estas mulheres sadias e coradas deixavam na sua passagem em bandos.

O aspecto do recinto, pela tarde, quando o sol se despedia já, nas franjas do arvoredo, que ao longe se avistava, tornava-se mais agradavel, porque o calor e a poeira, que ali eram insupportaveis, concorriam bastante para que todos esses costumes caracteristicos e interessantes, irritassem a gente pouco habituada áquelle inferno.

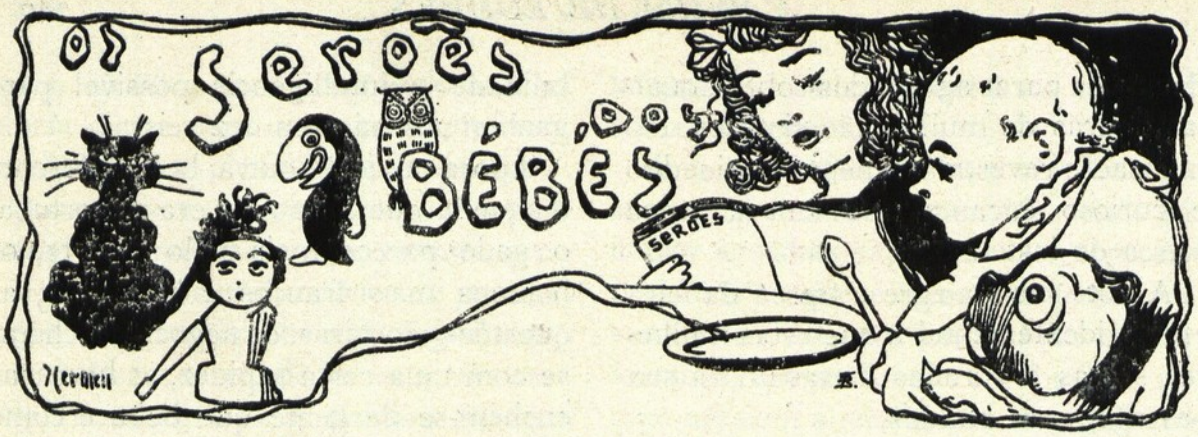
Todos esses rumores e cantigas que pela hora do sol e da sede fazem horrores e desesperos, são agora motivos de piedade e ternura para esse povo distante da civilisação por tantos centos de annos e revelando por essa forma de viver e enganar a defesa legitima d'essa vida apenas farta de neccessidades e miserias.

Agora que o bem estar e a frescura da noute que se approxima nos abraça n'uma caricia, o jogador da navalha já não tem os olhos terriveis e patibulares, mas os de um pobre mendigo que põe ao serviço da fome toda a habilidade e intelligencia possivel para ganhar uns miseros dez reis.

Agora, a vida é outra, bem differente d'aquella que ha pouco era importuna; o gado parece mais bello e forte, os homens mais francos e bondosos, as questões são raras, os negocios fecham-se com uma certa rapidez, as barracas enchem-se de gente que bebe e come com apetite, ha como que um reconhecimento para com todos d'um certo bem que se trocasse.

Approxima-se a noute e afastamo-nos da feira. As luzes vão apparecendo pelo recinto que de longe lembram estrellas que do ceu cahiram, as manadas recuas e rebanhos já deitados, pelo escuro, confundem-se com a terra que parece leveda de cabeças a mecher. Pela estrada encontram-se ainda alguns retardatarios a caminho da feira que preferiram a noute para a viagem; e, n'uma carroça puxada por um boi e um cavallo lá vem uma familia com uma tribu de filhos a dormir sobre montes de lona, cestos, e mais trapos, destacando-se n'um ar de estatua da fome, uma figura de mulher amamentando um pequenito que de vez em quando chora talvez a seccura d'esses peitos. Ao lado, mas a pé, de aguilhão em punho segue o marido e pae d'essa familia ajudando o boi e cavallo a puchar por aquillo tudo.

(*Clichés* de Castello Branco)



As sete linguas d'ouro

Todos os dias, ao entardecer, conduzia para casa um pastor o seu rebanho, tocando alegremente na sua flauta.

Ao atravessar uma collina sentia-se ferido sempre por sete picadas, o que, a principio, julgava ser uma illusão, reconhecendo mais tarde que era uma realidade.

E isso fazia-o scismar e tanto scismou que um dia pediu a seu irmão para atravessar o mesmo caminho a ver se sentia as mesmas picadas.

Passou e não sentiu, e isso espantou-o deveras.

E o pastor continuava a matutar, e não sabia se taes picadas eram um bom ou mau agouro.

Tinha elle um temperamento alegre, mas parecia que o sentimento não era dos mais delicados, pois tratava mal as suas ovelhinhas. Batia-as sem dó nem piedade e fazia chorar o coração ouvir-lhes os balidos de fome, sem as conduzir ás boas pastagens.

O irmão fazia justamente o contrario. Tratava o seu rebanho com todo o carinho, e a sua alegria era viva quando tinha boas forragens para lhe dar.

Era um regalo ver os bellos bois que apresentava nas feiras e que toda a gente admirava.

O pastor torturava-se com as picadas que sempre sentia no caminho e, quasi com colera, dizia elle ás vezes comsigo proprio:

— Ora deixa estar que mais tarde ou mais cedo heide desvendar este mysterio. Vou mudar de caminho.

E então saltava montes e valles, para que nem a sua sombra tocasse ao de leve na mysteriosa collina.

Mas tanto fazia isso como coisa nenhuma. Logo que elle chegasse a um caminho que ficasse em frente ou ao lado da tal collina, sentia sempre as mesmas picadas.

N'uma tarde em que elle se entretinha a dar com tojos nas suas ovelhinhas, viu approximar-se um homem muito alto.

— Que prazer sentes tu, ó pastor, — em tratar assim as tuas ovelhas? perguntou-lhe.

— Que tem você com isso, seu lobishomem? Ora vá em paz e deixe-me cá com a minha vida — respondeu o pastor encolerisado.

E o lobishomem, como elle o chamava, galgou o monte com dois gigantescos passos, proferindo bem alto, de maneira a serem ouvidas pelo pastor, estas palavras: *Fugir ao dever que o pagar é certo.*

Mas o pastor nada ouviu e dizia comsigo mesmo: — Irra! Que intromettido aquelle patusco é! Metter o bico onde não é chamado!

Á hora habitual, reuniu as sete ovelhas do seu pobre rebanho e lá partiu a caminho de casa.

A certa altura sentiu as mesmas picadas.

— Safa! que d'esta vez chegaram-me ao coração!

«QUE PRAZER SENTES TU EM TRATAR ASSIM AS OVELHAS?»

Desde esse dia, o pastor foi mais jovial do que nunca, talvez por se sentir acompanhado por um mysterio que considerava como bom annuncio.

Pouco depois tornou-se pensativo e reflectido, olhando o seu rebanho com compaixão, principiando os remorsos a atormenta-lo ao ver que as suas ovelhinhas não caminhavam, pelos maus tratos que recebiam.

Um dia viu-se obrigado a atravessar a mysteriosa collina, para encurtar caminho, pois o seu rebanho já não podia atravessar os montes que até alli passava.

O pastor sentia-se mais humano e reuniu forças e sangue frio para seguir caminho.

Mas o desalento apoderou-se delle e começou a chorar. Todavia, marchou com o rebanho.

Quando chegou ao meio da collina sentiu as mesmas picadas, e a cada picada que sentia, viu cair mortas, a seus pés, as suas ovelhas, uma a uma.

No meio d'um desespero sem limites, ouviu a voz do homem que lhe apparecera no monte, a dizer-lhe: *Fugir ao dever que o pagar é certo.*

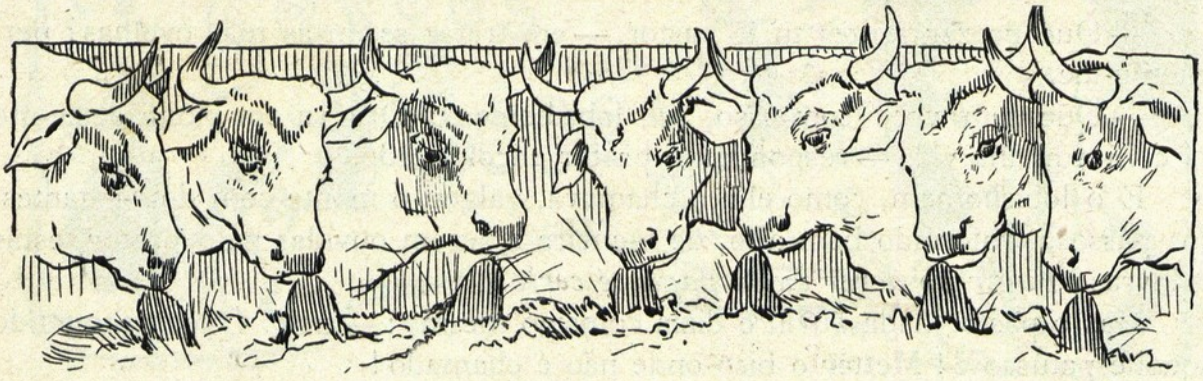
Estas palavras aterraram-no e elle fugiu para casa, deixando, na collina, as suas ovelhinhas mortas.

Passaram-se dias e dias e elle a tudo ficou indifferente.

Não se importava do que via, nem fazia caso do que ouvia.

Mais tarde voltou á razão e comprou outro rebanho.

Eram umas ovelhinhas muito lindas e cuidava d'ellas com o mesmo desvelo com que o irmão tratava do seu gado.



APPARECERAM SETE LINGUAS DE OURO

Andava sempre á cata das melhores pastagens, mas, coisa singular! as ovelhinhas, em vez de se tornarem gordas, eram cada vez mais magrinhas, que até pareciam esqueletos.

Com isto se entristecia o pastor muito, vendo que ainda era o castigo a dilacera-lo, e passava horas e horas a chorar amargamente. E n'uma intima melancolia, a bocca traduzia-lhe estas palavras, que o coração lhe ditava:

— Ninguem se arrependa de fazer bem. Se eu o tivesse praticado, não era o destino tão cruel para comigo, enchendo-me de fel todas as horas e instantes. Como eu desejava agora ver as minhas ovelhinhas, gordas e lindas, fazendo a cubiça de todos os pastores!

*
* *

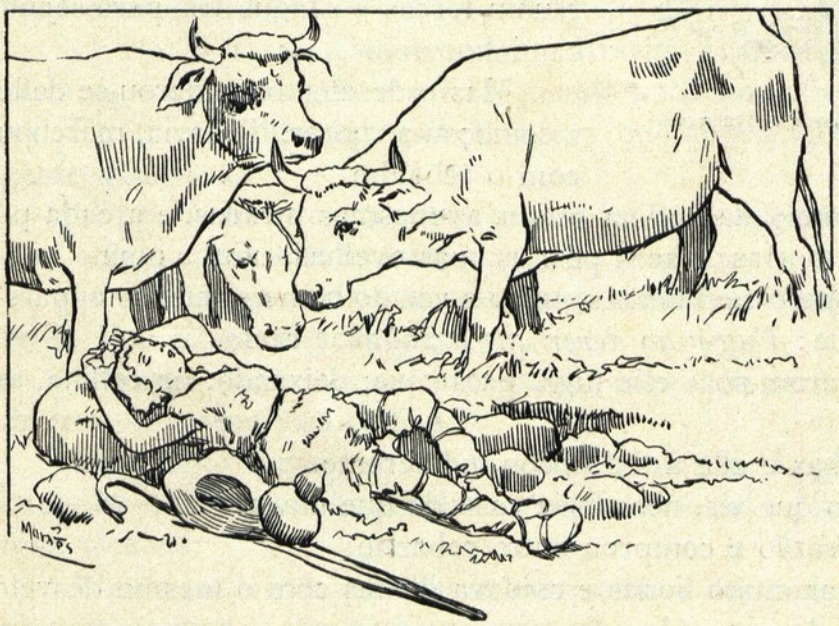
Uma noite, quando acabaram de comer a tigella de caldo, perguntou elle ao irmão:

— Porque é que o teu gado anda gordo e bonito e o meu não é capaz de engordar por mais esforços que eu faça?

— É o pasto que tu vês e nada mais — replicou o irmão, sem que a sombra d'um remorso lhe toldasse o rosto alegre.

No dia seguinte resolveu seguir o irmão, sem elle o saber, e viu que tomava a direcção da collina onde lhe morrera o rebanho.

Para que não fosse visto, aconchegou-se a uma arvore.



BAFEJOU O PASTOR ADORMECIDO

Viu que o irmão collocou a vara a um lado e da jaqueta fez travesseiro, deitando-se a dormir socegadamente, deixando o gado a pastar em liberdade.

Mas qual não foi o seu assombro ao ver que, quando o gado chegou á altura em que elle sentia as picadas, toda a collina ficou n'um brilho deslumbrador e no sitio onde as suas ovelhas cairam mortas appareceram sete linguas de ouro e de cada uma d'ellas brotava agua cristallina que os boisinhos beberam soffregamente. E á medida que iam bebendo tornavam-se gordos e luzidios, brilhando como a propria collina.

Apenas o gado acabou de beber, o brilho da collina começou a extinguir-se gradualmente e as sete linguas d'ouro desappareceram, como por encanto.

O pastor quasi delirava no meio daquelle quadro de tamanho esplendor e tão cheio de mysterio.

Depois o gado, como se porventura um instincto de bondade o animasse, bafejou o pastor adormecido. Quando acordou viu que a noite vinha tombando e que um sino lá ao longe já annunciava as Ave-Marias. Levantou-se e partiu para casa.

No dia seguinte disse o pastor para o irmão:

— Amanhã quero que o meu rebanho vá junto com o teu.

— Pois sim — replicou o irmão sem hesitar.

O pastor conheceu logo que elle desconhecia a mão mysteriosa que o guiava.

Ao outro dia, partiram juntos.

Quando o pastor viu que o seu irmão se dirigia para a collina, sentiu um estremecimento de terror.

— Não vou para ahi, porque me custa estar no sitio onde morreram as minhas ovelhas — observou elle.

— Então foi na collina?!

— Foi, sim.

— Pois não me lembro que o meu gado por aqui pastasse.

O pastor ficou admirado com o que acabava de ouvir ao irmão.

— Mas tu hontem estiveste na collina!

— Estás enganado. Onde eu estive foi n'aquelle campo que vês ao longe, a distancia de mais d'um kilometro.

Cada vez o pastor se sentia mais espantado e reconheceu que o irmão, apenas saira de casa, fora em sonho.

— Pois bem — replicou o pastor — Não consinto que subas ao meio da collina.

Palavras não eram ditas, já o gado que pertencia ao irmão corria, em debandada, pela collina fora, emquanto as ovelhas do pastor se sentiam attraidas por uma força desconhecida. Tentava penetrar no interior da collina, mas estacaram logo, como se uma grande barreira as detivesse.

E desta vez, sem que o pastor e o irmão sonhassem, enxergaram bem, com os olhos esbugalhados, a collina a brilhar em ouro. Lá estavam as mesmas sete linguas de ouro, a brotar agua cristallina e o gado a regalar-se com ella.

O pastor estava agora roido pelo remorso e fascinado com tanta riquesa.

O irmão, com passo firme, como quem nada teme, porque tinha a consciencia serena, penetrou na collina e a poucos passos, defrontou elle com uma grande pedra, que lhe causou extranha surpresa.

Achou o caso tão extraordinario que pegou no cajado e tocou-lhe. De repente a pedra transformou-se no mau homem que o pastor tinha visto.

E esse homem tomou o guardador do gado pela mão, conduzindo-o junto das sete linguas d'ouro.

— Sabes o que eu te quero mostrar? perguntou-lhe.

— Não — respondeu o pastor immediatamente.

— Pois olha — replicou o homem. Aqui encontras o quadro do teu destino — destino bom, ou destino mau. Tens sido bom, tens sido trabalhador, e por isso o teu futuro será de riquezas, de opulencias, se continuares como até hoje. Não succederá o mesmo ao teu irmão. Para elle serei continuamente a sua negra sombra. Nunca sentirá prazer de ver a sua vida engrandecida.

— De quem são estas ricas linguas d'ouro? perguntou o guardador.

— São das sete ovelhas que teu irmão matou á fome e á pancada.

O mysterioso homem, ao pronunciar taes palavras, passou o dedo em todas as linguas, que se transformaram logo em sete lindas ovelhas.

— Ahi tens essas ovelhas, são para ti — disse-lhe o homem.

— Não, não as quero. Não me pertencem. São de meu irmão. Ainda ha pouco me disseste que fosse bom, mas eu tornar-me-ia mau se com as ovelhas ficasse. Não, não as quero. O que posso é entrega-las já ao dono, que é meu irmão.

O homem viu nestas palavras, pronunciadas com uma bella energia, a formosura do coração do guardador.

E AMBOS FORAM DITOSOS

— Pois bem! Entrega-lh'as que eu, em compensação, dar-te-hei todas estas que vês por ahi alem.

Olhou em torno de si por toda a collina e viu-a coberta de bellos rebanhos, que pareciam um dourado formigueiro.

— Agora parte, na roda do destino e fica em paz — disse o homem.

— Senhor! — disse o guardador banhado em lagrimas — perdoae ao meu irmão e pretegei-o como a mim proprio.

E o homem, voltando-se:

— Pois tanta riqueza não terá elle, como tu, mas terá metade da tua bondade e isso acariciará a sua sorte.

O guardador voou ao encontro do pastor e contou-lhe tudo o que havia succedido.

E ambos foram ditosos, ambos bons, ambos dignos e ambos virtuosos.

Porto–5–Agosto–1906 MARIA PINTO FIGUEIRINHAS

Grandes topicos

Na Russia

APEADO da presidencia do conselho de ministros Goremykine, que, como toda a gente previra, nada conseguiu fazer, o czar substituiu-o por Stolypine — e desde logo se ergueu em toda a Russia um côro de imprecações contra o throno, a breve trecho apoiado pela voz unisona da imprensa mundial. Esse murmurio universal de protesto tinha toda a razão de ser porquanto Stolypine é, nem mais nem menos, um Goremykine... mais reaccionario ainda. Assim, comquanto se apresentasse como liberal, começou logo por suprimir tudo quanto havia sido concedido pelo manifesto de 30 de outubro: a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião e a inviolabilidade individual; por ultimo, violou os *ukases* constitutivos da Duma, fazendo promulgar pelo imperador os creditos que o parlamento se recusara a votar. Quer dizer, em pouco menos de dois mezes, arrebatou aos cidadãos russos as poucas garantias concedidas pelo czar, n'um momento de panico. Entretanto, continuava a affirmar com ostentação que fazia

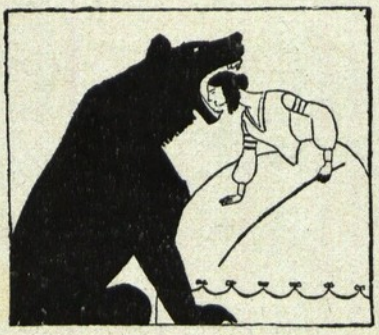
STOLYPINE

Primeiro ministro da Russia

NA VESPERA DE DISSOLUÇÃO

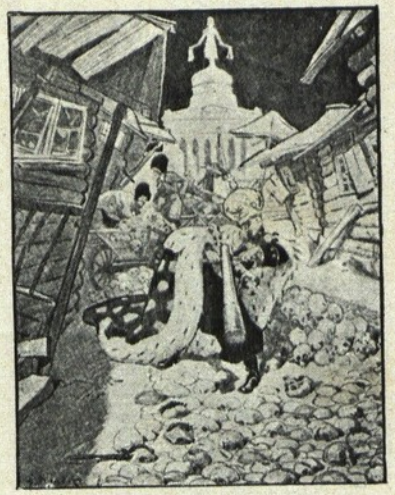
O poder do povo russo bastou para içar a creança (Governo Parlamentar) até á borda do poço de sangue, mas ahi está o verdugo á espera para lhe dar o golpe mortal.

Do "*Pasquino*,,



A DUMA: CARICATURA PROPHETICA

Do "*Lustige Blätter*,,



SEMPRE NA ESTRADA VELHA!

O caminho da Liberdade Russa é calcetado de boas intenções

Do "*Kladderadatsch*,,

governo liberal. «É um liberalismo que condemna a liberdade a trabalhos forçados», dizia ultimamente o *Temps*, apreciando a marcha da politica de Stolypine.

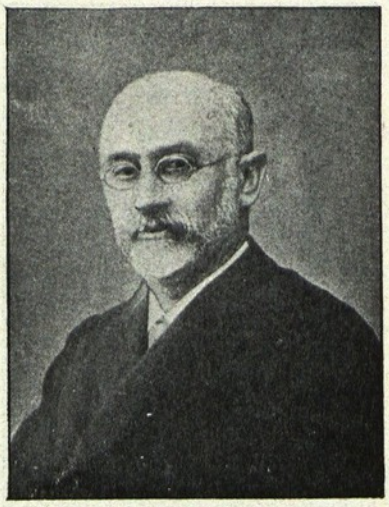
Em presença d'isto, não admira que os terroristas se lançassem de novo n'uma feroz campanha de exterminio que, dia a dia, assume proporções mais tragicas e ameaça transformar a Russia n'um montão de ruinas. Já d'ella mesma foi victima o proprio primeiro ministro, que, ainda ha bem pouco tempo, viu ir pelos ares, á força de dynamite, a sua casa de campo e nos escombros d'ella ficaram sepultadas 22 pessoas, contando-se entre os feridos os seus proprios filhos.

A autocracia procura, é claro, defender-se do novo arranco revolucionario e, assim, das 87 provincias em que se divide o imperio moscovita, 82 estão já sujeitas á lei marcial. Mas estamos em crer que, a despeito de todos os seus esforços, nada conseguirá. Chegadas as coisas ao ponto em que se encontram, o dilemma está posto para ella: ou submette-se, ou morre!

TRABALHADORES DILIGENTES

Podem falar á vontade, mas nada de comer
(Mostra os membros da Duma trepados á vinha onde ha cachos de rublos. Trepoff está em baixo com um knout)

Do "*Kladderadatsch*,,



HERZENSTEIN

Membro da Duma, assassinado em Helsingfors

A Egreja e a França

VOTADA pelo parlamento a lei de separação da Egreja do Estado, toda a França aguardou, com um natural interesse, as resoluções que, em presença do novo estado de coisas, tomaria a Curia romana. O parto foi laborioso — e só ao fim de longas hesitações, consultas e balões de ensaio, o papa deliberou dizer da sua justiça. Como? Prégando a resistencia. Pio X poz-se á frente d'aquelles que entendem dever explorar para fins politicos a lei de separação e que, sem se importarem com os interesses religiosos, só cuidam em excitar o fanatismo contra a Republica.

Tudo indicava ao pontifice o dever e a necessidade de ser prudente e de procurar tirar do novo regimen as vantagens que logicamente d'elle podia obter — porquanto a unica probabilidade da salvação para a Egreja em França estava na aceitação leal e sincera da lei. Em vez d'isso, porém, o papa, na sua encyclica aos catholicos francezes, preconisa a guerra religiosa, préga a hostilidade systematica ao governo republicano, não consentindo que se constituam as associações cultuaes, ás quaes deviam ser devolvidos os bens da Egreja. Não se lembrou que, d'essa maneira, colloca o clero

ABAFANDO O SINO DA LIBERDADE

O CZAR — *Preciso calar este badalo, dé por onde der*

Do "*Manchester Evening Chronicle*,,

O POVO E A AUTOCRACIA

Por mais manso que seja um cavallo, ponham-no defronte de uma mangedoura vasia e engordem-no com promessas de finissimos alimentos, que elle desatará aos couces, a não ser que intervenha a Sociedade Protectora dos Animaes.

Do "*Papagallo*,,

francez fóra da lei, e que o governo dispõe de meios praticos para o reduzir rapidamente á impotencia, como seja, por exemplo, a supressão das pensões.

Procedendo assim, o papa contou evidentemente com o generoso concurso dos fieis, mas n'isso consiste o seu principal erro, pois que, á hora presente, o sentimento religioso em França já não é de molde a conduzir a grandes sacrificios.

Foi, emfim, uma falta grande, que compromette irremediavelmente o futuro da Egreja em França. N'ella, decerto, não teria cahido o espirito lucido de Leão X...

Eduardo VII e Guilherme II

A entrevista, realisada a 15 de agosto, em Friedrichskoff, do rei de Inglaterra e do imperador da Allemanha, tem feito correr muita tinta por esse mundo de Christo. Diversos jornaes estrangeiros pretenderam ver n'ella o termo das hostilidades abertas ha longo tempo entre os dois paizes e o inicio de uma nova era de bom entendimento, porquanto, explicavam, foi a primeira vez, depois de dois annos, que Eduardo VII consentiu em encontrar-se com seu sobrinho, não o tendo sequer feito o anno passado quando atravessou o territorio germanico para ir fazer a sua habitual cura de aguas em Marienbad. Mas a imprensa ingleza acudiu logo para, sorrateiramente, affirmar que a entrevista dos dois soberanos «não tivera o menor alcance politico».

Ao mesmo tempo, os jornaes francezes annunciaram, com uma tal ou qual ostentação, que, no seu regresso á Gran-Bretanha, o rei Eduardo deter-se-ia em Paris. A imprensa allemã, que até ahi conservara sobre o caso uma atitude dubia, não teve então remedio senão confirmar abertamente as declarações da sua confrade de alem-Mancha. A officiosa *Gazeta de Voss*, por exemplo, chegou a exprimir-se assim: «A entrevista resumiu-se n'isto: troca de cumprimentos e de apertos de mão».

Foi essa, em ultima analyse, a versão aceite por todos. Ella era, de facto, a mais racional, porquanto, a despeito de todos os protestos officiosos em contrario, a Allemanha e a Inglaterra *não se podem ver*. Sem duvida, a entrevista terá servido para atenuar, até certo ponto, o effeito produzido pelas mutuas aggressões—mas nada mais. Nem o povo allemão está identificado com os actos do kaiser, nem Eduardo VII, que molda rigorosamente os seus pelas indicações que em todos os actos da sua vida lhe dá o povo inglez, iria fazer uma coisa que a este profundamente repugnaria.

FELIZ AVÔ!

Linda creança, não é verdade? Sempre de bocca aberta, tal qual o avôsinho

Do "*Nebelspalter*,,

A Constituição do Transvaal

A Inglaterra cumpriu a sua palavra. Comprometera-se ella, ao saír victoriosa da guerra sul-africana, a dar, n'um futuro o mais possivel proximo, uma constituição ao Transvaal. Durante a estada no poder do partido conservador que tomara esse compromisso, não foi elle satisfeito, mas logo que assumiu a direcção dos negocios publicos o partido liberal, o chefe do governo *sir* Henry Campbell Bannermann, annunciou que se propunha saldar essa divida quanto antes.

Acaba de fazel-o. A camara dos communs approvou, ultimamente, em primeira leitura, e por 316 votos contra 83, o projecto que n'esse sentido lhe fôra apresentado pelo sr. Winston Churchill. Estabelece elle a egualdade absoluta entre boers e inglezes, que, por isso, gosarão dos mesmos privilegios e dos mesmos direitos.

O DRAGÃO DA ESQUADRA ALLEMÃ

Quanto mais se lhe dá, mais exige. Ha de acabar por nos devorar. Véem-se os ministros allemães alimentando os dragões com sacos de dinheiro, que teem as inscripções: "imposto de cigarros", "imposto de propriedade", "imposto de automoveis".

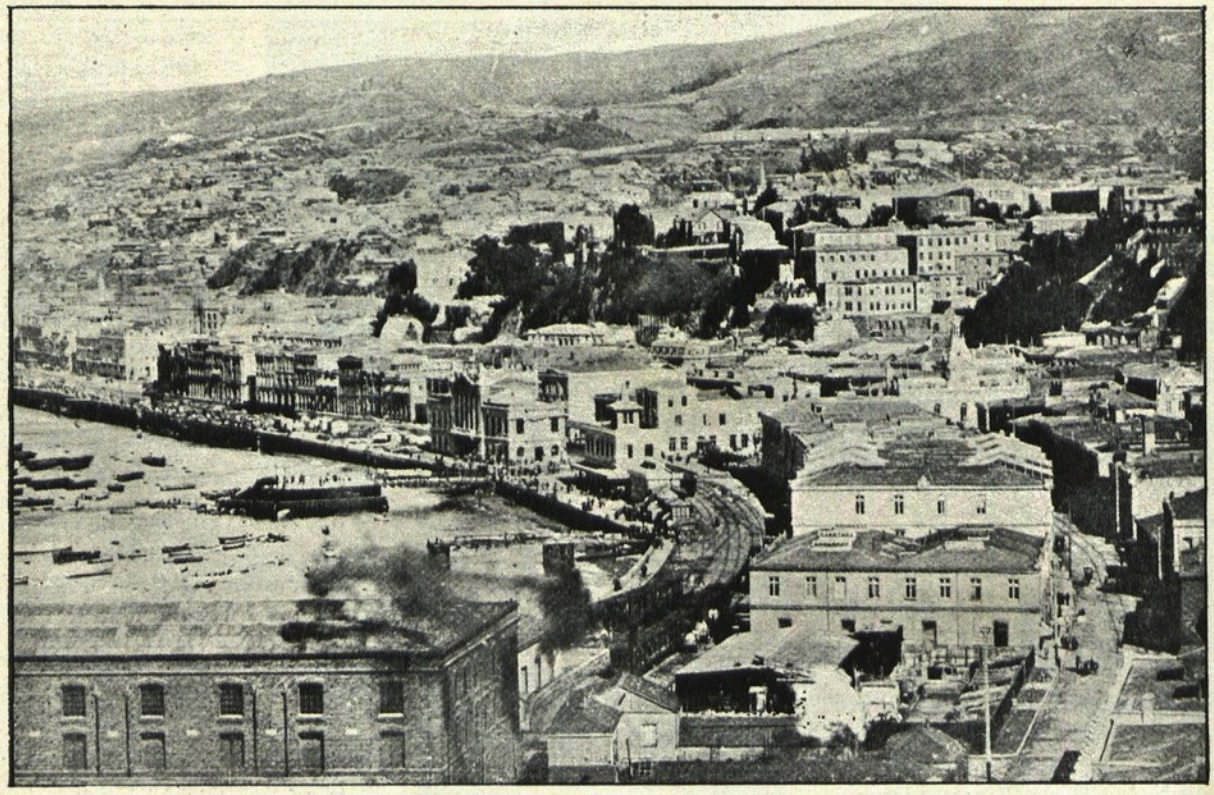
Do "*Wahre Jacob*,,

E instituido um Parlamento, com duas camaras: a primeira comprehenderá 70 deputados, retribuidos, (34 pelo Rand, 6 por Pretoria e 20 pelo resto do Transvaal) eleitos por todos os cidadãos maiores de 21 annos, e que tenham mais de seis mezes de residencia no Transvaal. A camara alta compôr-se-ha de 15 membros que, para a primeira sessão legislativa, serão nomeados pela corôa, mas depois serão eleitos, como os deputados. As linguas officiaes no parlamento serão o inglez e o hollandez.

O projecto estabelece que o recrutamento da mão d'obra chineza cesse a partir do dia 13 de novembro, sendo abrogada a lei que o facultou.

O naufragio do «Sirio»

Um grande sinistro maritimo, dos maiores que a historia nautica regista, tornou tristemente celebre o dia 5 de agosto ultimo. Procedente de Barcelona e de Napoles, seguia pelo Mediterraneo, em direcção á Republica Ar-



VISTA GERAL DE VALPARAISO

gentina, o paquete italiano *Sirio*, quando, ao passar em frente de Cartagena, foi, por erro do commandante, de encontro ao baixio das Formigas, afundando-se immediatamente.

O *Sirio* transportava 800 pessoas, a maior parte das quaes emigrantes. E, apezar dos extraordinarios esforços dos tripulantes dos navios que acorreram em seu auxilio, não houve meio de evitar que 300 d'elles fossem tragados pelo mar.

Valparaiso destruida

ALEM da catastrophe do *Sirio*, uma outra, incomparavelmente maior, veiu assignalar o mez de agosto d'este anno. Referimo-nos ao pavoroso terremoto que no dia 16 destruiu quasi completamente a bella cidade chilena de Valparaiso, occasionando a morte de 2.300 dos seus habitantes. Os pormenores d'essa horrivel catastrophe, publicados nos jornaes, são de natureza a commoverem ainda os menos impressionaveis. Mas só o facto em si, laconicamente apontado, basta para fazer estremecer de horror toda a humanidade e despertar em todos os corações o mais puro e legitimo sentimento de piedade e sympathia por esse nobre e valoroso povo chileno que, com o seu esforço e a sua intelligencia, tem sabido conquistar na historia da civilisação um logar invejavel.

As eleições em Portugal

ENCONTRANDO-SE no poder o joven partido regenerador-liberal, cujo chefe e chefe do governo, sr. João Franco, atacara, na opposição, com a maxima violencia, a lei eleitoral vigente, feita por um ministerio progressista, suppoz toda a gente, a principio, que elle não se serviria d'esse diploma para regular a eleição do parlamento com que devia passar a governar. Todavia, o sr. João Franco declarou desde logo que não podia prescindir do concurso d'essa lei — porque não queria iniciar a vida nova da politica portugueza com uma dictadura. E foi assim que as eleições se effectuaram no dia 19 de agosto, seguindo-se á risca a lettra da lei progressista.

Entretanto, o presidente do conselho de ministros, talvez para honrar o seu programma de governo, mas decerto tambem para atenuar o pessimo effeito produzido na opinião publica por aquella determinação, que fôra recebida como um primeiro acto de vassalagem aos antigos processos governativos, afirmou solemnemente que, dentro dos limites, aliaz estreitissimos, marcados na lei, seriam respeitados no acto eleitoral os direitos de todos os partidos.

E foram — até certo ponto. Com effeito, o eleitorado da capital, que ha alguns annos vinha dando a maioria dos seus votos a candidatos republicanos, viu, pela primeira vez, que, *dentro dos taes limites*, a sua vontade era respeitada. E assim, sairam eleitos por Lisboa quatro deputados d'aquella côr politica.

A entrada d'esses quatro homens no parlamento portuguez, acalmando, por um lado, a irritação que vinha lavrando no partido republicano, não vem pôr em perigo immediato a existencia das instituições. Ao contrario, intelligentes e patriotas como todos elles são — e os seus proprios adversarios o reconhecem — poderão collaborar com ellas, em certa medida, na obra da regeneração de Portugal.

Vida na arte

CAROLINA FALCO

A actriz Carolina Falco

Mais uma individualidade artistica de valor acaba de nos arrebatar o Brazil. A actriz Carolina Falco, que se ligára á companhia de Angela Pinto, falleceu em Pernambuco, com 67 annos de edade e talvez meio seculo de vida artistica. Era muito considerada em palcos portuguezes, pela distinção da sua figura e pela antiga belleza de que ainda conservava brilhantes vestigios, e ainda pela sua adaptação a trabalhos dramaticos de diversa indole, embora, sobretudo nos ultimos annos, se notabilissasse principalmente em papeis de comedia. A sua perda determina uma lacuna, por emquanto difficil de preencher. E a sua memoria não é facil de apagar-se nos corações dos que intimamente a conheceram, pois que o seu valor artistico não sobrelevava á sua bondade.

Era mãe do illustre autor dramatico Augusto de Lacerda, que ainda na epoca passada teve em D. Maria um justificado successo.

A sua morte vem mais uma vez mostrar que toda a cautela é precisa n'estas *tournées* dramaticas organisadas para o Brazil, sujeitando os artistas a excessos de trabalho em climas pouco adequados ao viver dos europeus.

Dansas hindus

Uma bailarina original, Miss Ruth Saint Denis, americana como Loie Fuller, a creadora da serpentina, está fazendo furor em Londres com a reproducção das danses mysticas dos Brahmanes. Auxiliada por uma deslumbrante *mise-en-scène*, revestindo um traje da mais estricta conformação á magnificencia oriental, coberta de pedrarias e perolas, Miss Saint Denis figura a deusa Radha, a gloriosa esposa de Krishna, no seu pomposo santuario, adorada segundo o ritual por uma turba de sacerdotes. Ás orações dos fieis ella responde então n'uma dansa mystica, symbolisando a renuncia dos sentidos corporaes. É um bailado impressionante e suggestivo, dizem os criticos, como se fôra um sermão coreographado.

A lingua ingleza aos baldões

O Presidente dos Estados Unidos, á falta de topicos onde desenvolva a sua febril actividade, dirigiu agora a sua imperiosa attenção para a grammatica. Instigado pelo millionario Carnegie e estribado na opinião do professor Matthews, da Universidade de Columbia, Theodoro Roosevelt determinou, com a autoridade que lhe confere a constituição dos Estados Unidos, que se adoptasse officialmente a simplificação orthographica proposta por aquelle professor. Entende o Presidente que a lingua dominante no mundo hodierno deve despojar-se de todas as difficuldades que ainda hoje embaraçam não só os extrangeiros, mas os proprios anglo-saxões. E ao mesmo tempo previne os europeus da sua raça que, caso não se cinjam ás suas determinações, a lingua americana tomará logar distincto do velho idioma de Shakespeare e Milton.

É evidente que a imperiosa resolução do chefe dos Estados Unidos produziu na Grã-Bretanha um movimento de protesto, manifestado por phrases irritadas ou sarcasmos mordentes. Uma conceituada revista termina o seu artigo pelas phrases seguintes:

«Todas as muitas e variadas influencias que teem contribuido para a formação d'esse majestoso instrumento de linguagem humana que, fora dos Estados Unidos, ainda se conhece sob o nome de «lingua ingleza», teem de se traçar na orthographia que tanto apoquenta o professor Brander Matthews e mais o caturra de seu Instituto de Orthographia Simplificada; e nós não vamos romper taes vinculos historicos por amor de uma uniformidade vulgar e pedantesca. Sem duvida que se fosse aquella sociedade encarregada de fabricar a lingua ingleza, deveria ter feito obra muito mais aceiada; mas, tal como está, é ella que vigora ha mais de mil annos, e confiamos que arrostará com o zelo reformador de muitos professores americanos, com a autoridade de um Presidente dos Estados Unidos, e com a riqueza de um serralheiro millionario».

Com vista ao zelo dos reformadores philologos do portuguez.

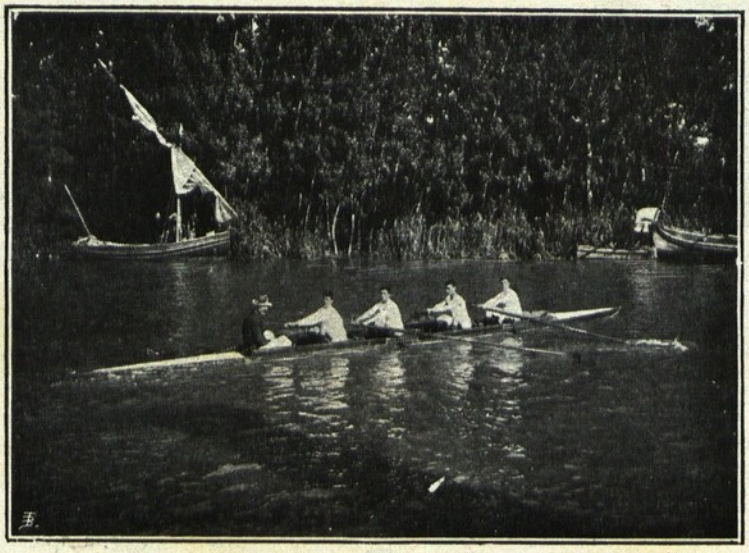
MISS RUTH SAINT DENIS
Nos seus admiraveis bailados hindus

Vida no sport

Regata na Azambuja

PROMOVIDA pelo Real Club Naval, realisou-se no dia 5 do mez de Agosto a regata na Azambuja, que foi uma festa brilhante e que correu animadissima. Os premios foram disputados por barcos de 6, 4, 3 e 2 remos sendo as corridas cheias de enthusiasmo, tanto por parte dos corredores, como por parte dos espectadores. A concorrencia foi enorme e via-se no local da regata o que ha de melhor n'aquella villa, alem dos forasteiros que em grande numero concorreram de Lisboa e de outros pontos.

Os premios foram distribuidos á noite no meio de uma selecta concorrencia, na séde do Club, sendo offerecida aos corredores uma taça de champagne.



REGATA NA AZAMBUJA

O desenvolvimento do automobilismo em França

FOI um francez, Cugnot, o primeiro inventor de um carro automovel, construido em 1797, o qual ainda se encontra em Paris. A invenção não teve consequencias immediatas. Foi preciso quasi um seculo para que ella chegasse a resultados praticos, e foi exactamente um seculo depois, em 1897, que a corrida ganha por um pequeno carro Bollée consolidou em França a industria dos automoveis.

De então para cá, a construcção dos automoveis n'esse paiz ascendeu desde 1.850, com o valor de francos 8.300.000, em 1898, até 22.000, vendidos por 176.000.000 francos em 1904. Sem sombra de duvida, a França tomou a vanguarda no exercicio d'essa nova e prospera industria, chegando a exportar nos primeiros seis mezes de 1905 o valor de 49.035.000 francos em automoveis.

Possue a França mais fabricantes de automoveis do que todas as outras nações da Europa reunidas, como se pode ver na seguinte tabella, em que o nosso paiz infelizmente não figura:

Fabricantes de automoveis em

França	172
Grã-Bretanha	114
Allemanha	60
Belgica	36
Italia	19
Suissa	19
Austria	13
Russia	8
Hollanda	7
Dinamarca	6
Suecia e Noruega	5
Hespanha	3

A desproporção é ainda maior tratando-se dos manufactores e commerciantes de obra de madeira e de virolas para automovel. A' França, que figura com 164 entre os primeiros e 145 entre os segundos, seguem-se respectivamente a Belgica com 29 e a Allemanha com 49.

E no fabrico de todos os outros accessorios, ainda a França se distanceia de forma notavelmente vantajosa de todos os seus competidores europeus.

Os negociantes de automoveis são em França 3357, ao passo que todos os restantes paizes da Europa teem apenas, ao todo, 1076.

Ha cerca de 20.000 automoveis em uso na Republica Franceza, os quaes representam um capital approximado de 8.000.000 libras. A industira dos automoveis abriu novo campo á aristocracia franceza excluida de diplomacia e dos altos cargos do exercito e da armada. E por isso vemos na lista dos que industrialmente se interessam pelo automobilismo nomes respeitados e illustres, como o marquez de Dion, o conde de Pourtalès, o marquez de Chasseloup-Loutat, o barão Zuylen, os condes Gontant de Biron, e muitos outros que figuravam na corte desde o tempo de Henrique IV.

Graças ao automobilismo, a França tem augmentado colossalmente, de anno para anno, a sua percentagem de visitantes extrangeiros, sobretudo americanos. Ha nove annos computava-se em 20.000 libras a quantia deixada annualmente pelos americanos em Paris. Hoje deve ser muito superior.

Mas não é só Paris que attrae os forasteiros, dentro das fronteiras da França. Todas as provincias são percorridas pelos automoveis, graças á excellencia das suas estradas que uma revista ingleza de especialidade considera as melhores do mundo, e á amabilidade hospitaleira dos habitantes.

Vida nos campos

SETEMBRO

No campo

TERMINADA a grande faina da colheita de cereaes em que o lavrador vê na eira qual foi o resultado das enormes canceiras do seu trabalho na cultura cerealifera, recomeça elle desde logo o rompimento das suas terras, que, viradas ainda antes do inverno, assim offerecem por maior espaço de tempo ao sol as suas entranhas, que elle, com todo o seu poder vivificador, prepára maravilhosamente para a grande transformação de semente.

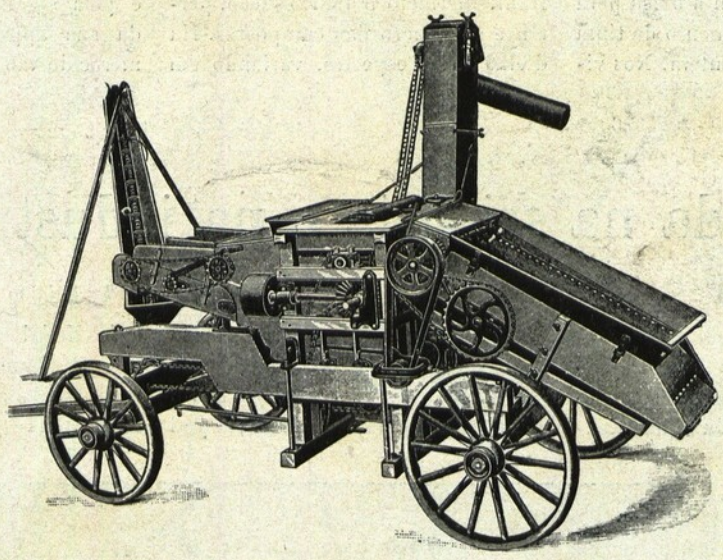
É por isso que quem vive n'esta quadra do anno, accidental ou permanentemente, no campo tem occasião de assistir aos primeiros trabalhos de charrua, com a qual *pachorrentos bois vão lavrando;* e se fôr espirito culto ou, pelo menos, observador, não deixará de ser tocado pela grande poesia do scenario! É o anno agricola que começa, e o primeiro passo que o lavrador n'elle dá. Que o tempo lhe corra bem!

Na horta

COMEÇA n'esta quadra a refrescar o tempo, e o hortelão a descançar mais um pouco das fadigas das regas. Sem comtudo deixarem de ser indispensaveis, se não chove, podem pelo menos ser menos abundantes.

Uma das culturas mais vulgares na horta é o milho. É este o mez da sua colheita.

O milho é uma planta das mais uteis. Os americanos cultivam-n'a com grande interesse, e teem, para essa cultura, inventado grande numero de apparelhos que lhe teem barateado immenso a mão d'obra: semeiam á machina, sacham á machina, colhem, debulham e preparam a verdura da planta á machina. D'esta economia de mão d'obra resulta o alargamento da cultura, e por conseguinte o barateamento do producto, que para toda a parte é exportado lucrativamente. Entre nós infelizmente as coisas passam-se differentemente, e para equilibrar preços intervem a alfandega, que assim concorre para a manutenção da nossa tradicional enxada e mangoal.



DESCAROLADOR MECHANICO PARA MILHO

A nossa gravura representa uma machina americana para a debulha do milho, grande modelo dando um rendimento de 150 a 200 mil litros de milho em cada 10 horas! O milho em maçarocas é lançado á pá para a bocca do alimentador, que fica a pouca altura do chão, e que o recebe e o conduz ao interior da machina onde o grão é separado do carolo joeirado e limpo, subindo por meio de uma nora para sahir pelo tubo de descarga que se vê erguido ao centro do apparelho e assim despejado com facilidade para dentro de carros em qualquer ponto alcançado pela rotação do tubo. O carolo, completamente debulhado, é lançado por outro elevador á frente da machina.

Este descarolador pode ser movido com um manejo de oito cavallos, mas o mais apropriado é uma locomovel de 10 cavallos, facil de se encontrar em uma lavoura de importancia.

D'estas machinas, esta é a maior; inferior a esta fabricam os americanos grande numero de modelos até ao pequeno descarolador de manivela para um só homem.

E entendem elles que a cultura do milho tudo merece...

Na vinha

É n'este mez que em geral se faz a vindima no nosso paiz. Com este trabalho termina a primeira parte da cultura denominada *viticola,* e começa a segunda parte denominada *vinicola.*

A verdadeira occasião de vindimar deve ser indicada pela perfeita maturação da uva que pode antecipar-se ou atrazar-se conforme lhe corre o tempo; e como do estado da uva, ao ser vindimada, depende muito a qualidade do vinho, não

deve ser o calendario que se deve consultar para se proceder a esta operação.

Os cachos são cortados, em geral, com navalha que, sacudindo os bagos, faz cahir muitos, o que constitue prejuizo importante; o melhor meio é empregar tesouras especiaes baratas, conhecidas por tesouras de vindima.

As uvas são lançadas em cestos, conduzidas assim para o lagar quando este fica perto, e em dornas, sobre carros, quando haja mais caminho a percorrer.

Nos lagares é a uva esmagada e conduzido o liquido ou mosto para as cubas de fermentação, onde é transformado o assucar em alcool.

Nos vinhos tintos fermenta o mosto juntamente com a balsa para o completo aproveitamento da tinta que a pelle da uva contem. Nos vinhos palhetes e nos brancos é separado o liquido da balsa immediatamente depois do esmagamento da uva, que hoje é geralmente feito com apparelhos especiaes munidos de cylindros canelados.

A primeira parte da fermentação em que ha mais agitação no liquido é denominada fermentação tumultuosa e dura dois a tres dias e mais segundo as condições em que se dá.

No jardim

COMEÇA a notar-se a decadencia da variedade de flores nos jardins. Uma das flores que maior ornamentação n'elles offerece n'este mez é a dahlia.

Esta flor, cujo nome deriva de Dahl, distincto botanico sueco, pertence ao genero das compostas. Ha d'ella varias especies, variando em côr. Foi importada da America onde era uma planta de flor singela, mas na Europa ganhou uma tão grande estima que a sua cultura tem sido estudada e aperfeiçoada de modo que hoje é uma das flores mais bonitas e variadas dos nossos jardins.

A reprodução obtem-se, em geral, por meio de tuberculos, que devem ser mettidos na terra em posição vertical Com a sementeira pode obter-se maior variedade de plantas, mas a sua cultura requer maiores cuidados.

A dahlia exige regas abundantes, mas junto ao pé, porque a agua prejudica muito a flor quando lançada sobre ella com agulheta ou regador.

Esta flor symbolisa *amor intenso*, de modo que se não sabe ainda se é pela significação se pela belleza da sua apparencia, que ella tem merecido tão grande predilecção.

Vida na sciencia e na industria

A nova machina de Santos Dumont

O inclito aeronauta brasileiro não descança do tenaz proposito de triumphar definitivamente na sua gloriosa campanha.

A recente machina voadora, de sua invenção, que em breve entrará no periodo experimental, deve ligar-se a um balão, de modo que seja facilmente actuada pela propulsão de um helice. Tem o feitio de uma ave immensa, com 11 metros de comprido e uma envergadura de azas de quasi 13 metros. É formada por fluctuadores celluiares cavilhados entre si. No centro ha um motor da força de 24 cavallos, com o helice na parte posterior.

A NOVA MACHINA DE SANTOS DUMONT

Explorações francezas na Africa

DEVE ter sahido de França uma expedição sob o commando do major Lenfant, a qual deve preencher lacunas ao mapa de Africa. O itinerario da expedição começa em Brazzaville, segue por Nola, ponto de juncção do Mambere e do Kadei que formam o Sangha, sobe o Mambere até Bania, depois entra no deserto, em direcção ao lago Laka, tendo por principal objectivo a ligação fluvial, tanto quanto possivel, da bacia do Logone com a do Sangha. Esta ligação dispensará os colonos francezes de se abastecerem de gado, cavallos e burros, importados das colonias allemãs dos Camarões. O cannibalismo existente nas regiões do Alto Sangha e do Kadei ficará abolido, por isso que os indigenas não recorrerão á carne humana, logo que o gado, até hoje escasso, accorra da região do Laka.

O major Lenfant dispõe da somma de 185.000 francos para presentes.